

Preá

REVISTA DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE CULTURA DO RN

#28 | Agosto. Setembro. Outubro 2014

Última aula
espetáculo do
mestre Suassuna

O que deu certo
e o que deu errado com
os pontos de cultura

Gira Dança
é um espetáculo
surpreendente

A jovem poesia potiguar
é um banho de lirismo

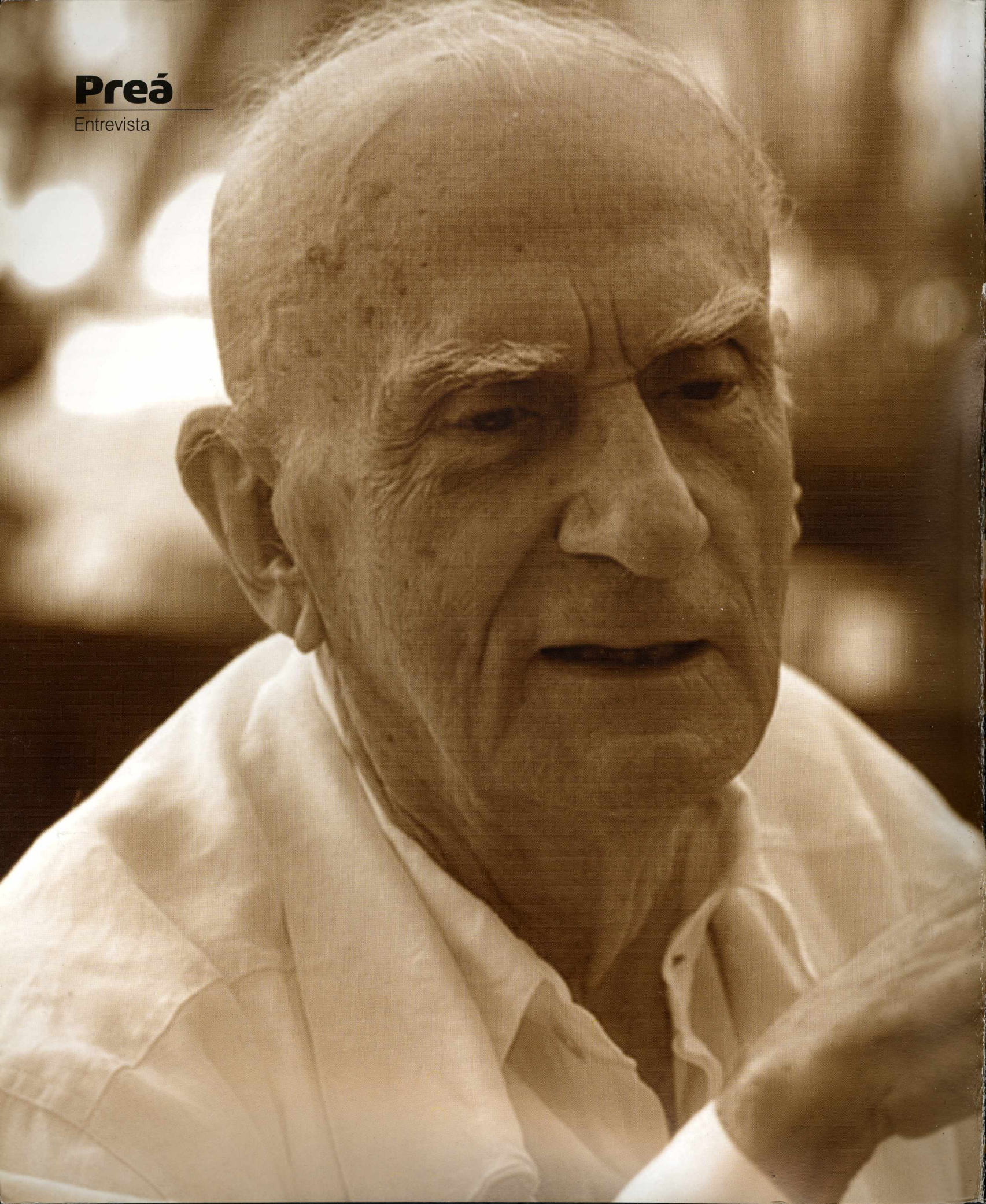
Escrever é coisa para
solitários e talentosos

Companhia de teatro faz
o Escarcéu em Mossoró

A mediocridade insuspeita
da poetisa potiguar

Preá

Entrevista





LIÇÕES DO ETERNO

mestre

“ DESDE QUE FIZ 80 ANOS EU DIGO:
TENHO DENTRO DE MIM
DUAS PESSOAS.

UMA SOU EU. OUTRA É

O TAL ARIANO SUASSUNA,
QUE É UM VELHO CABULOSO

E ME DÁ UM TRABALHO DANADO. ”

Sérgio Vilar
Jornalista

Ele esteve aqui em agosto de 2011 para dar mais uma aula-espetáculo que ele tanto gostava de apresentar. Temos aqui o testemunho do gênio do inesquecível Ariano Suassuna, que deixou de viver entre nós no fatídico dia 23 de julho de 2014.

O quase caricato Ariano Suassuna figuraria na trama de qualquer das suas peças e livros. Suas aulas-espetáculo misturam a comédia e o drama característicos dos clássicos de sua bibliografia. É de sua essência o humor. É de seu talento a arte de dramatizar situações. De criar estórias tragicômicas. E de hipnotizar o público e o leitor. Seja nas palestras ou nos livros. Seja no teatro ou na adaptação de suas obras à TV. Causos populares e filosofia caminham na mesma linguagem.

A cada presença em Natal, novos ensinamentos. Nova plateia. Adultos e adolescentes curiosos. Ariano Suassuna, mesmo contra seu discurso regionalista, é pop. E no ano passado, foi também tema de vestibular. Sua peça *O Santo* e a *Porca* foi recomendada pela UFRN. E a Fundação José Augusto convidou o próprio autor para comentar a essência da peça aos estudantes e admiradores presentes às centenas no Largo do Teatro Alberto Maranhão, dentro da programação do Agosto da Alegria.

Ariano Suassuna é doutor honoris causa da UFRN desde 2000. E muito além da proposta de integração entre ciência e cultura, ou mesmo a conotação do olhar acadêmico em sua aula-es-

petáculo, o paraibano de nascença, pernambucano de morada e potiguar de coração mostrou simpatia, teoria e o mesmo humor inteligente que passava entre a tragédia e a comicidade inocente, tão presentes no cotidiano nordestino. Conclusão: Ariano é um personagem repleto de verdades e estórias de si mesmo:

> *O que achou de sua peça O Santo e a Porca figurar nas questões do vestibular da UFRN?*

- É um sinal de velhice. Uma dessas vezes que me colocaram como tema de vestibular na UFPE, a irmã de um amigo que ia prestar vestibular disse que tinha dificuldade de arrumar uma bibliografia minha. Meu amigo disse que ia me pedir algum material. Aí ela disse: "E esse homem ainda é vivo?". Fiquei preocupado. Uns dias antes tinha recebido bilhete de uma moça delicada com a proposição de uma palavra cruzada, daquelas de revistinha. Lá perguntava sobre uma peça de Ariano Suassuna, autor contemporâneo de Gil Vicente. A essa altura estou com mais de 500 anos e não sabia.

“ O HERÓI É TRÁGICO PORQUE
DE CERTA FORMA ELE PROCURA
O DESTINO TRÁGICO.

POR LIVRE VONTADE ELE ENFRENTA O CONFLITO,
MORRE OU É ANIQUILADO
EM DECORRÊNCIA DESSE CONFLITO.”

> *Suas aulas-espetáculo sempre atraem grande público. O senhor já conta 84 anos. Até quando irá manter o ritmo de viagens e palestras?*

- Desde que fiz 80 anos eu digo: tenho dentro de mim duas pessoas. Uma sou eu. A outra é o tal Ariano Suassuna, que é um velho cabuloso e me dá um trabalho danado. Vocês não imaginam o que tenho enfrentado. Algumas semanas atrás recebi pedido de entrevista para duas moças. Quando do fim da entrevista, uma entregou a máquina fotográfica à outra e disse: "Quero tirar um retrato apertando sua buchecha". A minha buchecha! É complicado. Outra coisa: noto que pessoas evitam pronunciar duas palavras na minha frente: velho e velhice. E tenho orgulho da minha idade. Não é brincadeira chegar aos 84 anos animoso e bem humorado. Acho horrível é ser chamado de idoso. Três dias atrás completei 64 anos de namoro com minha mulher. Quando começamos eu tinha 20 anos e ela 16 e o namoro não acabou nem vai acabar. Às vezes ela me abraça e diz: "Meu velho, eu gosto tanto de você". Agora imagine ela dizendo: "Meu idoso...". É horrível!



> O senhor, claro, tem ciência das críticas que recebe lhe acusando de radicalismos. Como o senhor lida com elas?

- Uma vez entrou em minha casa uma senhora e disse que iria me dizer um monte de coisa que eu não iria gostar de ouvir. Eu disse: "Então não diga, oxe". Sou contra as pessoas falarem mal dos outros pela frente. É uma falta de educação grande. Constrange quem ouve e quem fala. Num custa esperar que a pessoa dê as costas aí a gente desce o pau. É questão de educação.

> Uma característica de sua obra é o humor mesclado à dor nordestina. É proposital essa inserção nos seus trabalhos?

- Na área das ações humanas há dois campos de interesse da arte: o doloroso e o risível. No campo do doloroso há duas características principais: o trágico e o dramático. No campo do risível, o cômico e o humorístico. Come-

ço pelo trágico – palavra quase sempre empregada pela imprensa para classificar acidentes. Se eu sou atropelado, a ocorrência é dolorosa, mas não é trágica. Todo acontecimento trágico é doloroso, mas nem todo acontecimento doloroso é trágico. Para ser trágico precisa de personagem representativo e excepcional. É representativo por deter as características da comunidade em que vive. E é excepcional por ter essas qualidades e defeitos em grau elevado. A morte de Gandhi é trágica. Primeiro porque ele foi um homem incomum; segundo porque ele tinha os defeitos e qualidades dos indianos; e era excepcional porque tinha essas características em grau elevado. E o seu assassinato se deu por uma ação elevada: por defender o pacifismo, o humanitarismo, a libertação da Índia. É diferente se eu morrer atropelado. Será dolorosa, mas não trágica.

> E o personagem dramático?

- O herói é trágico porque de certa forma ele procura o destino trágico. Por livre vontade ele enfrenta o conflito, morre ou é aniquilado em decorrência desse conflito. É um personagem excepcional que, por essa condição, encontra um destino excepcionalmente doloroso. Já o personagem dramático é um homem comum a quem acontece um destino excepcionalmente doloroso, por motivos até alheio às suas vontades.

> E o humor lhe é especial?

- Nisso eu sou brasileiro. Nós gostamos de rir e fazer rir. Zombamos de nós mesmos. É um traço simpático. A gente leva mesmo o brasileiro na graça. Molière, o grande escritor francês, dizia que não existe tirania que resista à gargalhada que dê três voltas ao redor dela. Nós somos indisciplinados; transgressores natos. É por isso que

nunca deu certo o nazismo no Brasil. Nem dá. Por essas e outras tenho fascinação desde que comecei a escrever, pelo cômico; pelo risível. Então procurei descobrir por que a gente ri de determinadas histórias. Tem uma, inclusive, inventada pelo povo brasileiro, que é extraordinária. É a de dois cegos amigos. Um era cego dos dois olhos e era muito forte. O outro enxergava em um olho, mas era muito fraco. Os dois foram dar um passeio de bote. O mais fraco disse: "Você que é forte vai remando e eu vou guiando o leme". Já em alto mar, o forte deixou escapulir o remo que furou o único olho bom do outro cego. Quando levou a porrada do remo, o fraco disse: "Pronto". Aí o forte pensou que tinham chegado e desembarcou na água. Então me diga por que a gente ri de uma história miserável dessa?

> E qual o resultado dessa procura pelo cômico e o risível?

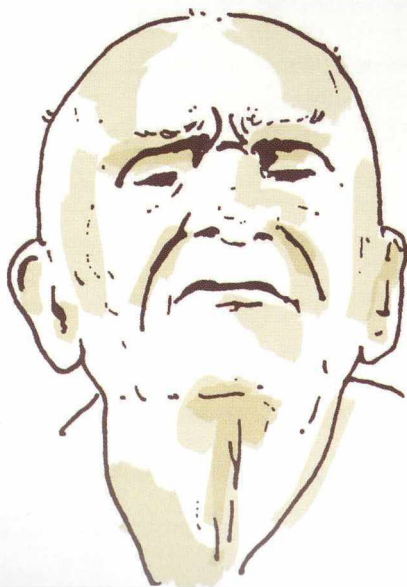
- Estudei o tema. O primeiro pensador que encontrei foi Aristóteles. Ele definiu assim: "O cômico é uma desarmonia de pequenas proporções e sem consequências dolorosas". Por isso uma queda é cômica: quando tropeçamos e caímos se instala uma desarmonia no corpo. Mas se a queda tiver consequências terríveis, não rimos. Outro pensador, francês, chamado Bergson, disse que há no autor cômico a obrigação de anestesiar a sensibilidade das pessoas que estão lhe ouvindo para que não prestem atenção nas possíveis consequências dolorosas da desarmonia. Perceba que tive o cuidado de alertar que a história dos cegos foi inventada. E por isso os dois personagens cegos não estão sujeitos ao sofrimento. Mesmo assim essa estória tem um momento perigoso, quando um fura o olho do outro. Mas eu fiz um gesto para demonstrar mais comicidade do que tragédia, ou o riso desaparecia. ▶

> *E para criar comicidade?*

- Bergson dizia também que uma maneira de se criar o cômico é a repetição. Li um conto do americano Mark Twain, chamado O Infeliz Noivo de Aurélia. O noivo, primeiro, perde uma perna, depois a outra, aí perde um braço e o outro também. Fica um cotoco. Aí Aurélia escreve uma carta ao noivo perguntando se ela ainda teria obrigação de casar com ele. A gente lê esse conto às gargalhadas. O fato, fosse real, seria terrível, mas a repetição das pernas e braços quebrados deixa o conto engraçado.

> *O segredo é apenas a repetição?*

- São três situações que Bergson dá como classicamente cômicas: a repetição, a inversão e a interferência. Ele disse que o cômico aparece quando uma mecânica se instala na pessoa. Conheci um camarada em Recife apelidado de Benedito Mucica. Mucica tinha o tique nervoso. Ele não controlava os movimentos e desse defeito surgiram estórias hilárias. Quer dizer, é a mecanização dos gestos da pessoa. Bergson diz que isso torna a pessoa cômica.



> *E a inversão?*

- A situação de inversão é quando o personagem arma uma série de ações e elas se voltam contra ele mesmo. Em A Farsa do Advogado Pathelin – uma farsa medieval francesa, muito curiosa e engraçada – conta-se que um camponês roubou um carneiro. O dono do carneiro deu queixa contra ele ao juiz. O ladrão, com medo de ser preso, contratou o advogado Pathelin. Pathelin disse: “Só tem um jeito pro seu caso: você vai se fingir de doido. Tudo que perguntarem a você se limite a berrar feito carneiro”. No julgamento, o advogado defendeu seu constituinte. “É um homem honesto, de tamanha delicadeza moral que só pela acusação de roubo ficou doido”. E o juiz fazia as perguntas e o ladrão só dizia “béee”. O juiz se convence que ele é doido e o absolve. Quando os dois vão saindo do Tribunal, Pathelin pede o pagamento dos honorários. Aí o camarada disse: “béee”. Quer dizer, o feitiço virou-se contra o feiticeiro.

> *Para fechar, a interferência.*

- É quando se cruzam duas séries de acontecimentos. No Auto da Compadecida, por exemplo, João Grilo diz ao padre que o cachorro doente que receberia sua bênção pertencia ao major Antônio Morais – homem rico e poderoso. Ao mesmo tempo ele sabe que o filho do major também está doente. Então, o padre está numa série de acontecimentos: “O cachorro do major está doente e eu tenho que o abençoar porque ele está exigindo”. E o major está em outra série de acontecimentos: “Meu filho está doente e eu tenho que pedir a bênção do padre pra ele”. Quando os dois se encontram cada um julga, por equívoco, que a série do outro é a mesma dele. O padre diz ao major: “Quanta honra receber o major na Igreja. Já sei o que é: o bichinho está doente”. Bichinho pode ser o menino ou o cachorro, né? O Major: “Já soube?”. O padre: “Aqui tudo se espalha rápido. Já está fedendo?”. Aí o major: “Quem?”. “O bichinho!”. “Padre, o senhor está com modos de falar muito esquisitos. Vou dar queixa do senhor ao bispo”. O Padre: “Qual é a doença, é rabugem? Pergunto por que morreu um aqui faz pouco tempo. Começou pelo rabo”. “Padre, veja com quem está falando. Meu nome é Antônio de Brito Morais. Descendo do Conde dos Arcos, de gente que veio das caravelas”. E o padre disse: “Na certa os antepassados do bichinho também vieram, né?”. O major justifica: “Claro. Se os meus vieram, os deles também. O senhor insinua que a mãe dele procedeu mal?”. Aí o padre: “Mas, claro, é uma cachorra”. E por aí vai.

> *Então, o cômico caminha nessas diretrizes, sem maiores liberdades?*

- Olha, Freud deu duas definições para o cômico. Primeiro, que existe quando, sob uma série de palavras de aparência inocente, se observa obscenidade escondida. Particularmente não gosto de palavrão. Acho vulgar e sem graça. Gosto de obscenidade dita com inteligência, desse modo de Freud: camuflada entre palavras inocentes. Em outra estória inventada, um frade capuchinho tomou um táxi em Recife e o motorista parecia um doido, acelerado. Mais adiante desviou de um ônibus e bateu em um pedaço de figo. O frade quebrou a testa no vidro dianteiro do carro. Aí ele tirou o lenço, colocou na testa para estancar o sangue e perguntou: "Ô, meu filho, seus pais ainda são vivos?". "São", disse o motorista. "O senhor me apresenta os dois para eu fazer o casamento deles?". Entendeu? O frade chamou o motorista do palavrão sem pronunciar.

> *Há diferença entre cômico e humorístico?*

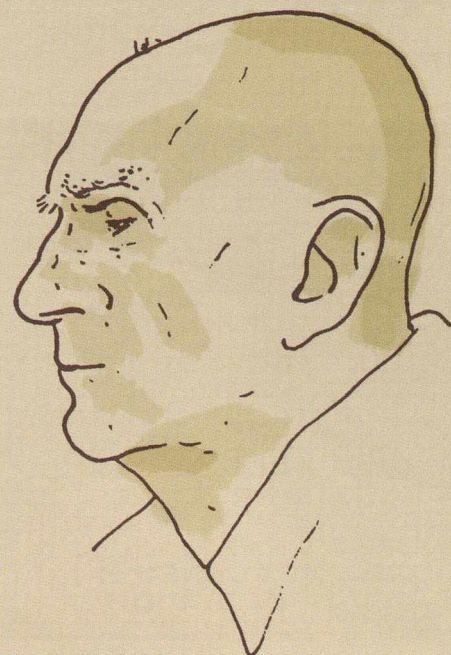
- O humorístico é um tipo especial de risível, onde você junta o cômico com o doloroso e o trágico. Os filmes de Chaplin, a exemplo de Luzes da Ribalta, são humorísticos por que ele demonstra profunda compaixão pelo Vagabundo e ao mesmo tempo mostra situações profundamente cômicas. Ele funde o trágico e o cômico em uma obra só.

> *Foi o que o senhor tentou em O Santo e a Porca?*

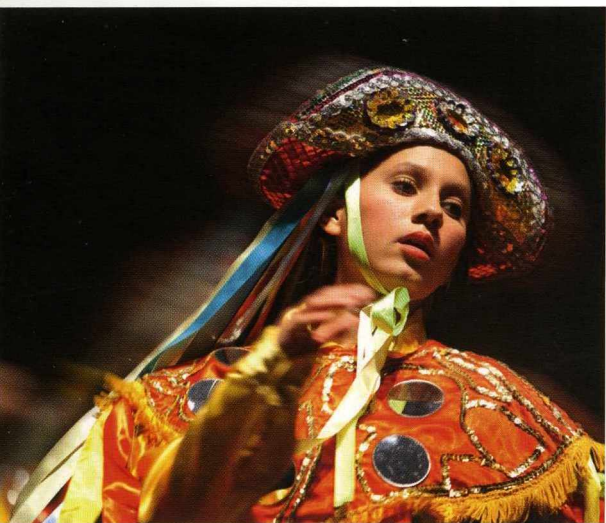
- Isso. O Santo e a Porca é uma comédia que, no fim, termina comovendo. Pelo menos esta foi a minha intenção.

> *Essa teoria relatada é usada em suas peças?*

- Não posso falar da minha obra. Seria um convencimento grande. Mas digo o que tentei fazer em O Santo e a Porca. Nessa peça tentei fundir o drama pessoal e o cômico em um personagem chamado Euricão Engole Cobra. Isso para fazer a chamada tragicomédia. Esse personagem passou a vida tentando enriquecer para se defender da solidão da velhice. Ele perde a mulher e começa a juntar dinheiro numa porca. E esconde essa porca cuidadosamente. No fim, o empregado dele descobre e rouba o dinheiro da porca. Ele se vê sem mulher, sem dinheiro, sem ninguém. Ele se vira pra imagem de Santo Antônio, seu santo de devoção, e diz: "Foi você quem inventou tudo isso? Será que só você tem a resposta?". E a peça termina com ele em estado de solidão completa e vislumbrando a possibilidade de encontrar de novo a porca. Por isso o nome O Santo e a Porca. Dois caminhos diferentes: o do dinheiro, do poder, e o de Deus. Esse é o sentido central da peça. ■



“ O HUMORÍSTICO É UM TIPO ESPECIAL DE RISÍVEL, ONDE VOCÊ JUNTA O CÔMICO COM O DOLOROSO E O TRÁGICO. OS FILMES DE CHAPLIN SÃO HUMORÍSTICOS PORQUE ELE FUNDE O TRÁGICO E O CÔMICO ”



PARA DISCUTIR PONTOS DE CULTURA

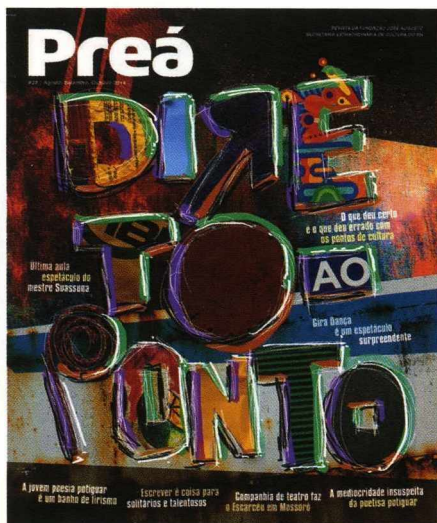
Os pontos de cultura surgiram como grande possibilidade da participação popular destinada à cultura no Brasil. Logo todos os grupos organizados para a feitura de produtos culturais inscreveram seus projetos para apreciação do Minc e das Fundações e Secretarias Estaduais de Cultura. O resultado disso foi um sopro de criatividade, uma injeção de ânimo em atividades cronicamente marcadas pela falta de recursos. Muitos desses projetos resultaram vitoriosos e não poucos fracassaram por falta de gestão, pela interrupção no fluxo de recursos e variados fatores que serão expostos nessa edição da PREÁ. Procuramos mostrar um painel dos pontos de cultura na capital e no interior do estado que ainda batalham para manter suas atividades. Os obstáculos são muitos e muita coisa ficou pelo meio do caminho. É o caso de uma reflexão para ajustar os rumos, de olho no futuro.

Muito se fala que a crítica literária no Rio Grande do Norte sofre de uma necessidade premente de qualidade, seriedade e coragem de avaliar o que realmente se produz na literatura potiguar. O compadrio e o medo de ferir suscetibilidades faz de nossa crítica literária algo pálido ou quase inexistente. Mas há um nicho onde essa crítica viceja e mais das vezes não chega ao público leitor: é no âmbito da academia, da universidade. O professor Márcio de Lima Dantas apresenta aqui uma análise densa e competente do universo poético de Auta de Souza, a poetisa macaibense que tanto emociona os corações mais parnasianos e religiosos de nossa terra. Sem abrir concessões o crítico aponta sem medo as falhas de nossa incensada poetisa. Um dos melhores textos literários que tive o prazer de ler. Confira com a gente.

A literatura potiguar, apesar de viver longe dos holofotes dos grandes centros, sobrevive com um vigor que poucos conhecem. A safra de jovens escritores e poetas é imensa e de excelente qualidade. Vamos mostrar aqui alguns exemplos, como Pablo Capistrano, Bia Madruga e Michelle Ferret. Pena que o espaço dessa edição não foi suficiente para mostrar muito mais. Estamos produzindo bons escritores e poetas.

Para finalizar, essa edição abre com a aula-espetáculo do mestre Ariano Suassuna, quando aqui esteve no Agosto da Alegria, de 2011, discutindo sua literatura com candidatos ao vestibular numa aula pública em frente ao Teatro Alberto Maranhão, a última vez que ele esteve em Natal. São lições de sabedoria de alguém que chegou muito alto no panteão dos escritores brasileiros. É com imenso prazer que prestamos essa homenagem ao grande mestre e proporcionamos o prazer de dividir com os leitores um dos últimos momentos de Suassuna com o público leitor que tanto o ama e admira. Boa leitura.

Carlos de Souza
Editor



Grupo de dança revolucionaria o modo de ver arte >>>

10

Meu amigo Satanás >>>

18

A difícil arte da 7ª arte no RN >>>

24

Oswaldo Lamartine - O sertão nunca mais >>>

30

O paraíso pode ser aqui >>>

32

O boi ainda vive >>>

36

Um exemplo que vem de Mossoró >>>

38

A banda que toca o futuro >>>

40

Escrever é ato sozinho >>>

46

As digressões dos Clows de Sheakespeare >>>

48

Algarvias e morandangas >>>

50

Auta de Souza - A indelével mediocridade >>>

52

Raça e resistência >>>

66

A arte liberta >>>

68

Michelle Ferret - poemas >>>

71

Traquinagens na rua >>>

72

Onde já se viu um fuxiqueiro ganhar o mundo? >>>

74

Para alumiar novos olhares >>>

76

Intensidade cultural na intensa Major Sales >>>

80

Sobrando arte no sobrado >>>

82

EXPEDIENTE

Governadora
Rosalba Ciarlini

Secretária Extraordinária de Cultura
Isaura Amélia de Souza Rosado Maia

Diretora Geral da Fundação José Augusto
Ivanira Ribeiro Machado

Preá

Revista trimestral da Fundação José Augusto
Secretaria Extraordinária de Cultura
N. 28 | Ano 11 | 2014
Agosto, Setembro, Outubro

Edição

Carlos de Souza

Projeto Gráfico e Diagramação

Dois.a Publicidade

Reportagem

Luana Ferreira
Sérgio Farias
Fabiana Bagdonas
Mário Gerson
Ana Cláudia Barbalho
Gaby Oliveira
Hélder Macedo
Luiz Philipe Barros

Fotografia

Ney Douglas
Bruno Soares
Brunno Martins
João Vital Evangelista
Giovanni Sérgio
Demis Roussos
Elisa Elsie

Colaboração

Assessoria de Comunicação da FJA/SECULT-RN

www.fja.rn.gov.br
www.secretariadeculturarn.blogspot.com
twitter @Fja_RN e @Revista_Prea
telefone +55 (84) 3232.5323
e-mail asecomfjarn@gmail.com

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações por qualquer meio sem prévia autorização dos artistas ou do editor da revista. A Preá é um espaço aberto para novas e velhas ideias, tendências artísticas e experimentos. Para colaborar, envie seu material por correio ou e-mail.

Preá

Ponto de Cultura

Gira Dança

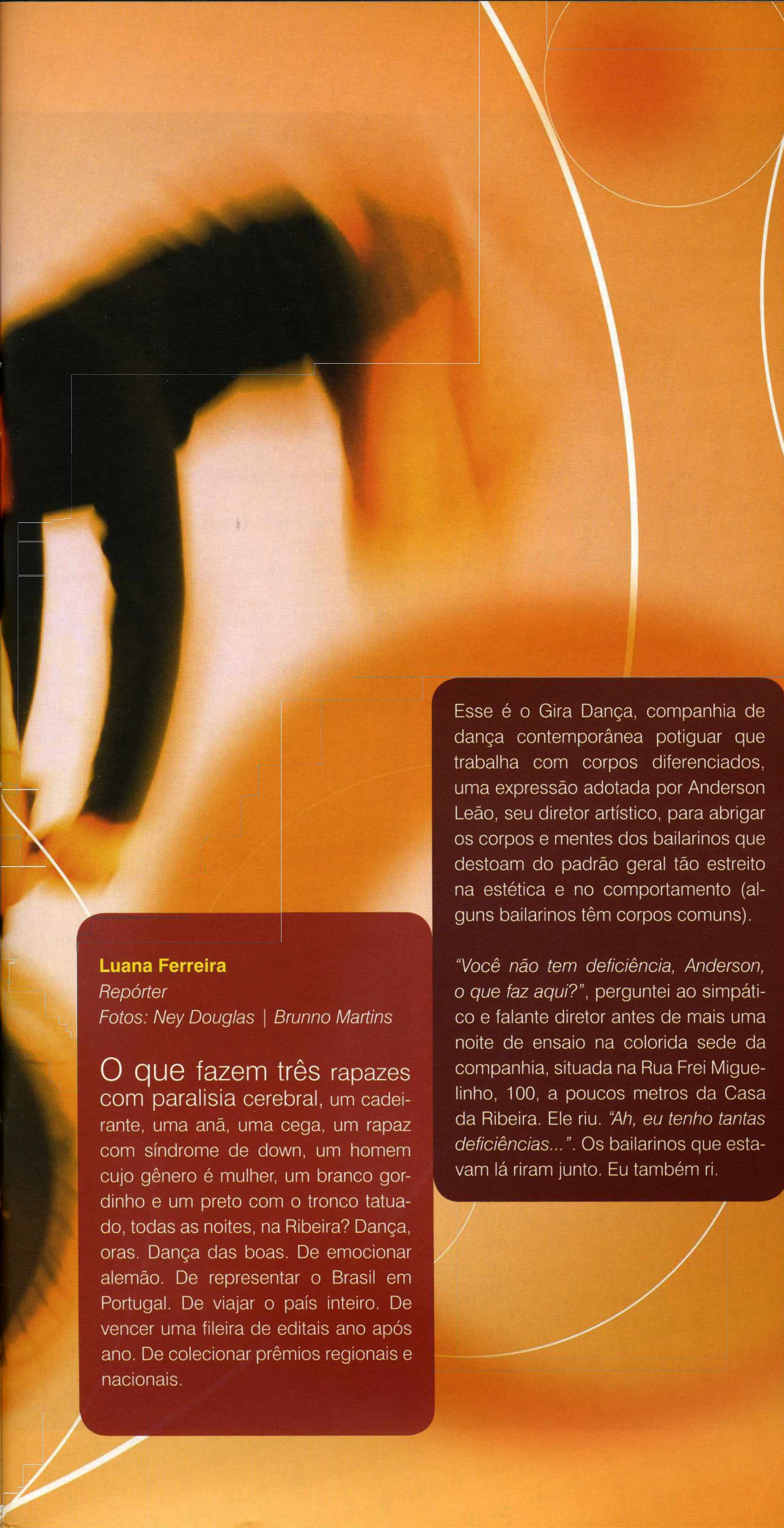
Natal

GRUPO DE DANÇA

REVOLUCIONA

O MODO DE VER ARTE





Luana Ferreira

Repórter

Fotos: Ney Douglas | Brunno Martins

O que fazem três rapazes com paralisia cerebral, um cadeirante, uma anã, uma cega, um rapaz com síndrome de down, um homem cujo gênero é mulher, um branco gordinho e um preto com o tronco tatuado, todas as noites, na Ribeira? Dança, oras. Dança das boas. De emocionar alemão. De representar o Brasil em Portugal. De viajar o país inteiro. De vencer uma fileira de editais ano após ano. De colecionar prêmios regionais e nacionais.

Esse é o Gira Dança, companhia de dança contemporânea potiguar que trabalha com corpos diferenciados, uma expressão adotada por Anderson Leão, seu diretor artístico, para abrigar os corpos e mentes dos bailarinos que destoam do padrão geral tão estreito na estética e no comportamento (alguns bailarinos têm corpos comuns).

"Você não tem deficiência, Anderson, o que faz aqui?", perguntei ao simpático e falante diretor antes de mais uma noite de ensaio na colorida sede da companhia, situada na Rua Frei Miguelinho, 100, a poucos metros da Casa da Ribeira. Ele riu. *"Ah, eu tenho tantas deficiências..."*. Os bailarinos que estavam lá riram junto. Eu também ri.

TUDO O QUE RODA, GIRA

Anderson tem 36 anos, é moreno, de porte atlético, se veste com roupas modernas, usa óculos de grau tipo aviador e tem a cabeça raspada. Quando era aluno de artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte entrou para o atuante grupo Roda Viva, fundado pelo diretor Henrique Amoedo no Departamento de Artes para reabilitar pessoas com deficiência e que aos poucos assumiu função artística. O Roda Viva viajou bastante e virou referência nacional. No grupo, Anderson conheceu o dançarino Roberto Moraes, o Beto, cadeirante em consequência de um tiro na coluna. Beto tem os cabelos crespos e grisalhos, os olhos brilhantes, a voz afobada e é figurinha fácil nas ruas da Ribeira. Em 2005 os dois decidiram fundar uma companhia em que pudessem ousar mais artisticamente e, quem sabe, possuir sede própria para desenvolver projetos com portadores de deficiência. Na época, Gustavo Wanderley, que havia quatro anos fundara com amigos a Casa da Ribeira - outro exemplo de espaço artístico potiguar que conseguiu andar com as próprias pernas apesar dos tantos pesares -, mantinha com Anderson uma empresa de design, a House. Gustavo ensinou o caminho dos editais e deu nome à companhia, claramente inspirado no Roda Viva. *"A gente pensou: tudo o que roda, gira, e a gente já tinha girado tanto, viajado tanto, de ônibus, de kombi, de avião, com cadeira de rodas, pra cima e pra baixo. Esses giros ficaram marcados na gente..."*, lembrou o diretor. ▶

O começo foi penoso, eles chegaram a ocupar ilegalmente, junto com um grupo de teatro, um prédio abandonado da Receita Federal na Ribeira, onde seus parques equipamentos foram roubados e do qual seriam expulsos pelo poder público quando ensaiavam o primeiro espetáculo, "Bulas Perdidas". Enquanto pagavam do próprio bolso a manutenção do espaço e às vezes faltava dinheiro para a comida, recebiam convites de fora em consequência dos contatos adquiridos com o Roda Viva. A primeira apresentação do Gira Dança não foi em Natal, mas no imponente prédio do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, com apenas quatro bailarinos. "Eu chorava como um louco", contou Anderson. Depois vieram os espetáculos Corpo Estranho, O Jardim das Rosas Amarelas, A Cura, Sobre Todas as Coisas, Alguém que Não Eu Para Falar de Mim, Proibido Elefantes e Terreiro Lumiara - um projeto que destoa dos outros por ser mais leve e alegre, com inspiração na dança popular.

A companhia se profissionalizou e hoje possui 20 integrantes, entre diretores, produtores, iluminador e 15 dançarinos. A sede é alugada a R\$ 750,00 e os bailarinos não recebem salários, e sim cachês por apresentação, por isso os ensaios são noturnos. A manutenção vem quase sempre dos editais federais, que nos últimos anos contemplaram mais projetos sobre a diversidade em todo o país. Só ano passado conseguiram captar cerca de R\$ 500 mil. Em 2009 o Gira Dança virou Ponto de Cultura e recebeu do Governo Federal duas parcelas de R\$ 60 mil, com as quais compraram equipamentos importantes como mesa de som, computadores, cadeira de rodas, ventiladores, câmera fotográfica, microfone, material de iluminação, televisão e circularam Natal com oficinas. Ainda aguardam a última parcela de R\$ 60 mil, que está atrasada três anos.

Em 2010 receberam a visita de curadores da Brasil Move Berlim e meses depois foram convidados a apresentarem A Cura e Corpo Estranho na mostra alemã. Foi a primeira vez que viajaram para fora do país. *"No fim, os dançarinos desciam do palco e iam para a frente do teatro para abraçar a plateia, mas os alemães continuaram sentados, e depois a gente ouviu lá de fora as palmas e o som das batidas com o pé no chão (o equivalente a nosso aplaudir de pé). Eles que vieram abraçar a gente",* contou Anderson. *"Eu lembrava de todo o processo aqui em Natal e me emocionava por estar representando nossa cidade".* De novo chorou "como um louco". Em 2013 participaram do Ano do Brasil em Portugal. ▶▶





CURA PARA QUEM?

"Esse seu movimento está muito bonitinho, tem que trabalhar mais", disse o diretor artístico para Jania Santos, a anã, girando a mão ao lado do corpo para demonstrar, após o ensaio. "Tem que transformar a sua raiva em dança", resumiu um dos dançarinos. Eles discutiam uma coreografia de A Cura, espetáculo que estão retomando, em que o menos de um metro de Jania é, santo deus, arrastado, amassado, puxado pelos cabelos, cheirado e quase devorado em cena. O movimento em questão faz parte da reação ao confronto, um enfrentamento que envolve urros e um olhar que parece que vem de cima. A anã se agiganta. O clima é tão sufocante, tão estranho, que um dos bailarinos teve um acesso de riso e foi seguido por alguns. Antes um cadeirante e um andante haviam se entrelaçado e se embolado devagar e longamente pelo palco a ponto de você não saber que parte era de quem, um dos momentos mais bonitos do ensaio. Anderson disse que em seguida vem "um alívio", uma coreografia mais leve. Mas que o espetáculo termina tenso novamente porque, que remédio, a vida é assim, de altos e baixos. Aqui não há final feliz, redenção, superação, solução, nada disso. Se você pensou em cura como algo em que um cadeirante volta a andar ou uma cega volta a enxergar, então não entendeu nada. O nome é uma isca, uma provocação, uma brincadeira com nossos preconceitos, e eles adoram fazer isso. Corpo Estranho, por exemplo, é um espetáculo que trata do... amor.

O Gira Dança é uma companhia-em-questionamento. Eles questionam o padrão estético, mas também os relacionamentos afetivos, o preconceito, as fragilidades humanas, a manipulação das pessoas por pessoas, o individualismo, a competição, a repressão, o olhar do outro, o olhar para dentro de si. O clima do espetáculo geralmente é tenso, a história é carregada, a música fere, o movimento dos bailarinos causam estranheza. Tudo é diferenciado, dos corpos à coreografia, da concepção do espetáculo à música, ao tema, ao figurino. A beleza, embora seja uma meta muito concreta, porque afinal estamos falando de arte, está relacionada organicamente com o sentimento desses bailarinos, assim como suas histórias estão marcadas em seus corpos. *"A gente quer que o público saia mexido de alguma forma, ou porque querem chorar, ou porque querem ir embora, ou emocionados, com lembranças de coisas que já viveram"* disse a dançarina andante de corpo esguio Rozeane Oliveira. *"Antigamente a gente pensava em agradar e o público saía chorando, agora a gente quer que saia discutindo, criticando"*, disse Beto, que já não dança mais. *"Prefiro as pessoas emocionadas pelo contexto artístico e não porque viram uma dança em cadeira de rodas"*, emendou Anderson. Apesar da longa estrada, o público ainda é pequeno, o espaço na mídia é estreito e o diretor encontra resistência até para contratar coreógrafos.

Os espetáculos são tão intensos que às vezes a plateia não sabe o que fazer e bate palmas atrasado, quando as luzes já acenderam e os bailarinos estão com a cabeça para baixo em posição de agradecimento. Algumas pessoas choram, outras saem da sala no meio da dança, outras ficam coladas na cadeira, sem conseguir sair. Também, poderia. Como reagir a uma cena em que durante uma dança solo de um deficiente, os outros bailarinos começam a jogar moeda, roupa, comida, primeiro docemente e depois com agressividade, quase machucando o dançarino? Ou quando uma anã diz sinceramente que foi chamada para participar de circo quando criança enquanto é jogada de um lado para outro por dançarinos às gargalhadas? É sufoco, é pancada.

A Cura foi montada pela primeira vez em 2009 e é o espetáculo mais conhecido do Gira Dança. Musicada pelo grupo Rosa de Pedra e apresentada por trás de um plástico transparente no teatro e em intervenções nas ruas da cidade, era uma tentativa de chacoalhar a cena de dança em Natal, que julgavam bonitinha demais e desconectada com a realidade. Representa também o ponto de inflexão da companhia, o momento em que os bailarinos entenderam que deveriam mergulhar em si mesmos em busca dos próprios movimentos e não procurar no público o que agrada ou não.

Nessa época eles andavam meio perdidos e combinaram de ficar três dias trancados, sem internet ou telefone na sede, pensando sobre si mesmos e em qual caminho deveriam percorrer. O processo foi catártico, os conflitos afloraram como a água de uma represa que se rompe, e antes que o segundo dia terminasse acharam que já havia material suficiente para compor o espetáculo. Jania, que tem os cabelos crespos fartos e a gargalhada alta, chegou bem nesse período por indicação de um amigo e sem nenhuma referência de dança contemporânea, história que se repete entre alguns dos dançarinos. Viu naqueles bailarinos *"um bando de loucos"* e pensou que não voltaria mais. Mas algo a atraiu novamente, ela continuou assistindo aos ensaios e acabou pedindo para entrar na companhia. *"Fui com a cara e a coragem e pirei o cabeção junto com eles"*, disse. Joselma Soares, a Jô, uma das mais antigas da companhia, aprendeu a linguagem da dança contemporânea tocando o movimento dos outros dançarinos e sendo guiada pelo próprio Anderson. Ela ficou cega na juventude e de dança só conhecia o balé que via na TV quando criança. ▶▶



O diretor acredita que a dança contemporânea deve ter uma ligação estreita com o contexto social e cultural em que está inserida e com o interior de cada dançarino: como a realidade é uma para cada um, o movimento também deve ser único. Ele foge dos "movimentos codificados", aqueles já usados por outras companhias, e vê com simpatia a aproximação da dança com o teatro. O processo criativo é sempre colaborativo, em que coreógrafo e dançarinos procuram uma verdade comum. Assim, ao longo dos nove anos de existência, o Gira Dança adquiriu uma linguagem diferente de qualquer outra companhia de dança, seja porque envolve quase sempre uma reflexão sobre a deficiência e todos os sentimentos que ela pode carregar, seja por conta da diversidade dos corpos.

NÃO É INCLUSÃO, É ARTE

Os ensaios cinco vezes por semana de quase quatro horas, a busca diária de recursos para a sobrevivência, as dificuldades de manutenção da sede, nada disso parece ser mais cansativo do que se fazer entender em um mundo em que as deficiências físicas são escondidas ou tratadas com coitadismo ou como objeto necessário de alguma intervenção. "Uma das grandes dificuldades que temos é fazer as pessoas compreenderem que não fazemos um trabalho social", disse Anderson. "A dança com corpos diferenciados é um segmento da dança contemporânea como a dança com aéreo ou com teatro. Os dançarinos são apenas artistas". Nem pense em falar que o Gira Dança trabalha com inclusão. "Os meninos já chegam muito bem incluídos na sociedade porque andam de ônibus mal adaptados, com profissionais que não sabem tratar direito, percorrem a cidade mal adaptada", explicou. "A sociedade

pode me abraçar bem ou abraçar mal, mas eu estou na sociedade", concluiu Beto. Não, eles não têm "necessidades especiais", eles precisam uns dos outros como acontece com as pessoas que convivem, e o que querem mesmo é que sua arte seja conhecida de fato pela crítica e pelo público, em sua própria terra e no país afora. Por isso, e porque as apresentações fora do estado são mais fáceis e mais rentáveis, estão sempre buscando circular. Ano passado foram 38 apresentações em cidades diferentes, resultado da busca incessante de editais, às vezes custeando a própria passagem.

O movimento sempre contra a corrente, nunca a favor, parece lhes fazer bem, porque o que encontrei no dia do ensaio foi entusiasmo, integração e alegria. Os dançarinos fazem graça com as próprias deficiências e às vezes também se descobrem preconceituosos. Isso aconteceu em Alguém que Não Eu Para Falar de Mim, quando a coreógrafa do espetáculo, Anízia Marques, pediu para que o grupo representasse no palco como achavam que havia sido a infância de Marconi Araújo, cadeirante veterano no grupo. O resultado foi uma carga de sofrimento tão intensa e tão diferente do que realmente aconteceu na vida dele, que deixou o dançarino de olhos arregalados. "Minha gente, eu tive uma infância feliz!"

Perguntei a Anderson se no começo eles imaginavam alcançar tudo o que têm hoje, mas ele inverteu a pergunta, como se quisesse dizer que nada foi gratuito: "Não fosse a nossa batalha em continuar, a nossa persistência, o Rio Grande do Norte não teria uma companhia de dança dessa natureza" (o Roda Viva foi extinto há alguns anos). A Companhia é uma das poucas do país a trabalhar corpos diferenciados sob uma perspectiva unicamente artística. Anderson parece preocupado com o futuro distante do Gira Dança. "Todos nós vamos envelhecer, e depois de nós, como será?". Eles querem atrair cada vez mais deficientes para a dança e por isso correm atrás de recursos para ocupar a sede com alunos, realizar oficinas e circular por Pontos de Cultura do interior do estado. O espetáculo de comemoração dos dez anos de história, em 2015, ainda não tem coreografia, mas o tema e o nome já estão definidos. Será O Espetáculo que Ninguém Quer Ver, mais uma ironia desses bravos dançarinos. Você teria coragem de ir ver? ■

PARA SABER MAIS

Site: giradanca.com

Facebook: [ciagiradanca](https://www.facebook.com/ciagiradanca)

Twitter: [giradanca](https://twitter.com/giradanca)

Telefone: (84) 3322.4900

E-mail: producao.giradanca@gmail.com

Preá

Conto





Meu Amigo Satanás

Pablo Capistrano


É uma merda trabalhar no Shopping. A gente não pode fumar. Tem de esperar quinze minutos pra ir ao banheiro e arrumar um lugar pra acender o cigarro sem que essa voz de aeroporto apareça repetindo "Please, Don't smoke".

Por isso quando termina meu turno no balcão eu troco de roupa, passo ligeiro pelos corredores, desço as escadas rolantes até o térreo; saio pelo portão lateral, paro ao lado das caçambas de lixo e acendo um cigarro.

Trago forte. Fumo mesmo, com gosto. Depois sopra a fumaça pra dentro do shopping; só de sacanagem.

Semana dessas estava fazendo isso quando um troço se mexeu no meio do lixo. Saltei pro lado pensando que era um rato. Peguei um cano solto no chão e me positionei para acertar a cabeça do bicho. Eu podia deixar o troço por lá, pegar meu rumo, sair pra cuidar da vida porque o tempo passa rápido e o cigarro vira piúba quando a gente menos espera.

Já pensei um bocado sobre isso de fumar. Acho que tem a ver com a trajetória que a fumaça faz quando a gente sopra ou deixa o cigarro pendendo entre os dedos. Tem um lance visual nisso tudo, sabe como é? ►►



Mas, como eu estava dizendo, semana dessas um troço se mexeu no lixo, na lateral do Shopping. Pensei que fosse um rato, mas não era. Podia ter ido embora, mas não fui. Resolvi cutucar os sacos com um cano solto que achei no chão e saquei logo que o troço estava dentro de uma embalagem de Combo da Burger King.

Porra, logo da Burger King! Logo da concorrência... mas aí eu pensei: "Foda-se! Quero saber de droga de concorrência, não!".

Com certa precisão calculada, empurrei com o cano, a embalagem do Combo pra fora do lixo e coloquei assim, um pouco de lado, na calçada. Depois firmei os pés a uma distância segura para que, por via das dúvidas, pudesse correr se o negócio pulasse da caixa e começasse a ziguezaguear pela rua.

Puxei a caixa cuidadosamente com a ponta de um dos dedos e quando a embalagem se abriu saltei para trás com o cano na mão, em posição de ataque.

Boy, tu não acredita! Não era um rato, uma cobra, uma aranha, uma barata gigante, dessas que dão em Shoppings. Dentro do Combo, se movendo de modo precário, em meio aos restos de um Hambúrguer de frango, com algumas batatinhas ruídas sobre o tórax, estava uma figurinha humana pequena, frágil, respirando com muita dificuldade.

Parecia ferido, doente, à beira da morte.

Meu impulso inicial foi largar a droga do cano na coisa, esmagar a cabeça daquilo com duas ou três pancadas, soltar logo a piúba no chão, pisar em cima e sair dali como se nada tivesse acontecido.

Mas aí eu me lembrei das câmeras. Elas estão em toda parte, filmando tudo, registrando cada movimento nosso o tempo inteiro. O shopping é assim, uma imensa torre de vigilância onde você é filmado, acompanhado, registrado e mapeado da hora que entra até a hora que sai.

O shopping também registra a rua. Ele mapeia os passos dos transeuntes ao redor. Uma estratégia para entender seu comportamento e atraí-los com mais facilidade para sua zona de influência. Sei disso porque trabalho lá e tem coisas que só quem trabalha sabe; tá me entendendo?

Então eu larguei o cano e me aproximei da criatura. Queria ver melhor que tipo de forma humanoide era aquela. Imagina! Podia ser um feto, um aborto num Combo do Burguer King.

Velho, você não tem noção! Estava ali, diante de mim, mexendo seus bracinhos vermelhos, com suas perninhas finas e quebradiças, cheio de marcas no corpo como se tivesse sido espancado ou torturado por um cartel de drogas, com seus grandes olhos famintos

e maltratados, com sua boquinha entreaberta e sua cabeça larga, levemente desproporcional ao resto do corpo, redonda e careca. Estava ali um sujeito sobre o qual eu já tinha ouvido muito falar, mas que ainda não havia tido o prazer de conhecer pessoalmente.

Era o Cão. O pai das moscas, o bode, o capa-preta, Arimã, Mamon, Baal, Moloch, O Bafomé, Mefistófeles, o tinho-so, cramunhão, Lúcifer, Santanás. Boy, tu não tem ideia! Se eu tivesse tomado uma antes de sair pra fumar tinha me urinado todo. Era ele, ali, diante de mim! O temível, o sem nome, o outro, o que não se conhece, que anda na sombra.

Já tinha ouvido falar muito sobre ele. Minha mãe, que é crente, fala o tempo todo. Mas ela não chama os nomes, ela diz sempre "o inimigo", "o inimigo", "o inimigo". Tem um respeito nessa história de "inimigo". Colega meu do Facebook postou outro dia um lance sobre um livro em que ele aparece. Parece que foi um poeta cego do século XVII que escreveu. Fiquei desconfiado porque não acredito que cego escreva, mas tem tanta coisa louca no Facebook que a gente até deixa passar.

O fato é que esse livro falava dele. Do príncipe das trevas, do cara que reinava no inferno pra não servir no paraíso. Achei isso massa: "Não servir no paraíso", pra quem vive na porra de um Shopping tem tudo a ver.

Sempre achei que ele fosse um tipão. Um cara assim de um metro e noventa pra lá. Bombado. Todo divino, com aquelas asonas de morcego, não uma porra dessas com cabeça de ovo, umas pernas finas e uns olhos de noia-do. Minha mãe não dizia o nome dele. Era um respeito danado. Ela é crente, sabe como é...

Olhei para um lado, para outro, saquei a câmera me filmando lá em cima, bem na saída do shopping. Aí bateu aquela piedade. Deu uma pena... aquela simpatia que a gente tem quando vê um desgraçado, um sofredor, um miserável nessa vida sem ninguém.

Era uma destruição, o coitado do Satanás. Parecia um fracassado, um derrotado pelo mundo. Um desses caras que não segura a onda. É o lance da competição. Sabe como é, a concorrência tá foda, até pro cão tá difícil. Hoje em dia, ninguém alisa não.

Rapidamente, larguei a piúba do cigarro na calçada. Pisei em cima e peguei a caixa de Combo. Tirei as batatinhas de cima do corpo do bichinho, fechei a embalagem com cuidado e coloquei a parada embaixo do braço. Fui pra casa a pé, andando pelas ruas da cidade no fim da tarde, sem que ninguém desconfiasse do conteúdo do meu pacote. ▶▶





Passei várias semanas com o Cão lá em casa. Confesso a você que fiquei meio perturbado, com umas dúvidas na cabeça. Estava com Satanás na minha casa, cuidando dele. Dava banho, dava leite numa mamadeira de bebê que arrumei numa farmácia, passava remédio nas feridas pra acelerar a cicatrização do coitado, colocava ele pra dormir e trocava os panos sujos pela manhã.

Fui me afeiçoando, me apegando, porque nesse mundo cão, a gente se sente tão sozinho que consegue gostar até do Satanás quando quer uma companhia no domingo à tarde pra não ter que assistir ao programa do Faustão.

Mas, vez ou outra, na medida em que ele ia ficando mais forte e começando a reagir, me batia uma questão: "se ele era o Cão, o Satanás, não seria melhor aproveitar logo enquanto ele estivesse dormindo e passar uma faca no pescoço dele?".

Veja bem, eu podia fazer esse serviço fácil, fácil. Ninguém ia nem saber. Cortava o pescoço do bicho e depois queimava o cadáver no quintal. Quem ia notar? De quebra, ainda ia livrar o mundo do mal. Já pensou nisso? Eu, um cara que trabalha no balcão da McDonalds, livrar o mundo do mal! Por outro lado me vinha sempre no pensamento: "quem ia saber?".

Acho que foi na terceira ou quarta semana que ele estava lá em casa. O tratamento parecia que estava fazendo efeito, porque ele crescia rapidinho. Então acordei no meio da noite, peguei um cutelo na cozinha e fui pelo corredor devagar, no escuro, sem acender a luz. Deslizei até a área de serviço, abri a porta com cuidado pra não ranger e quando me abaixei perto da caminha dele, percebi, num susto, seus olhos fixos, me contemplando na escuridão. Não eram aqueles olhos malditos desses filmes de exorcismo. Eram olhos de tristeza, de cansaço, de profunda melancolia. Olhos tortos de suicídio, de abandono, de desistência. Dessa fraqueza que bate quando a gente é um filho da puta derrotado e se sente como se fosse um filho da puta derrotado.

Boy... vou te falar... não deu pra matar o Satanás.

Não consegui. Na hora do vamos ver eu fraquejei. Larguei o cutelo e botei ele pra dormir cantando umas cantigas de ninar e dando uns tapinhas nas costas com aquelas palavras de incentivo que a gente aprende nesses vídeos de autoajuda no youtube: "Você consegue cara, você consegue. Confie em você. Você é o seu próprio líder, faça uma estratégia, eleja prioridades, evite autosabotagem, blá blá blá". Então, quando Satanás ficou forte e cresceu até mais ou menos 1,20 senti que estava chegando a hora da despedida.

Saquei que ele sabia disso e que se esforçava para fazer com que o momento da partida fosse fácil pra nós dois. Não conseguia entender o que ele tentava dizer, parecia que alguém havia cortado sua língua e agora ele estava mudo. Ficava imaginando que tipo de pessoa poderia ter feito uma maldade dessas com um cara assim tão detonado como ele. Também lembrava o livro

do tal poeta cego. Ficava imaginando o tempo em que meu amigo Satanás era Lúcifer, o senhor das trevas, rei dos infernos, senhor de um exército de demônios que emergiam das profundezas, em sua épica guerra celestial contra as hostes angelicais de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu na cruz para nos salvar.

Pensava comigo mesmo: "O que esse infeliz não deve ter passado nesses quatrocentos anos pra terminar assim, detonado, dentro de uma embalagem de Combo da Burger King?"

No dia em que ele foi embora, descendo a rua com uma calça jeans e uma camisa de flanela que arrumei em uma loja de roupas infantis, e com uma mochilinha dessas de pré-escola nas costas, foi duro.

Confesso que é bom pra caramba fazer caridade. Você se sente massa. Se sente bom, poderoso. Parece que a gente flutua assim por cima do vale das misérias dos outros, inatingível, tipo o Superman carregando a Louis Lane pra dar uma com ela na lua.

Mas ele queria retribuir e eu disse que, pra mim, bastava uma selfie com ele pra postar na rede. Fizemos a selfie na frente lá de casa, diante do portão, com uma visão massa da ladeira, pegando uns prédios bem legais de vidro espelhado e uma parte do lado sul do Shopping. Era de tarde e aí rolou uma luz vermelha de crepúsculo que deu todo um tom ao momento. Ficou show, nem precisou de efeito.

Satanás foi embora da minha vida nessa tarde. Ganhou o mundo descendo a ladeira e eu nunca mais o vi. Só ouvia falar dele na TV, nesses programas religiosos.

Postei a selfie na rede, coloquei a foto e digitei o título: "Eu e meu amigo Satanás".

Todo mundo curtiu.

Tempos depois, arrumando umas caixas velhas na área de serviço lá de casa, achei um bilhete que Satanás havia escrito. Era uma letra guarranchuda, mas dava pra entender alguma coisa. Agradecia a estadia, e dizia que estava desempregado desde o fim do século XIX, havia sido demitido do serviço porque com os avanços tecnológicos, as terceirizações e as mudanças no mercado global o inferno não precisava mais de gerente. Tinha entrado meio que em uma depressão depois disso, mas que eu o havia ajudado a "resignificar" a vida dele. Quase chorei. No final ele se despediu com uma última frase que dizia assim:

"Não se preocupe comigo, vou ficar bem: neste mundo, só os demônios cochilam em paz". ■

Pablo Capistrano é professor de Filosofia e Direito no IFRN, Mestre em metafísica e Doutor em Literatura pela UFRN. Participou nos anos 90 do grupo de ação cultural Sótão 277. É autor do romance Pequenas Catástrofes, Simples Filosofia e É Preciso Ter Sorte Quando se Está em Guerra.

B62

Preá

Ponto de Cultura
ITEC
Natal

B61

B60

B59

B58

B57

B56



A DIFÍCIL ARTE DA 7ª ARTE NO RN



Sérgio Vilar

Repórter

O cinema é chamado de 7ª Arte em todo o mundo, mas aqui no Rio Grande do Norte bem poderia ser a 15ª ou a última das artes. A história de descaso com o produzir e o assistir cinema no Estado impressiona. A produção audiovisual ainda engatinha. As poucas salas de cinema são concentradas em shoppings. O público superlota o lançamento de blockbusters e esvazia qualquer iniciativa de exibição de cinema de arte. Se em estados vizinhos como a Paraíba, Pernambuco ou Ceará são formadas federações com 30 ou 40 cineclubes, no Rio Grande sem Cinema há apenas um cineclubes atuante.

Por outro lado, esse cenário de décadas de estagnação, com um ou outro momento de brilhantismo, começa a mudar, graças ao trabalho abnegado de poucos idealistas. E o pioneiro na tentativa de formação de novos profissionais no segmento, ou pelo menos de apreciadores da nobre arte, data de oito anos. Foi quando um piauiense, radicado durante meio século no Rio de Janeiro, resolve fixar morada em Natal. E para manter-se vivo e alegre, nada melhor que trabalhar com o que gosta e fazer amigos. Foi com esses dois ideais que Carlos Tourinho fundou o Instituto Técnico de Estudos Cinematográficos (ITEC), em 2006.

Mas a história de Tourinho com o cinema data de bem antes. "O cinema sempre esteve presente na minha vida. Quando cheguei ao Rio, em 1948, fui morar no subúrbio de Bangu onde existiam dois cinemas. Acompanhei nas matinês os seriados dos heróis americanos: Zorro, Capitão Marvel, Super Homem, além dos musicais e os fa-roestes. Ficava abismado de ver tanta magia e sempre curioso por saber

como fazer aquilo. Depois de um curso de repórter cinematográfico realizado em 1963, passei a viver cinema 24 horas. Após trabalhar em televisão resolvi me lançar como diretor de fotografia de cinema e, em seguida, diretor cinematográfico", rememora.

Tourinho viveu 52 anos no Rio de Janeiro. Construiu sua formação profissional por lá. E foi no Programa Amaral Neto o Repórter, quando conheceu a fundo o Brasil, que estabeleceu a primeira ligação afetiva com Natal. "Era uma cidade pequena e muito simpática. Achava que quando eu me aposentasse viria para cá. Estou aposentado, continuo trabalhando, aqui estou e acho que é para sempre". O cineasta aporta em Natal já em 2000 e ajuda a criar a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas do Rio Grande do Norte (ABDeC/RN), cujo objetivo era estabelecer uma política para o cinema. É o começo da história. ►►

"Você imagina deixar sua cidade natal, seus amigos de muitos anos e vir para uma cidade onde você não conhecia quase ninguém. Ainda reencontrei aqui Valério Andrade e Miranda Sá, conhecidos do Rio, e iniciamos as primeiras oficinas. Serviu para eu retomar meu trabalho com o cinema e fazer alguns amigos. Mas quem me deu muito apoio à época foi Berta Colombieri, minha atual mulher". Com essa turma, Tourinho ministrou as primeiras oficinas pela AB-DeC/RN. E após idas e vindas ministrando oficinas durante seis anos para outras entidades, Tourinho conheceu Roberto Wagner, que queria implantar uma escola de cinema em Natal.

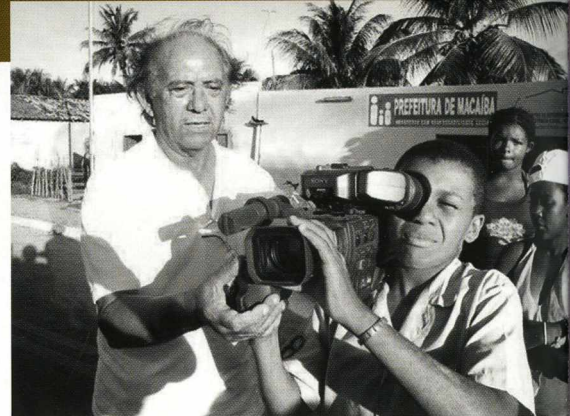
EMBRIÃO CINEMATOGRAFICO

O ano era 2006. No cenário nacional, o audiovisual estava a todo vapor. Com a perda da Embrafilme (uma empresa estatal produtora e distribuidora de filmes cinematográficos) e do Concine (entidade que assessorava o Ministério da Educação e Cultura na formulação de políticas para o cinema brasileiro) na época Collor, os cineastas tiveram que reinventar uma maneira de fazer cinema. As primeiras conquistas vieram com a criação de várias leis de apoio ao setor e a produção de cinema no Brasil deu um novo salto.

Foi com este cenário que nasceu o ITEC, em Natal – uma organização não-governamental mantida por oficinas de cinema pagas pelos alunos. O trabalho era pioneiro. Até então ninguém na cidade estava interessado em socializar o cinema. A carência na área era enorme. "Não havia produção de cinema no Estado; apenas poucos vídeos amadores. Quem ainda incentivava a produção local era o Festival de Cinema de Natal, dirigido por Valério Andrade, quando criou o Festival de Vídeo Potiguar. E foi neste cenário que lançamos a semente do ensinar cinema e deu certo", lembra Tourinho.

CINEMA PARA TODOS

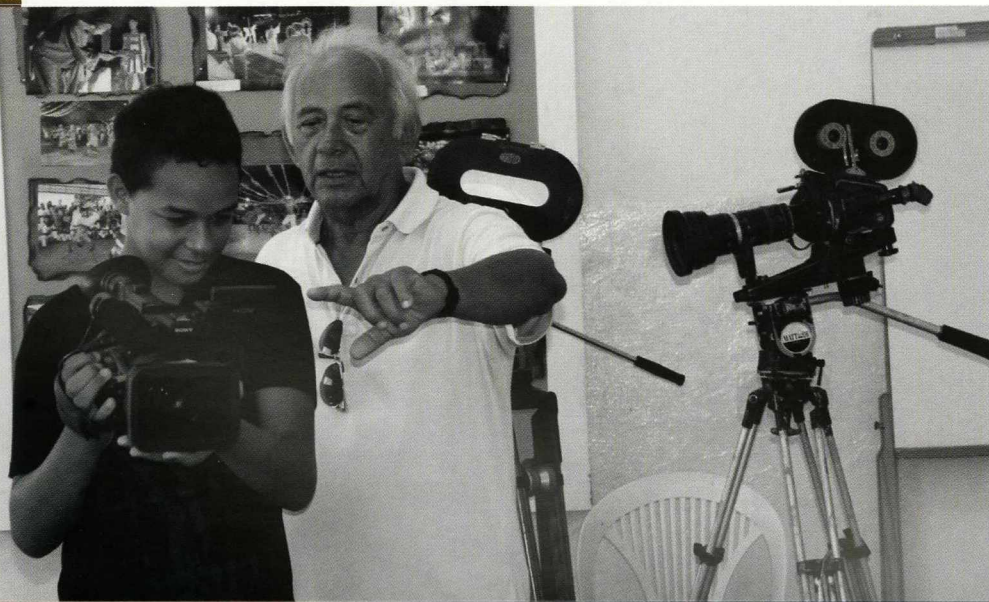
Em 2008 foi lançado o programa de Pontos de Cultura pelo Governo Federal. E Carlos Tourinho vislumbrou o desejo antigo de interiorizar as oficinas de cinema para quem não tinha essa oportunidade de aprendizado. Inscreveu a ideia no Programa e conseguiu aprovação. Nascia naquele ano o Ponto de Cultura Cinema Para Todos. "Com isso passei a frequentar alguns lugares onde pessoas se reúnem para um papo saudável, aprender cinema e fazer alguns amigos".



O trabalho do ITEC e do Cinema Para Todos foi de total interligação, sendo o primeiro responsável pela cessão dos profissionais responsáveis pelas oficinas, e o segundo a fonte de recursos para viabilizar a interiorização dessas oficinas. "A grande vantagem do Ponto de Cultura é que ele pode ser implantado em sua residência. Hoje, o ITEC está situado na casa do vice-presidente Roberto Wagner, à rua Aloísio Bezerra, 1390, em Lagoa Nova. Recebemos há pouco a visita da fiscalização do Ministério da Cultura para saber se realmente existimos", conta Tourinho.

Atualmente o Cinema Para Todos está em recesso. E retoma as atividades em 2015 já com o lançamento também pioneiro da oficina de repórter cinematográfico, onde o aluno vai aprender a fazer texto e captação de imagem específicos para o noticiário da TV. "A ideia é que o aluno, ao término da oficina, saiba, em poucos segundos, narrar um fato com objetividade e qualidade", se orgulha o cineasta. A ideia para 2015 é também continuar interiorizando a educação cinematográfica, capacitando pessoas para o gosto pelas artes e para as atividades profissionais da área.

O ITEC é mantido hoje com as oficinas pagas pelos alunos ou pelo Governo. Tourinho lamenta a total ausência da iniciativa privada no incentivo ao cinema potiguar. Atualmente a diretoria do ITEC é composta pelo presidente Carlos Tourinho, pelo vice-presidente Roberto Wagner, pela tesoureira Berta Colombieri, e ainda um conselho fiscal



formado por Luiz Carlos Ramos Alves e Pierre Vital. O trabalho do ITEC e Ponto de Cultura Cinema Para Todos realizou 11 oficinas em Natal e 22 oficinas no interior do RN, com um total de 426 alunos no período de 2006 a 2013.

"Tivemos muitos momentos gratificantes e marcantes na história do ITEC. Mas o melhor é mesmo quando entregamos os certificados junto com o filme que eles realizaram durante as oficinas. Principalmente quando um filme sai ganhador de um festival, como foi com os filmes Cartas na Mesa, E Eu Com Isso? e Rua Chile, e ver alguns de nossos alunos realizando seus filmes como diretor ou trabalhando na área do audiovisual em outras funções", se orgulha Tourinho.

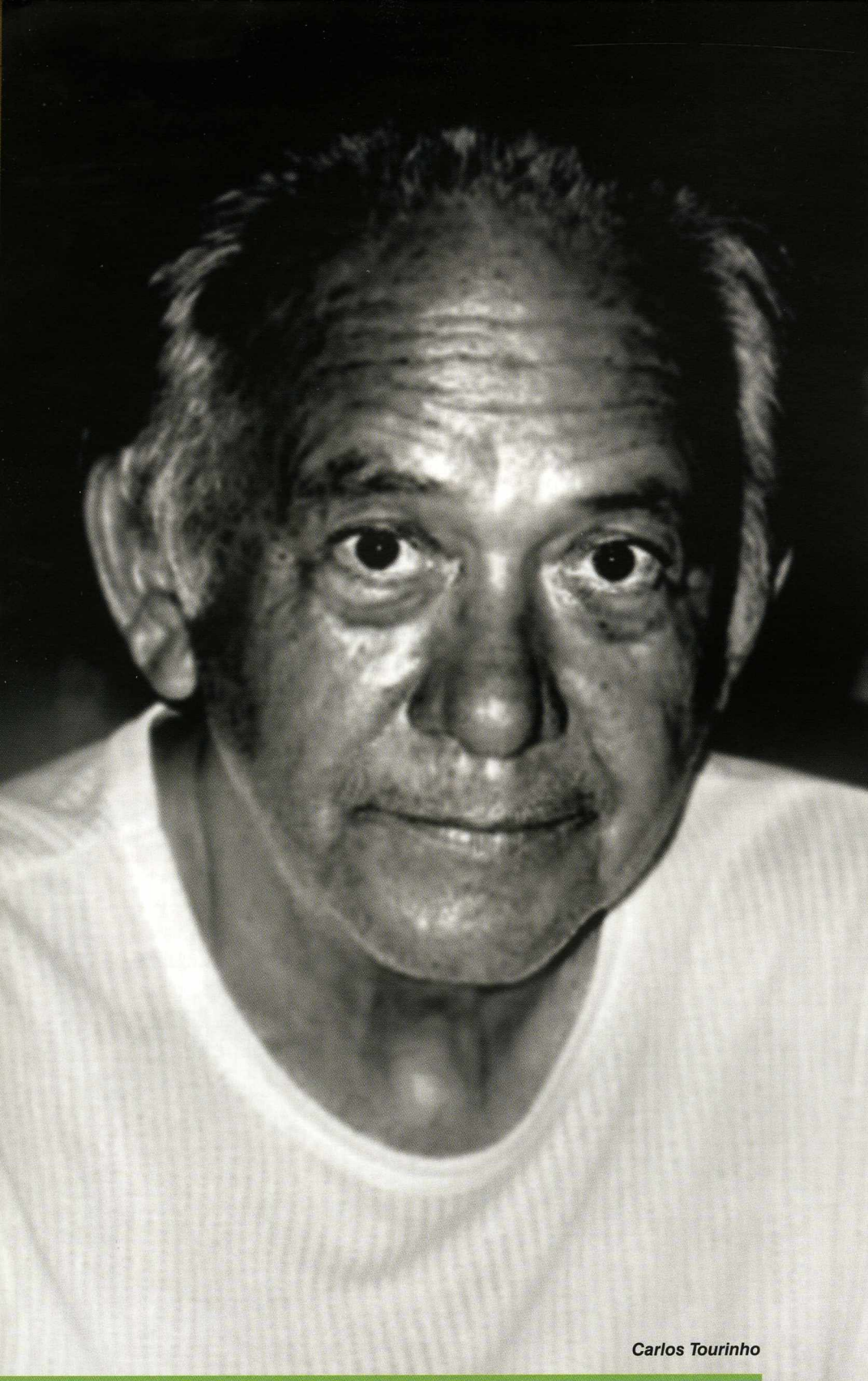
FILMES PREMIADOS

O filme Cartas na Mesa foi eleito o melhor documentário do 7º Festival do Vídeo Potiguar de 2007, na categoria Ficção. Tem roteiro de Geraldo Cavalcanti, estória de Luís Elson Dantas e direção e edição de Tourinho. Na sinopse, a casa paroquial de uma igreja, um padre, um advogado, em policial e um deputado se reúnem para jogar cartas. Eles trapaceiam entre si, quando um quinto elemento aparece e surpreende a turma.

Em E Eu Com Isso? também há clima de surpresa. A santa da cidade fictícia de Progresso, no interior do Brasil, desaparece, criando um verdadeiro transtorno para a população. Cada morador é um suspeito. O roteiro foi montado pelos próprios alunos do ITEC Cinema Para Todos, com direção de Tourinho. Venceu a Mostra de Curta Potiguar do FestNatal 2010.

Rua Chile também foi elaborado por alunos das oficinas do ITEC, com direção de Tourinho. O documentário recebeu texto do jornalista Vicente Sejeiro, trilha sonora de Babal, tudo para descrever o movimento que uma câmera faz em passeio pela histórica Rua Chile, em Natal. O filme venceu a sexta edição do Festival do Vídeo Potiguar, em 2006. Todos esses três trabalhos podem ser vistos no canal You Tube. ▶





Carlos Tourinho

BATE-PAPO COM CARLOS TOURINHO

Em Natal, sessões de cinema ora gratuitas, ora a preço simbólico de R\$ 2 para filmes de inquestionável qualidade, rendem gatos pingados. Também em Natal mais de mil pessoas pagam ingressos acima de R\$ 100 para shows de artistas nacionais no Teatro Riachuelo. *“Se o show for em praia popular, não dá essa quantidade de pessoas. É que o natalense gosta de ser visto em locais badalados, independentemente da qualidade da arte mostrada”*. A observação é de um dos diretores do Cineclubes Natal, Nelson Marques, cansado de promover sessões de cinema para um público ínfimo. E sem plateia para cinema de qualidade, qual o incentivo em produzir cinema no Estado?

ENTREVISTA

Tourinho responde algumas questões e esboça um cenário ainda preocupante, mas em crescimento.

> Você morou no Rio por 52 anos. Viu o cinema crescer por lá. O RN está no caminho certo?

- É difícil essa previsão se no cenário nacional as coisas ainda estão complicadas. Fazer cinema para quem? Exibir onde? Com que dinheiro? O cinema deve ser apenas divertimento ou deve ser integrado politicamente com o social do nosso país? Se estas perguntas são difíceis de responder em nível nacional, imagine no âmbito do RN.

“...O CINEASTA, NA VERDADE, É UM
SIMPLES CONTADOR DE HISTÓRIAS.”

> *Há prioridades para o audiovisual potiguar?*

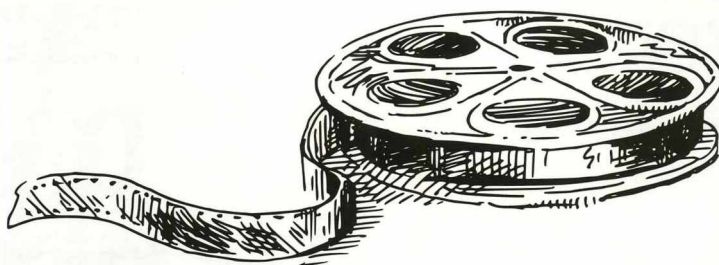
Prioridades aqui são todas: capacitação profissional, maior empenho dos governos em reconhecer que o cinema também é cultura e aprofundar mais a questão da política para o setor. E a criação apenas de leis de apoio ao audiovisual deve ser acompanhada de perto e com apoio administrativo.

> *Em estados vizinhos há dezenas de cineclubes e aqui só temos um. Falta cultura de cinema aqui?*

Em cada cidadezinha do interior para onde levo oficinas, ressalto que tão importante quanto despertar naquele aluno o gosto por fazer cinema é trabalhar, quando eu for embora, a ideia junto à Prefeitura, que deu apoio às oficinas, para que concedam apoio material: câmera, ilha de edição... Se o prefeito for inteligente ele ajuda na montagem desse núcleo de produção. Ora, essa turma vai logo produzir um levantamento em vídeo da cidade. É um arquivo eterno e praticamente de graça que a Prefeitura ganhará. Terá um banco de imagens de vídeo para exportar, para exibir e documentar. É com essas iniciativas que automaticamente surgem os cineclubes para discutir essa produção, a linguagem, o fazer cinema, etc. Mas que surjam cineclubes para discussões e exibições de filme em praça pública, porque o cineclubista tem mania de discussão fechada. Cinema tem que ir onde o povo está; é assim que se forma plateia.

> *Quem você destacaria no setor de audiovisual potiguar, seja como ator, diretor ou fomentador do segmento?*

Difícil citar. Gostaria de destacar algum empresário investidor na área, mas não tem. E os produtores de vídeo e os governos precisam chamar essa turma,



conversar, explicar a importância desse investimento e o retorno que trará. Os produtores não podem se estagnar na produção de comerciais de 30 segundos ou esperar campanhas políticas a cada dois anos. Precisam ser atuantes no audiovisual e incentivar a formação do profissional. Contam-se nos dedos os profissionais com essa iniciativa aqui.

> *Qual a realidade da produção audiovisual potiguar?*

É uma realidade a produção em vídeo. Mas falta produção para cinema ou televisão. O colega Edson Soares (cineasta) ganhou um financiamento grande do Ministério da Cultura para produzir uma série para a televisão. Na realidade é o único apto a trabalhar nisso. Será o primeiro trabalho nosso no audiovisual para televisão, dentro da lei que obriga emissoras pagas a comprar produções locais. A exibição dos nossos filmes é o calcanhar de Aquiles. Temos apoio na produção, muito pouco na distribuição e nada na exibição. É péssimo. Como resolve isso? Como se abre esse espaço à produção potiguar? E como se abre se não temos filme potiguar? Ainda estamos engatinhando muito. Mas há movimentos organizados de alguns em que vislumbramos um futuro mais promissor. Por enquanto, não temos cinema aqui; é muito ínfimo o espaço. Mas se está produzindo. Agora, temos festivais que assolam o Estado; tem festival para todos os gostos. Enfim, um dia a gente chega lá.

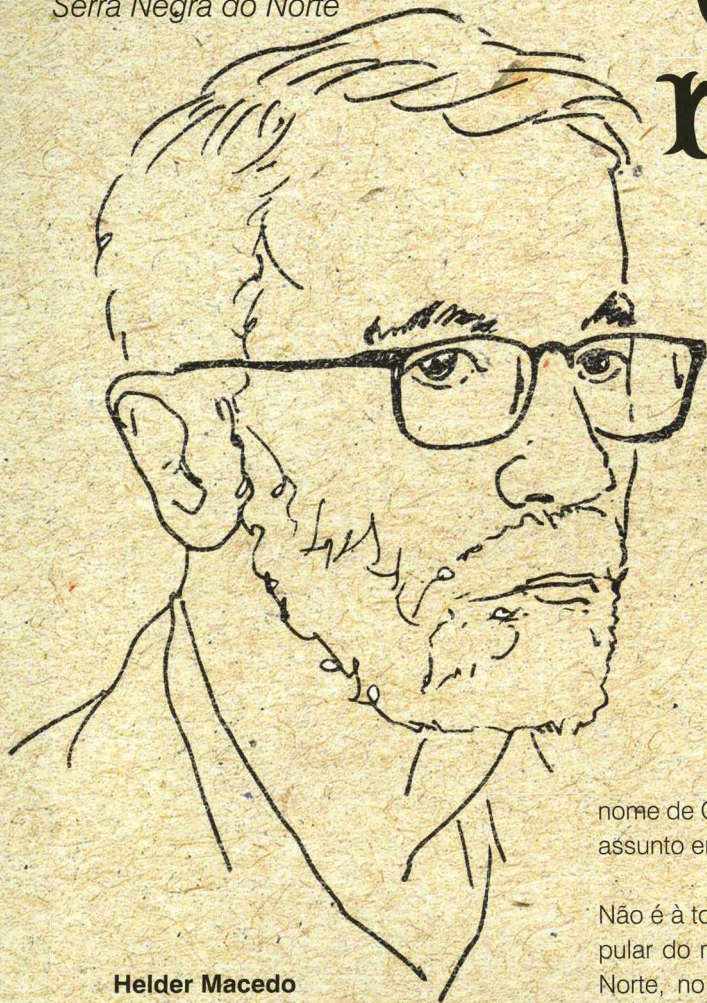
> *Temos cineastas ou apenas videomakers?*

Chamo todos de cineastas, mais por brincadeira. Mas na realidade são muito videomakers mesmo. A produção ainda é muito amadora. Somos carentes de grandes produções cinematográficas.

> *Qual a importância do seu trabalho para melhorar esse cenário?*

Defino meu trabalho como alguém que ensina cinema para quem quer aprender cinema. Seja esse aluno velho ou novo. E é gratificante encontrar alunos na rua e ouvi-los falarem do trabalho deles com o cinema. Não é só o meu trabalho, mas de todos aqueles que se dedicam a ensinar cinema. O curso de cinema da UnP acabou, mas eles já começaram um curso superior na área tecnológica, com dois anos. Precisamos mesmo de técnicos capacitados para trabalhar em grandes filmes, com bons cinegrafistas, por exemplo. Cineasta pode ser qualquer um hoje em dia, com essa facilidade na produção de vídeos. No rio brincávamos muito que quando um sujeito não tinha o que fazer ia ser cineasta ou motorista de táxi, mas o motorista precisava de carteira profissional. É porque o cineasta, na verdade, é um simples contador de histórias. ■

O sertão do nunca mais



Helder Macedo

Nos agradecimentos que antecedem o texto do romance *Memorial*, de Maria Moura (1992), de autoria da imortal Rachel de Queiroz (1910-2003), consta a gratidão a Oswaldo Lamartine “pela inestimável ajuda”. A autora referia-se à ampla consultoria no que diz respeito ao conhecimento sobre roupas, chapéus, armas, cachimbos, tecidos, chás, ferros de marcar gado e palavras específicas da cultura sertaneja, prestada por Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007). Tal ajuda, indispensável para a composição do romance, que foi adaptado, posteriormente, para o formato de minissérie pela Rede Globo de Televisão, revela a preeminência do

nome de Oswaldo Lamartine quando o assunto era o sertão.

Não é à toa que a Casa de Cultura Popular do município de Serra Negra do Norte, no Seridó norte-rio-grandense, carrega o nome daquele que, para Rachel de Queiroz, era um dos homens que mais entendia de sertão e de Nordeste no Brasil, Oswaldo Lamartine de Faria, cuja pesquisa e obra etnográfica foi elogiada, em vida, por personalidades do quilate de Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo e Luís da Câmara Cascudo. A Casa de Cultura que leva o seu nome, integrante da política do Governo do Estado do Rio Grande do Norte de interiorização de ações culturais, foi inaugurada em 2006. O edifício em que ela foi instalada está encravado na rua D. José Delgado, nº 34, no centro histórico da cidade, nos arredores da bicentenária Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó e nas proximidades do rio

Espinharas. A Casa de Cultura conta com os seguintes espaços: Pinacoteca Poeta João Dessoles Monteiro; Setor Administrativo Poeta Ramiro Monteiro Dantas; Biblioteca Escritor Pery Lamartine; Auditório Poeta e Escritor José Lucas de Barros e Galçadão Vergniaud Lamartine Monteiro.

A Casa de Cultura é parceira do Ponto de Cultura Culturarte, implementado em 2008, no contexto de concessão de prêmios a iniciativas da sociedade civil organizada, junto com o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, ligados ao Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, cuja meta era a criação de Pontos de Cultura no território potiguar. O Ponto de Cultura é mantido pela Associação Comunitária Amigos da Casa de Cultura Oswaldo Lamartine, tendo promovido, desde então, ações nas áreas de Fotografia, Teatro, Pintura e Música. Essas atividades, todavia, foram apenas parcialmente executadas no ano que se encerra, tendo em vista o não repasse de recursos financeiros por parte do Governo Federal, segundo a opinião de Lindomar Vieira de Medeiros Júnior, 33 anos, agente cultural que dirige a Casa de Cultura Popular.

A pinacoteca da Casa de Cultura abriga um importante acervo de cultura material, que pertenceu a Oswaldo Lamartine de Faria: móveis de madeira, recortes de jornal e fotografias emolduradas, bancos de madeira, rádio, ferro

de engomar, arcas de madeira, malas de couro, potes, talheres, estribos, facas, moedas, pratos, uma máquina de datilografia e documentos pessoais, apenas para começo de conversa. Pelos objetos pessoais é possível conhecer aspectos da vida de Oswaldo Lamartine, que mantinha raízes familiares em Serra Negra do Norte, pois seu pai, Juvenal Lamartine de Faria (1874-1856) nascera nas terras banhadas pelo rio Espinharas.

Numa das arcas de madeira que foi de Oswaldo Lamartine, verdadeiro baú de memórias, há documentos pessoais que foram de seu pai, dentre os quais sua Carteira da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção RN (expedida em 1937) e o seu Passaporte, provavelmente utilizado quando do exílio em Paris, na época em que foi deposto do cargo de Governador do Rio Grande do Norte pela Revolução de 1930. Os documentos pessoais do próprio Oswaldo Lamartine são mais abundantes: consta, em uma das arcas, além do CIC, Carteira de Trabalho e Título de Eleitor as carteiras da Federação Me-

tropolitana de Tiro ao Alvo, de Identificação do Governo do Estado do RN e do Fluminense Futebol Clube, além do registro do porte de um revólver Smith-Wesson calibre 22.

Em cada objeto deixado por Oswaldo Lamartine repousa um pouco das temáticas tratadas em seus mais de 20 livros publicados. Um sertão, usando palavras do próprio Oswaldo Lamartine, “onde os silêncios eram quebrados pelos aboios, o zoar dos búzios, o bater dos chocalhos e das cancelas, o canto das cantadeiras dos carros-de-boi e o estalar dos chicotes dos matutos”, e, ainda, “onde à noitinha, depois da ceia de coalhada, se armava redes nos alpendres para ouvir dos mais velhos a crônica do passado” (Em alpendres d’Acauã, org. Natércia Campos, p. 84).

Num discurso que preparou para a cerimônia de inauguração da casa de cultura que leva seu nome, em 2006, Oswaldo Lamartine falou aos serranegrenses que viveram a “Serra Negra ansiosa”, na época das profecias de inverno; aos enlutados, na “Serra

Negra contrita”; aos alegres e felizes com o estrondo do pai-da-coalhada anunciando inverno e fartura; aos que, anônimos, no dia a dia, calejavam as mãos em trabalho honesto e desapercibido. E, ao final, conclamou: “Entrem e se abanquem pois a casa é tão minha quanto de cada um de vocês. Ela é nossa. E eu peço: zelem por ela.” Não há convite mais acolhedor como esse, que demarca, também, a necessidade de zelo e preservação, por parte do Poder Público e da sociedade civil organizada, das memórias de Oswaldo Lamartine e do sertão de nunca mais. ■



Preá

Ponto de Cultura
Companhia Teatral Arte Viva
Santa Cruz



O PARAÍSO PODE SER AQUI

Artistas circenses despertam cidadania de jovens no interior do estado

Luana Ferreira

Repórter

Fotos: Ney Douglas

Um dos primeiros Pontos de Cultura do Brasil nasceu no Paraíso, aos pés da gigantesca estátua de Santa Rita de Cássia, no meio da região do Trairi, e não foi por acaso. O Paraíso, amarga ironia, é um dos bairros mais pobres e problemáticos de Santa Cruz, e também um dos mais férteis em cultura. É exatamente por isso que a Companhia Teatral Arte Viva estabeleceu sede e desenvolve suas principais atividades lá há mais de 20 anos.

Quando se tornou Ponto de Cultura, em 2005, o grupo já trabalhava sua arte nas escolas e ruas do bairro, do município, do estado e do país, participava de festivais e era premiado. O Ponto chegou como sementes em um terreno já arado e adubado. "Nós já tínhamos as ideias, só faltava o projeto", descreveu Fábio de Souza, coordenador da Companhia. Eles receberam R\$ 180 mil do Governo Federal em três longas parcelas (a última só veio cinco anos depois, em 2010) e com o dinheiro fizeram tanta coisa que mais pareceu o trabalho de uma multidão, e não apenas de uma Companhia de sete membros.

O fruto mais palpável desse projeto talvez seja o circo: da arquibancada ao equipamento de som, do figurino à iluminação, dos adereços à tão esperada lona, confeccionada lá mesmo, tudo foi comprado com os recursos do Ponto. O circo ficou armado no terreno da sede até 2010. Outra atividade importante foi oferecer oficinas de teatro, percussão alternativa (usando tambores de plástico e latas), oficinas de circo e papel reciclado a centenas de crianças e adolescentes durante os cinco anos. No projeto Da escola ao Ponto, do Ponto à Escola, um dia os atores se apresentavam em uma escola e no outro os alunos assistiam aos espetáculos na sede. Fábio tem orgulho de dizer que alguns de seus ex-alunos participaram dos Autos de Santa Rita de Cássia, espetáculo apresentado sempre no mês de maio que mobiliza toda a cidade. É difícil arriscar até onde essas consequências vão, porque não dá para saber o que acontece, quando pessoas que a princípio não dispunham de quase nada no campo da cultura, são apresentadas ao universo do circo, do teatro, da magia, da poesia, do encanto e do cinema. ►►

Eles compraram uma antiga Rural, aquele carro alto com janelas grandes que aparece nas fotografias sempre apinhado de gente, e com ela circularam pelas ruas rurais e urbanas de Santa Cruz exibindo filmes, recitando poesias e fazendo espetáculos. E também arrumaram mesas, cadeiras e computadores para a sala de inclusão digital da sede. Uma nova biblioteca chegou com outro edital federal, o Ponto de Leitura. Com a instalação da estação difusora, a Companhia passou a propagar, a partir da sede, músicas brasileiras e orientações sobre saúde, drogas, cidadania e outros assuntos, todos os domingos pela manhã nas ruas do Paraíso.

E havia os eventos em datas específicas. Nos domingos de Carnaval, o bairro se enchia de ritmo e alegria com o Arrastão Cultural, quando alunos das oficinas e seus pais soavam os tambores alternativos, balançavam os estandartes e brincavam de boi de reis e burrinha. Em julho havia a mostra de quadrilhas juninas do bairro. E nos dias 13 de dezembro eles faziam a Ode aos Mestres, que começou como uma homenagem a Antônio da Ladeira, mes-

tre de Boi de Reis que também mora no Paraíso. Ele é referência no estado nesse tipo de manifestação cultural e dá nome à sede. O encontro cresceu a ponto de trazer de Natal outros mestres e brincantes. "A gente fazia na marra, hospedava as pessoas nas escolas, pagava a alimentação. As pessoas ainda hoje perguntam pela festa".

MARMOTA NÃO, É ARTE

Fábio é ator e palhaço, tem 32 anos, uma bagagem cultural enorme e nenhuma vontade de sair de Santa Cruz, apesar de todos os problemas que fazer arte popular em uma cidade pequena envolve. Seu lugar é o Paraíso. "O bairro é muito discriminado por ser marcado pela violência, prostituição e drogas, por isso a gente nunca pensou em sair de lá. Aquelas pessoas precisam da gente, do nosso incentivo", disse. Ele mora ao lado da sede.

Para a Companhia, arte, transformação social e preservação da cultura popular fazem parte de um mesmo movimento, são inseparáveis. "A gente vai passando e formando novas gerações, deixando as coisas. Se pelo menos uma vez ao ano a gente instigar as pessoas, pode ser que, de 20, 19 não queiram, mas um vai ficar com aquilo na cabeça...". Por isso eles sempre dão um jeito de estar na rua, passando o chapéu ou nem isso, como se quisessem se transformar em uma possibilidade palpável e permanente para os meninos do bairro. "A gente tem que estar fazendo show para as pessoas verem e gostar", resumiu o ator. "Foi assim que comecei: vindo a Caravana e gostando".



Fábio é tranquilo, tem a fala mansa, a pele morena e a altura mediana. Começou a se apresentar com apenas sete anos, contaminado pela Caravana Nova Vida, que misturava shows dublados com mágica, palhaços e acrobacias. Entrou fazendo malabarismos, estrelinhas e mortais. Em 1992, depois de uma oficina sobre teatro de rua do grupo natalense Alegria, Alegria, a história da Caravana mudou. Eles passaram a focar mais no circo e no teatro e trocaram o nome para Grupo Arte Viva. Mas ainda assim não era fácil. *“As pessoas achavam que teatro era coisa de vagabundo, diziam que a gente não tinha o que fazer e ficava apresentando marmota no meio da rua”*, lembrou Fábio. Depois de um quase atropelamento, consequência de um período de protestos na cidade por conta da falta d’água, em que eles também fecharam uma rua, até a mãe pedia para que ele saísse dessa atividade. *“Ela disse que teatro era coisa de doido e que eu ia acabar morrendo”*. Ao entrar no Movimento Escambo, coletivo que reúne várias companhias de teatro popular para circular o país, o Grupo adquiriu a régua e compasso na arte de produzir e irradiar a cultura popular. *“Hoje em dia as pessoas nos respeitam, sabem que somos reconhecidos no país afora”*.

Perguntei a Fábio qual era a relação dele com a estátua de Santa Rita de Cássia, construída há quatro anos e cuja figura está fortemente presente na paisagem da sede, assim como de toda a cidade. *“Nenhuma”*, sorriu. A santa, padroeira de Santa Cruz, foi construída há cinco anos pela prefeitura, custou R\$ 5 milhões e atrai milhares de turistas desde então.

Em 2012 a Companhia conquistou o Prêmio Asas, espécie de reconhecimento do Governo Federal a certos Pontos de Cultura, e com os R\$ 80 mil que receberam fizeram uma versão

comprimida dos cinco anos de atividades nas nove cidades da região do Trairi. O carro dessa vez era uma Kombi, mais nova e espaçosa que a Rural. O ritmo era ainda mais intenso. *“A gente chegava na sexta de manhã e dava entrevistas em rádios e blogs. À tarde ia às escolas inscrever alunos e à noite apresentava A Trama do Assustado, comédia popular do dramaturgo Hélio Lima. No sábado fazia vivências de teatro, circo e percussão nas escolas e à noite voltava em cortejo de lá até o ponto definido para o espetáculo, e os alunos se apresentavam. Depois a gente fazia outro espetáculo, O Circo-Teatro em Três Atos. No domingo a gente voltava”*, detalhou Fábio.

Passados os períodos de atividade do Ponto e do Prêmio, a Companhia continua na ativa, embora desacelerada, fazendo apresentações nas ruas, participando de festivais, brincando o Boi de Reis e realizando oficinas de teatro e percussão de graça, atividades que não precisam de recursos extras. O circo foi desmontado porque não há como mantê-lo funcionando sem o apoio do poder público. Os tambores e telas de papel reciclado continuam lá, prontos para serem usados. A salinha da biblioteca e inclusão digital e a difusora funcionam normalmente na sede, que é espaçosa e acomoda toda a história do Ponto: a lona, a arquibancada, os figurinos, o Boi de Reis, a Rural, a Kombi, os estandartes, o alto-falante e os ferros que dão suporte à lona do circo fincados no chão.

A ideia da Companhia agora é arrumar financiamento e parcerias para circular o estado e o país com espetáculos. *“Vamos ver até onde a gente consegue chegar”*. ■

“O bairro é muito discriminado por ser marcado pela violência, prostituição e drogas, por isso a gente nunca pensou em sair de lá. Aquelas pessoas precisam da gente, do nosso incentivo”

Preá

Ponto de Cultura
Boi Vivo
São Gonçalo do
Amarante

O BOI AINDA VIVE

Luiz Philipe Barros

Repórter

Entre outras manifestações do folclore potiguar como os Congos, a Lapinha, Pastoril, Coco de Roda e Fandango, a arte do Boi de Reis é de longe uma das mais completas, e a versão do Boi Calemba, a mais

genuinamente potiguar. Alexandre Elpídio da Silva, um indivíduo desconhecido para a maioria das pessoas, mas referência fundamental na história do Boi de Reis do Rio Grande do Norte, mais conhecido como Mestre Elpídio, não só lutou e manteve viva a tradição, quanto sua vivência inspirou a criação do Ponto de Cultura Boi Vivo.



Desde cedo aprendeu a arte, e quando resolveu ter sua própria Maruja subiu direto aos palcos do então prefeito Djalma Maranhão. O Boi Pintadinho, de Mestre Elpídio tornou-se o Boi Calemba, nome sugerido pelos próprios Djalma Maranhão e pelo mestre folclorista Déffilo Gurgel. Após muitos anos, veio a fase de decadência, com a ditadura militar, a cassação do seu amigo e compadre, o prefeito, o que fez com que o mestre também fosse perseguido. Veio o desgaste e a descaracterização de seus figurinos.

Tempos depois, houve a época em que o prédio histórico na avenida Rio Branco, onde hoje funciona o IFRN da Cidade Alta, era tomado por coletivos artísticos potiguares independentes, compondo assim a chamada República das Artes. Grupos teatrais, circenses, artistas visuais e produtores dividiam o espaço em uma efusão de ideias e fazeres criativos. Numa das tardes de 2007,

a figura emblemática de Mestre Elpídio apareceu nas dependências do prédio à procura da figurinista e aderecista Kátia Dantas, que na época trabalhava com a Companhia Artes e Traquinagens. Era apenas o início de uma nova fase do boi de Mestre Elpídio.

Com apenas R\$300 no bolso, adquiridos através de uma doação, o mestre sonhava com a renovação dos adereços de seu Boi Calemba, há anos fora de atividades, para enfim colocá-lo de volta às ruas, aos olhos do povo. Seu boi já não era mais o mesmo, quando seus adereços se resumiam a máscaras deformadas e vestidos velhos. O infortúnio é que um orçamento não sairia por menos de R\$10 mil. O mestre não conseguiria ainda naquele momento resgatar seu boi,

porém este primeiro contato com o coletivo foi tão valioso quanto. A afinidade foi tanta que em breve o grupo se engajaria na causa de revigorar a tradição do Boi de Reis, culminando então no projeto do Ponto de Cultura Boi Vivo.

Um dos idealizadores do projeto, aprovado pelo edital de Pontos de Cultura MinC, foi Lenilton Lima, que hoje gerencia o Ponto de Cultura. O fotógrafo e produtor cultural conta como se deram os primeiros contatos com o mestre. *“O início da minha relação com mestre Elpídio foi interessante, porque a gente sempre ficava naquela dúvida: Ou esse mestre é muito bom mesmo, ou ele é muito mentiroso. Porque ele dizia que havia sido mestre de Manoel Marinho, que era compadre de Djalma Maranhão, que brincava nos palanques dele. No final descobrimos que ele era realmente um dos melhores. Desde então, nossa amizade só cresceu. Frequentávamos a casa dele, acompanhávamos as apresentações.”*

A confecção de seus figurinos saiu dois anos depois, a partir de uma contribuição da prefeitura de Parnamirim. Kátia Dantas improvisou adornos recortados de cetim, já que as fitas eram muito caras. Já as palas que eram para ser de cetim, foram de carpete, e o resultado resultou satisfatório. O Boi Calemba de Mestre Elpídio já saltava novamente.

MANTENDO VIVA A ARTE DO BOI

Inspirado na vivência de Mestre Elpídio, ainda em 2007 surgiu o Ponto de Cultura Boi Vivo, oficializando-se no ano de 2008, a partir da aprovação do projeto em edital do MinC, encabeçado por Lenilton Lima, João Lins e Analu Campos.

Inicialmente o objetivo principal do projeto era o de restaurar e revigorar, mantendo viva, a arte do Boi Calemba de Mestre Elpídio, além da busca pela valorização dos demais mestres

e grupos populares, fortalecendo suas atuações a partir de intercâmbio e incentivos. Porém, como disse Machado de Assis, *“o destino, como os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho,”* e como Mestre Elpídio morreu em 2010, aos 82 anos, vítima de parada cardíaca, em consequência de um tumor cerebral, tudo mudou.

“Depois da morte dele tudo parou, a gente ainda tentou várias vezes reviver o grupo de Mestre Elpídio, mas infelizmente, não deu certo”, explica Lenilton. Por outro lado, Lenilton e o grupo de parceiros resolveram cair em campo para centrar no trabalho de pesquisa, para coletar documentos e fazer o arquivo histórico do Calemba Pintadinho, além de coletar imagens fotográficas, vídeos, informações, instrumentos musicais e de composição dos personagens do boi para perpetuar a memória da cultura popular.

A partir da sede mantida em São Gonçalo do Amarante, o Ponto segue desenvolvendo ações com o Boi Calemba Pintadinho local, o grupo soma 105 anos de existência e há 27 está sob os cuidados do Mestre Dedé Veríssimo. Existe ainda o projeto de estruturar a casa para sediar a Escola de Boi de Reis. Na área de pesquisa o Boi Vivo já tem parcerias com pesquisadores de universidades do estado. *“Temos ainda um vasto acervo em vídeo e fotografias do Boi Calemba. A gente pretende em breve produzir um documentário para registrar o folguedo no estado”,* conta Lenilton.

O Ponto de Cultura ainda desenvolve um trabalho de acompanhamento e participação em editais culturais de incentivo e financiamento. No mais recente conquistado, o Prêmio Cultura (na Copa do Mundo), o Boi Vivo levou seu espetáculo Baile Encantado para o Rio Grande do Sul, durante a Copa do Mundo no Brasil, recebendo um incentivo de R\$ 100 mil do MinC. ■

Preá

Ponto de Cultura
Companhia Escarcéu
de Teatro
Mossoró

UM EXEMPLO QUE VEM DE MOSSORÓ

Mário Gerson

Repórter

Fotos: Bruno Soares

Nas escadarias do Teatro Municipal Dix-huit Rosado, alguns artistas se aglomeram para uma noite de música, em plena quarta-feira, em frente à maior casa de espetáculos do RN. Na plateia, secretários se misturam com a comunidade, o prefeito, alguns vereadores... É um espetáculo público, aberto a quem passa pela chamada Avenida Rio Branco, no trecho conhecido como Corredor Cultural.

Ali, o Teatro Municipal Dix-huit Rosado, que recebeu investimentos do Governo do Estado, durante sua fundação, tem espaço para mais de 700 pessoas. A casa é frequentada e, semanalmente, há espetáculos variados, tendo recebido artistas de muitas partes do País, concertos diversos, apresentações locais, enfim, é um palco para o artista

que, na década de 80, se ressentia, em Mossoró, de um lugar assim.

Em meio à plateia, um sorriso se destaca. Com uma cobertura sobre a cabeça, lembrando a cultura que tanto divulga, a cultura negra, cultura de suas origens, Lenilda Sousa inspira e transpira teatro.

O andar cauteloso diante de todos, a procura por um lugar ideal para dar entrevista, o olhar cheio de energia – são mais de 20 anos de palco e interpretações – mostra-nos uma Lenilda distante do atual momento em que vive, dentro da burocracia municipal, resolvendo coisas e elaborando projetos.

Sentada em um dos confortáveis sofás do luxuoso teatro da cidade (o

ufanismo mossoroense não se nega a chamá-lo de um dos maiores do Nordeste), Lenilda sorri quando se lembra, com nostalgia, dos tempos em que, ao lado de Nonato Santos, esposo e também ator, fundou, na década de 80, a Companhia Escarcéu de Teatro, uma das mais antigas em atividade no município e uma das que apoiaram o chamado Movimento Caiçara, que pretendia transformar o antigo Cine Caiçara em um teatro para as apresentações artísticas locais.

A década de 80 passou, como passaram tantas outras coisas. Hoje, Mossoró conta com quatro teatros – três deles (Kiko Santos, Alfredo Simonetti e Lauro Monte Filho) estão sob a guarda do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e um, o municipal, é mantido pela Prefeitura.

>>> RECURSOS

Mesmo com poucos recursos, os trabalhos estão sendo mantidos pela Cia. Escarcéu de Teatro. “Os recursos que recebemos são investidos nas atividades. No RN, a situação é um pouco mais delicada, porque os recursos não são tão altos, no entanto, é preciso trabalhar com o que se tem. Nos primeiros anos do nosso Ponto, nos vimos dentro das nossas limitações, de maneira que até chegamos a ser monitores. Trabalhamos nas escolas, trazendo as crianças para o teatro, incentivando a prática de palco, a apresentação, encenação,



Lenilda Souza



técnica de luz, enfim, nós ajudamos muitos deles a estar, hoje, dentro do teatro”, relata Lenilda, destacando que essa foi uma das formas de fazer com que jovens do bairro Alto da Conceição tivessem acesso à arte teatral.

Além disso, segundo a atriz, várias outras apresentações foram feitas, principalmente na chamada zona rural. *“Apesar dos recursos terem diminuído bastante, estamos trabalhando nosso Ponto de Cultura da melhor maneira possível. No momento, mesmo com dificuldades e um pouco em tempos de balanço, estamos caminhando, apesar do ano difícil que tivemos”, diz.*

Segundo a atriz, uma das formas de potencializar, hoje, as atividades dos Pontos de Cultura, seria uma reformulação, principalmente nos projetos que dizem respeito às unidades que estão nos grandes centros ou nas cidades de grande e médio porte. *“É preciso chegar até a zona rural dos municípios, levar a atividade teatral, a dança e a música para essas comunidades, a fim de descentralizar a cultura, para que mais e mais pessoas tenham acesso à arte”, destaca.*

Emocionada, os olhos marejando, mesmo com todas as dificuldades da vida de artista, ela nunca pensou em desistir da Cia. de teatro. *“Em nenhum momento pensei em desistir. Pelo contrário, nosso desejo é o de sempre continuar lutando por um teatro vivo, por uma atividade teatral que chegue a mais e mais pessoas... enfim, nossa luta é essa. Nossa bandeira é essa e assim eu continuarei, juntamente com o grupo, lutando, sempre e sempre”, finaliza.*

>>> ESCARCÉU

Fundada em 8 de julho de 1986, a Cia. Escarcéu traz como bandeira a democratização do acesso ao teatro através da montagem de espetáculos, cuja en-

cenação e opção cênico-espacial permitam que possam ser realizados em espaços abertos.

Como gestora e produtora de artes cênicas e imbuída pelo desejo de facilitar o acesso à cultura artística, a Escarcéu estende suas ações às comunidades.

A Escarcéu prima por um teatro de linguagem contemporânea que se apropria dos elementos estéticos das manifestações da cultura popular, tais como o Bumba Meu Boi, Pastoril e Mamulengos. Privilegia, em suas montagens, a comicidade, ludicidade e a brincadeira como linguagem em seus trabalhos cênicos, buscando, a partir destes elementos estéticos, o aprimoramento técnico de seus atores e atrizes, aliado a uma constante troca de experiências entre seu elenco e os mestres da cultura popular.

Durante seus 28 anos de atuação artística, a Companhia Escarcéu de Teatro montou treze espetáculos de rua: dez para palco à italiana, direcionados ao público adulto e três infantis. Participou de vinte e oito festivais, mostras de teatro regionais e nacionais. Conquistou onze prêmios em diversas categorias e atualmente oferece, através do projeto Ponto de Cultura, em parceria com os Governos Federal e Estadual, oficinas de artes cênicas para crianças, adolescentes e jovens.

Com elenco composto por onze artistas realizou nos últimos cinco anos os seguintes projetos: Metamorfose (espetáculo inspirado na obra de Raul Seixas, para espaço aberto. Apresentado no espaço cafezal, anexo do museu da resistência); Bagaço do Engenho (espetáculo musical para rua inspirado nos compositores contemporâneos da música popular nordestina); Cortejo ao Pôr do Sol (documentário em Audiovisual sobre os vinte anos de atuação da Cia. Escarcéu).

>>> PONTOS DE CULTURA

O programa promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes, por meio da consecução de convênios celebrados após a realização de chamada pública.

A prioridade do programa são os convênios com governos estaduais e municipais, além do Distrito Federal, para fomento e conformação de redes de pontos de cultura em seus territórios.

Atualmente, as redes estaduais abrangem 25 unidades da federação e o Distrito Federal. Já as redes municipais estão implementadas, ou em estágio de implementação, em 56 municípios. ■

A banda que toca o futuro

A Filarmônica de Cruzeta gera mercado de trabalho para jovens músicos

Luana Ferreira

Repórter

Fotos: João Vital Evangelista | Ney Douglas

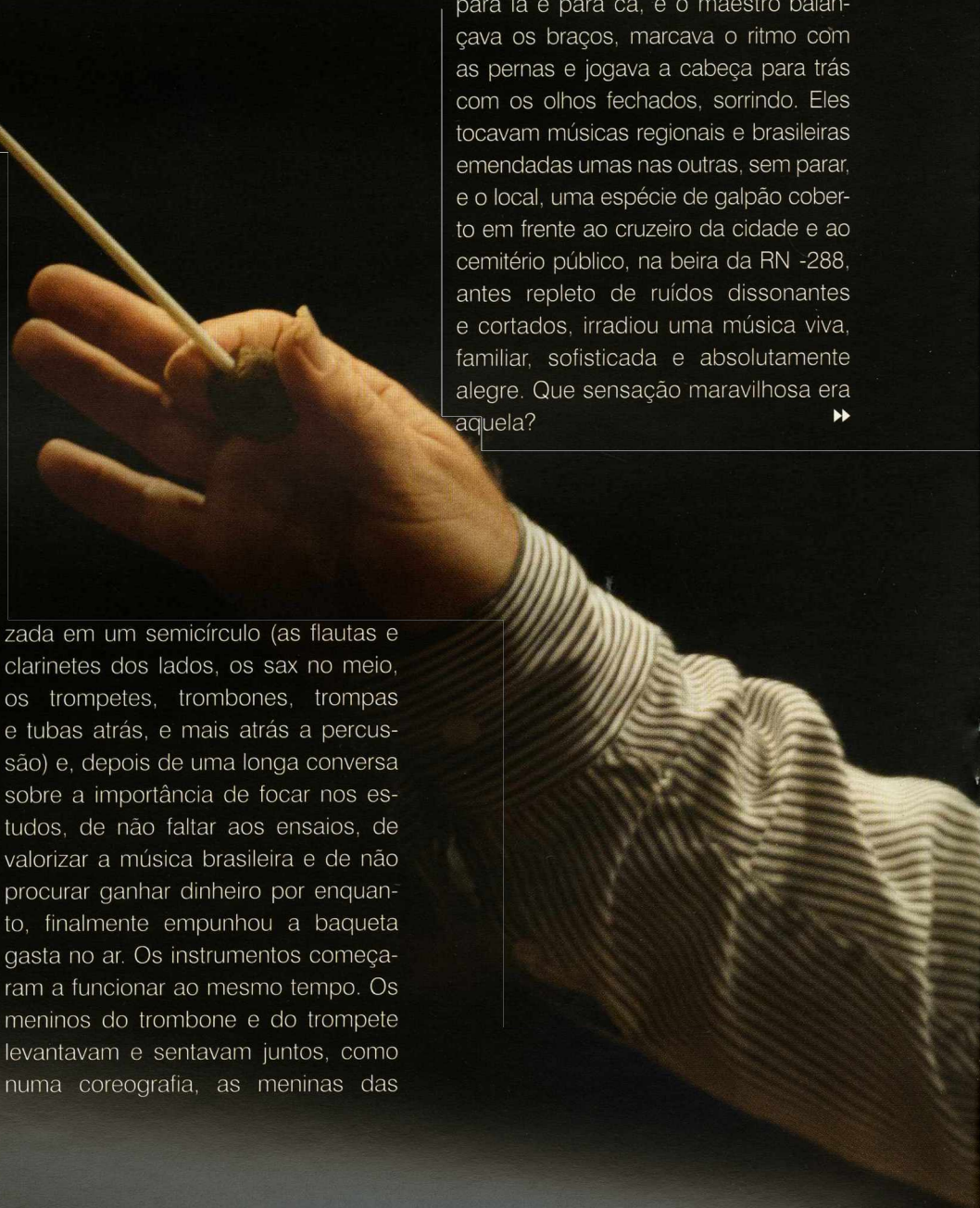


Afora a baqueta já um pouco puída na mão direita, nada em Humberto Dantas, mais conhecido simplesmente como Bembem, indicava que ali estava um maestro - ou pelo menos a ideia que a gente faz de um maestro. Ele chegou ao ensaio da Filarmônica de Cruzeta pilotando uma moto de bermuda, camiseta e havaianas e não provocou qualquer mudança no comportamento dos integrantes, a maior parte de crianças e adolescentes, que sem comando nenhum já estavam concentrados, afinando seus instrumentos e consultando partituras há pelo menos meia hora. A tarde ia pela metade em Cruzeta e o céu, embora muito azul, estava salpicado de nuvens brancas até o horizonte. O encontro marcava o início da temporada do segundo semestre.

Bembem subiu em um tablado posicionado na frente da banda, organi-

zada em um semicírculo (as flautas e clarinetes dos lados, os sax no meio, os trompetes, trombones, trompas e tubas atrás, e mais atrás a percussão) e, depois de uma longa conversa sobre a importância de focar nos estudos, de não faltar aos ensaios, de valorizar a música brasileira e de não procurar ganhar dinheiro por enquanto, finalmente empunhou a baqueta gasta no ar. Os instrumentos começaram a funcionar ao mesmo tempo. Os meninos do trombone e do trompete levantavam e sentavam juntos, como numa coreografia, as meninas das

flautas e clarinetes giravam a cabeça para lá e para cá, e o maestro balançava os braços, marcava o ritmo com as pernas e jogava a cabeça para trás com os olhos fechados, sorrindo. Eles tocavam músicas regionais e brasileiras emendadas umas nas outras, sem parar, e o local, uma espécie de galpão coberto em frente ao cruzeiro da cidade e ao cemitério público, na beira da RN -288, antes repleto de ruídos dissonantes e cortados, irradiou uma música viva, familiar, sofisticada e absolutamente alegre. Que sensação maravilhosa era aquela? ►►





Humberto Dantas,
maestro Bembem.

O maestro

O Ponto de Cultura Filarmônica de Cruzeta existe há seis anos, mas a banda é bem mais antiga que isso, nasceu em 1986 pelas mãos do maestro Ubaldo Medeiros, primo de Bembem. Dois anos depois Bembem já comandava a baqueta. Ele estava com 23 anos e havia aprendido a tocar e a reger praticamente sozinho, exceto pelos dois meses de aulas de trompete que teve com Ubaldo. Nascido em Acari, o músico passou a infância e a adolescência em São José do Seridó e o início da vida adulta em Mossoró, onde estudou técnica agrícola e participou ativamente do movimento estudantil. Sua mãe, Francisca Margarida Dantas, era violonista de ficar tocando na beira do rio em uma época que mulheres só tocavam piano em salas fechadas.

Aos dez anos ele fez um teste de aptidão musical em que era preciso cantar algo acompanhando o violão do professor. Ele escolheu a música Bem Feito, do cantor popular Fernando Mendes, que fazia sucesso na época, e disparou: *"Quem diz que sabe tudo/*



muitas vezes sabe nada/ a cobra é venenosa mas não sabe dar pernada/ bem feito!". O último verso não deve ter saído muito claro, porque o professor entendeu "bem-bem!", passou a chamá-lo assim e o apelido ficou.

Talvez uma das razões para a musicalidade da mãe e a desenvoltura do filho seja o sangue dos Dantas do Seridó, que já correu em músicos tão notáveis como Tonheca Dantas (1871-1940), autor da valsa Royal Cinema, e o também compositor Felinto Dantas (1898-1986), ambos de Carnaúba dos Dantas, município, assim como Cruzeta, Acari e São José, da região do

Seridó potiguar. *"Para os Dantas, um instrumento na mão é tão normal como uma enxada"*, gabou-se Bembem. Ele vê o autodidatismo com bons olhos e acredita que a academia pode ser perigosa quando enquadra o aluno em um jeito europeu de tocar. *"O europeu toca o chorinho assim, pam-pam-pam, não tem o gingado, agora veja como o brasileiro toca, pam-tam-ram-tam-pam"*, demonstrou, marcando da segunda vez um ritmo mais floreado com a voz e com as mãos. *"Brasileiro tem que saber tocar as músicas dos brasileiros, não dá pra aprender jazz e não aprender o chorinho. Tocar baião é uma obrigação!"*.



A Filarmônica

No início de tudo a Filarmônica tinha menos de 20 músicos e ensaiava em um quartinho da casa de motor de Cruzeta, que enviava energia para toda a cidade mas não para o seu interior, por isso os ensaios e as aulas tinham que terminar às 17h. A banda possuía um naipe simples de instrumentos e um repertório restrito. Bembem trouxe bateria, flauta transversal, trompas e trombone, variou o repertório e passou a cobrar mais dos alunos. *"Naquele tempo as bandas eram indisciplinadas, não tocavam bem e se apresentavam por uma grade de cerveja"*, lembrou.

A transição começou a acontecer de fato em 1989, quando a musicista suíça Margareth Keller atravessou o caminho de Cruzeta e da banda por conta do projeto Aldeias Crianças SOS. Keller ficou tocada com o que Bembem conseguia fazer com quase nada de recursos e comprou uma bateria. Depois, para que conseguisse matricular mais alunos, trouxe 100 flautas doces, e não parou mais de ajudar. Em 1999 criou-se a Associação Musical de Cruzeta, a Amusic, que envolve banda e escola de música. Keller continua enviando da Suíça dez mil dólares todos os anos, o que paga quase todo o custo com manutenção, instrumentos e bolsas para as passagens de ida e volta a Natal, onde parte dos alunos estuda na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (o nome filarmônica vem da ligação com a sociedade civil, ao passo que bandas sinfônicas são sustentadas por verba pública).

Como Ponto de Cultura, a Associação recebeu duas parcelas de R\$ 60 mil e com elas comprou mais instrumentos,

além de cadeiras, estantes, câmera fotográfica, equipamento de som e projetor, e contratou dois maestros assistentes. Bembem considera a iniciativa do Governo Federal importante, mas lembra que não é só de incentivos pontuais que se vive a arte. *"Foram importantes os equipamentos, mas faltou a política pública"*. A rotina de aulas e ensaios continuou a mesma. Ainda aguardam a última parcela de R\$ 60 mil.

O maestro coordena o projeto Bandas Filarmônicas para a Juventude Potiguar, financiado pelo Banco Mundial através de um convênio com o Governo do Estado, que compra instrumentos, equipamentos de informática e contrata professores de música para formação de bandas em municípios do Rio Grande do Norte com até 14 mil habitantes, consideradas rurais pela instituição financeira. O modelo é o de Cruzeta, e a gestão é feita por uma associação desvinculada da Prefeitura. De acordo com Bembem, antes do projeto 65 dos 165 municípios do estado não possuíam bandas próprias, e parte dos 100 restantes conviviam com bandas sucateadas. Ao todo eram 115 bandas, porque alguns municípios têm

mais de uma. Ele disse que desde o início de 2014 já foram implantadas 46 e mais 75 estão em processo de implantação ou reconstrução: *"Vamos transformar a história das bandas de música nesse estado"*. Como reforço, um Projeto de Lei que regulamenta a gestão das bandas foi aprovado recentemente na Assembleia Legislativa.

O maestro acredita que em municípios pequenos as bandas representam uma possibilidade, em um rol tão minguado de possibilidades, de futuro acadêmico e profissional para os alunos. Ou, para os que não querem trabalhar com música, uma maneira de se posicionar na vida em uma idade tão intensa e incerta como a adolescência. *"Às vezes você passa pela banda, não vai ser músico mas desperta para seguir o seu caminho, porque tudo o que você faz aqui é a partir do seu esforço, não tem como eu tocar por você ou você por mim. Ou você toca ou você não toca, e tocar é um processo mágico"*, explicou. *"Essa formação é o principal: aprender a focar na carreira"*. Por isso a longa conversa antes dos ensaios e os sempre presentes puxões de orelha. O lema da Associação é: *"Antes de formar um músico, pretendemos formar um grande seridoense, um grande potiguar, um grande nordestino, um grande brasileiro, um grande cidadão do mundo e de si mesmo"*. ▶▶





A cidadania

Você sabe que isso não é exagero quando conversa com Jussicleiton Breno da Silva, trombonista de 17 anos que tem os olhos apertados e o rosto cheio de espinhas. Ele mora em Natal, onde faz graduação na Escola de Música da UFRN e toca na Sesi Big Band - um caminho quase natural para aqueles músicos. Com a bolsa que recebe da Associação, vai e volta para Cruzeta todas as semanas, onde participa do Quarteto de Trombone do Seridó, ensina aos mais novos e ensaia com a banda. Há três anos, com apenas 14, ele fazia o trabalho duro das cerâmicas e recebia R\$ 180 por semana. "Chegou um dia que os caras de lá disseram: vá estudar, a gente está aqui porque precisa, é pai de família", disse Jussicleiton, emocionado. "Sempre lembro deles falando isso". A cidade tem menos de oito mil habitantes e a paisagem marcada pelos enormes fornos de telha e tijolos das cerâmicas. Elas representam uma possibilidade concreta de emprego formal no município, mas é um trabalho braçal, pesado. Além disso, por funcionarem à base de lenha e argila, devastam a terra e a vegetação e devem se tornar inviáveis nos próximos anos. A banda, por outro lado, é uma porta de saída desse mundo de barro e fumaça para outras paisagens, outras pessoas e outras perspectivas. "Ter um filho que faz parte da banda traz orgulho para os pais. A banda nos dá ares de cidadania", disse Bembem. Perguntei a Jussicleiton quais eram seus planos para o futuro e ele não pensou nem um segundo. "Planos? Tenho vários! Depois de me graduar quero fazer concurso e ser professor de música. Se tiver oportunidade de voltar para Cruzeta, eu volto".

Nas contas do maestro, mais de 100 músicos de Cruzeta já se formaram pela UFRN usando as bolsas da Amusic. Cruzeta fica distante 220 Km da capital e muitos deles não conseguiriam se tivessem que pagar as passagens. "É o município do interior mais presente na Escola de Música", disse o maestro assistente de Bembem, Fernando Luiz, de apenas 26 anos, que já fez o curso técnico e agora está na graduação. A contrapartida dos alunos é ensinar na escolinha. "A gente planta música e depois gera renda, assim como você planta um milho e depois colhe dez espigas", comparou Bembem.

Fernando Luiz está na banda há 13 anos e começou a tocar tuba por acaso. "Um dia eu estava lá tocando pratos e Bembem disse: tem uma tuba vaga aí, quer tentar? A tuba não é muito valorizada pelos jovens porque não é muito vista", disse antes de acelerar a moto rumo a São José do Seridó, onde é maestro titular. Seu sonho é entrar para as Forças Armadas que, segundo ele, anda mesmo precisando de uma tuba.

Outro exemplo de músico que passou mais tempo de sua vida dentro da banda que fora dela, é Anderson Adailson, de apenas 25 anos, 13 deles sob a batuta de Bembem. Graduado pela Escola de Música, hoje ele mora em Natal e é professor e integrante da Sesi Big Band e do Pronatec, mas não cortou a ligação com a banda. O ar adolescente que o cabelo apontado para cima cheio de gel e os óculos de grau mo-

derninhos lhe conferem, contrasta com o discurso nostálgico. "No meu tempo a música era vivida mais naturalmente. Hoje em dia, com a tecnologia, isso vem diminuindo..."

Vanniellyson Wilker, de 15 anos, aprendeu a gostar da banda assistindo às apresentações e aos ensaios no colo do pai, que mantém com a mãe uma loja de lingerie na cidade. Entrou na Associação com apenas nove anos, hoje faz o curso técnico, participa do Quarteto de Trompete do Seridó e já tem alguns alunos na escola. "A banda trouxe pra mim muita maturidade, pelo convívio com os mais velhos e escutando o maestro falar". Apesar da pouca idade, ele sabe de cor o que quer fazer nos próximos anos: "Quero passar o conhecimento para os mais novos, fazer o bacharelado, entrar para a orquestra do estado, conhecer os professores internacionais que vêm para a Escola de Música e futuramente ir para a universidade deles aprender com eles".

Os músicos não recebem salários, em parte porque não há dinheiro, e em parte para estimular a rotatividade dentro da banda. Nas apresentações mais importantes, como na festa da padroeira de Cruzeta, ganham um cachê simbólico de pouco mais de R\$ 100,00 por várias apresentações.

No entanto eles estão lá, ensaiando, apresentando-se em todo o país, conhecendo novos lugares e outros músicos, estudando e ensinando aos iniciantes dia após dia, há 28 anos. Hoje a Associação possui 115 alunos, a banda quase 70 músicos (esse número pode aumentar bastante com a presença de ex-alunos, o que acontece com frequência) e sete CDs gravados. De acordo com Bembem, fazem uma média de 100 apresentações por ano, metade delas em Cruzeta. Poderiam ser bem mais se tivessem como ban-

car o transporte dos integrantes, porque não param de receber convites.

Na saída do ensaio, Bembem encontrou dois meninos sentados na calçada perto da porta. "O que vocês estão fazendo aqui?", quis saber. "Nada, só estamos ouvindo", respondeu um deles. "Quer entrar? Tem lugar pra vocês lá", convidou o maestro. O menino sorriu, mas não respondeu.

O sol já caía a oeste, a maior parte das nuvens haviam sumido e restou um azul claro, mas menos intenso, no céu. A turma, agora falante e descontraída, se enfileirou em frente à Associação e pediu que o fotógrafo da Preá, Ney Douglas, tirasse uma foto. Na hora do clic, alguém falou: "Diga: fá sustenido!", e todos sorriram. ■

Preá

Conto



Escrever é ato sozinho

Beatriz Madruga | Escritora

Ninguém me incentivou a escrever. Ninguém me falou que deveria tentar, que seria bom, que escrever é sempre bom, independente do que se saia. Contanto que se escreva sem querer ler nada de extraordinário depois. Contanto que se escreva querendo apenas contar histórias sem ouvir julgamentos. E não existe nada mais libertador do que poder falar sem ser julgado por nada.

Eu comecei a expulsar os textos porque estava sozinha e cheia de palavras. Não sabia se alguém gostaria de ouvir tudo aquilo. Escrever é ato sozinho, mas não muito. Eu fico aparentemente sozinha, mas conversando com uma parte de mim. E é outra parte minha que escreve sem medo de ser julgada. Eu me divido e faço disso diálogo, e deixo, me levo, levo minhas duas partes até onde elas queiram ir. Até que elas se cansem de falar e de ouvir e me deem algum alívio. Foi assim que começou.

Eu nunca mais parei de escrever, nem de incentivar que todo mundo escrevesse. Que a gente falasse de si para si, que a gente se ouvisse, que é pros dias ficarem mais fáceis com esse movimento simples – e para a gente se tornar mais fácil também. Pra que a gente ande pra frente. Eu não paro.

Eu não virei escritora. Eu escrevo porque só sei existir se for assim – e só sei existir assim já faz um tempo. Escrevo que é pra contar as feridas. Pra lamber as feridas. Para lembrar de tudo. E para me ajudar a esquecer. As feridas se escrevem sozinhas, e por isso às vezes eu fico assim: aos pedaços. Mas sigo conversando comigo e me escrevendo sem parar.

Que eu tenho de me escrever por aí, e escrever os outros em mim, e escrever os outros em espelhos maiores e mostrá-los a eles, e mostrá-los a todo mundo. Verdade. Devo ser exibicionista em alguma instância.

Eu escrevo para que eu faça barulho, e ouça barulhos, para que eu não fique sob silêncio pesado enquanto vejo as histórias passarem. Não deixo que elas passem sem registro. Por isso escrevo. Se eu não escrever, paro de me ouvir. E vou ter de começar a gritar. E eu não gosto de gritar. Por isso escrevo.

Não sou escritora. Só escrevo para que eu não me sinta meio morta. Só escrevo porque não sei mais existir de outra forma. Não sei como é que se vive sem escrever. ■

As digressões do Clowns de Shakespeare

Fabiana Bagdonas
Repórter

Grupo teatral ambulante formado por atores amadores, que faz digressões pelas cidades do interior: esse é um dos significados da palavra mambembe. De amador, o Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare não tem nada. Já “fazer digressões pelas cidades do interior” é justamente o que a companhia vem fazendo por meio do projeto Barracão Mambembe, o ponto de cultura itinerante do grupo.

O pontapé inicial desse projeto deu-se em fins de 2010, quando o grupo passou a ser patrocinado pelo Governo Federal, por meio de parceria com o Governo Estadual do RN, intermediada pela Secretaria Extraordinária de Cultura e Fundação José Augusto. “Lembro que, no final de 2010, tivemos aulas inaugurais tanto em Currais Novos quanto em Santa Cruz, e, em 2011, começamos a realizar as atividades de formação”, conta Joel Monteiro, o Clown responsável pelas tarefas do projeto.

Currais Novos e Santa Cruz foram as primeiras cidades que receberam o Barracão Mambembe. Pelo formato do projeto, durante o primeiro ano – chamado de “ano de formação” – acontecem a aula inaugural e as duas oficinas (uma prática e outra teórica). Depois disso, o grupo avalia quais as cidades que tiveram o melhor rendi-

mento para que uma delas receba, no segundo ano, uma ‘base avançada’, que é um projeto maior. Ele se dá em, no mínimo, oito módulos, um a cada mês. A intenção é formar um grupo de teatro dentro da cidade ou fortalecer algum que já exista ou tenha começado recentemente.

Dentro desses oito módulos estão inseridas aulas de iluminação, figurino, cenário, interpretação, teoria e história. Depois da base teórica, o grupo monta um espetáculo com os alunos. “Depois, o processo é repetido em duas outras cidades. Essa é exatamente a fase em que estamos agora”, informa Joel Monteiro. Atualmente, o Barracão Mambembe realiza o primeiro ano de formação em Assú e Ceará-Mirim. Seguindo o planejamento, após esta fase uma das duas cidades será contemplada com uma base avançada. Apesar de o projeto ser itinerante e de 80% dele acontecer no interior do estado, pelo menos uma oficina de formação em cada ano acontece no Barracão Clowns, instalado em Nova Descoberta, na zona sul de Natal.

Segundo Monteiro, não existe muito rigor nos critérios para a participação dos alunos nas oficinas de formação, já que as cidades atendidas pelo projeto são carentes desse tipo de iniciativa: “Como atuamos em localidades que têm acesso mais difícil às oficinas, seria complicado elencar alguns critérios para selecionar os participantes.

Então, basicamente exigimos que eles sejam maiores de quatorze anos, para que possam ter bom rendimento em alguns dos procedimentos que utilizamos”, explica.

Uma das respostas positivas que o trabalho do Barracão Mambembe já recebeu veio de Santa Cruz, cidade escolhida para receber a primeira base avançada do projeto. Durante as oficinas, surgiu o Grupo de Teatro Difusora, formado inicialmente por adolescentes que sentiam vontade de fazer teatro, mas, até então, não haviam tomado nenhuma iniciativa nessa direção. “Vimos neles um potencial muito bacana. Eles já eram amigos e participavam, juntos, de autos na cidade. Porém, não tinham realizado ainda nenhum trabalho artístico coletivamente. Percebemos nesses meninos potencial necessário para formar um grupo, até porque a nossa principal preocupação é a formação de grupos teatrais”, diz Monteiro, satisfeito.

Para dar continuidade ao projeto Barracão Mambembe, o grupo Clowns de Shakespeare espera a reafirmação do convênio junto aos governos Federal e Estadual. “Entrando essa verba realizaremos o segundo ano, montando uma base avançada em Ceará-Mirim ou em Assú. Com a renovação da parceria que viabiliza nosso ponto de cultura, esperamos realizar também o primeiro ano (oficinas teórica e prática e aula inaugural) em Umarizal e Janduís”, antecipa Joel Monteiro. ■

10 AS 21 F
Oficina Histó
Local:
Fundação
Mambembe

Oficina V
Copro e Consciência
Local:
Sde Cultura da
Prefeitura de Assu

Oficina
com
especia



Algaravias e morondangas

Cellina Muniz

De repente, enquanto ele seguia pelas ruas plácidas do feriado municipal na nova cidade que habitava, a mensagem toca no bolso – manda um conto inédito pra sair na revista. O amigo jornalista dava o toque. Editor. Boêmio. E indizível, assim como ele também.

Uma noite, tempos atrás, ela – aquela que um dia tocou o solo seco de seu coração – perguntou para ele, com seus olhos bestiais:

- *Sabe o que é uma morondanga, moço?*

A lua era linda e implacável. Os gatos cruzavam pelos becos, um som de sax soava ao longe sugerindo delícias secretas. Essas: transitórias, tolas e tenazes.

- *Mas tem que ser inédito?*

- *Tem que.*

- *Não pode ser algo que publiquei num blog obscuro três dias atrás ou no zine que a galera fazia trinta anos antes em outros delírios urbanos?*

- *Não pode.*

- *Então tá.*

Mas afinal, por que foi lembrar daquele

diálogo no meio da conversa com o amigo? E que porra era mesmo morondanga?

Na palavra não cabe. No conto também não cabia, por mais que seja inédito, ele ainda pensou em dizer ao seu amigo editor-boêmio da cidade querida que ficara pra trás. Mas estavam tão distantes, pra que tentar mostrar a ele, por meio de mil e dois argumentos, que nada era inédito, estava tudo reverberando nas ondas do mundo, mundo, vasto mundo, desde sempre e para o sempre do infinito?

Colocou o celular de novo no bolso e continuou sua caminhada. As sabiás cantavam nas árvores, nuvens no céu e Abel Ferreira no Youtube. Sobre o que diabos eu vou escrever, ele matutava, na sua algaravia mental. E só pensava nela, de novo recordando seus olhos bestiais,

para logo em seguida pensar com enfado, que coisa clichê, Capitu já cansou...

Precisava outra vez do Mendes. Nunca pensou que um dia reconheceria isso, mas o fato é que, naquele aqui e agora, à força de ter que escrever um conto – inédito – para a revista da cidade querida que ficara pra trás, sentiu falta do seu antigo professor de redação da escola, o Dr. Mendes.

O Dr. Mendes não dava trégua. Talvez tivesse sido aluno do professor Antônio Pinto de Medeiros, famoso por suas tiradas sarcásticas. O fato é que também dava aulas no velho Atheneu, o estabelecimento de ensino mais importante da cidade. E era como o velho prédio: cheio de pompa e circunstância.

Suas aulas eram sobre várias coisas – elementos de retórica, literaturas e

literatices, regras da gramática. Mas, sobretudo, escrevia-se. Temas tão amplos, abstratos que quase até absurdos. As propostas eram mais ou menos assim:

Escolha um tema e escreva vinte linhas:

- a) A pitangueira me recebeu sorrindo
- b) A igualdade racial entre os povos
- c) Um lodaçal vermelho

Podia-se pensar que o velho Mendes era, então, um libertário. Qual nada. Seguia os parâmetros do velho Zuza, outro célebre professor da cidade: se o cão não obedece ou aprende, chibata nele! Sabia ser terrível se o aluno escrevesse besteira demais: era obrigado a ler a redação em frente aos colegas de classe e ser alvo de chacota geral.

É que naquele tempo não existia o tal do bulling. Pelo menos não em conceito.

Ai, Dr. Mendes, com toda aquela pressão e aquele terror é que a coisa funcionava! Não só escrevia mais de vinte linhas como escrevia sobre os três temas propostos. A coisa fluía, simplesmente...

E hoje? De onde é que ele tiraria um conto inédito? Hein, Dr. Mendes?

Foi com Dr. Mendes que um dia ele aprendeu:

- Entendam, cães: a palavra bruzundanga é da mesma família da espanhola morondanga. Alguém sabe o que significa morondanga? Alguém, alguém?

E batia o pau da palmatória com força na mesa, diante do silêncio geral.

- Aprendam, animais!

Pois ele queria poder voltar aos bancos escolares da classe de Dr. Mendes e perguntar:

- Como é que eu escrevo um conto inédito?

Ele, que tantas vezes escrevera tantos contos. E não só: vendia os sobressalentes para os colegas de cuja cabeceira é que não saíam nem as mais rudimentares ideias, quanto menos arranjos de vinte linhas. Vendia os contos e ia ver filmes no cinema, comer pipoca em tardes ociosas...

Um dia Dr. Mendes percebeu o engodo. Chamou, solene:

- Foste tu quem escreveste o conto do

Marquinhos, não foi? Não tens vergonha de dar teus escritos para outro?

Da classe, que assistia em silêncio à reprimenda, alguém gritou, delatando:

- Que dar o que, professor, ele faz é vender!

Foram cinco chibatadas em cada mão. No fim da aula, com olhos ainda vermelhos e mãos ardendo, ele ficou perambulando por ali, sem ânimo de voltar para casa. Precisava se vingar, fazer-se honrar da vergonha pública. E quando escureceu, sem que atinasse direito com o que fazia, pegou uma pedra de barro do chão e escreveu no muro da escola, sorradeira e rapidamente:

O MENDES

Deixo escrito em grandes letras
Do Atheneu na parede:

*- Saibam gregos e troianos
Que o Mendes mijá na rede!*

Ele não pôde deixar de rir, no embalo fortuito da velha lembrança, ainda caminhando pelas ruas da cidade desconhecida. Tudo passado. Tudo passando para deixar vir o devir, nossa eterna danação. E onde danado andaria o Dr. Mendes para lhe pedir desculpas pela pichação? Onde danado andaria aquela de olhos bestiais que, depois de lhe ouvir a anedota dos tempos de escola que a palavra morondanga fez lembrar, disse-lhe numa noite fatal de tempos atrás:

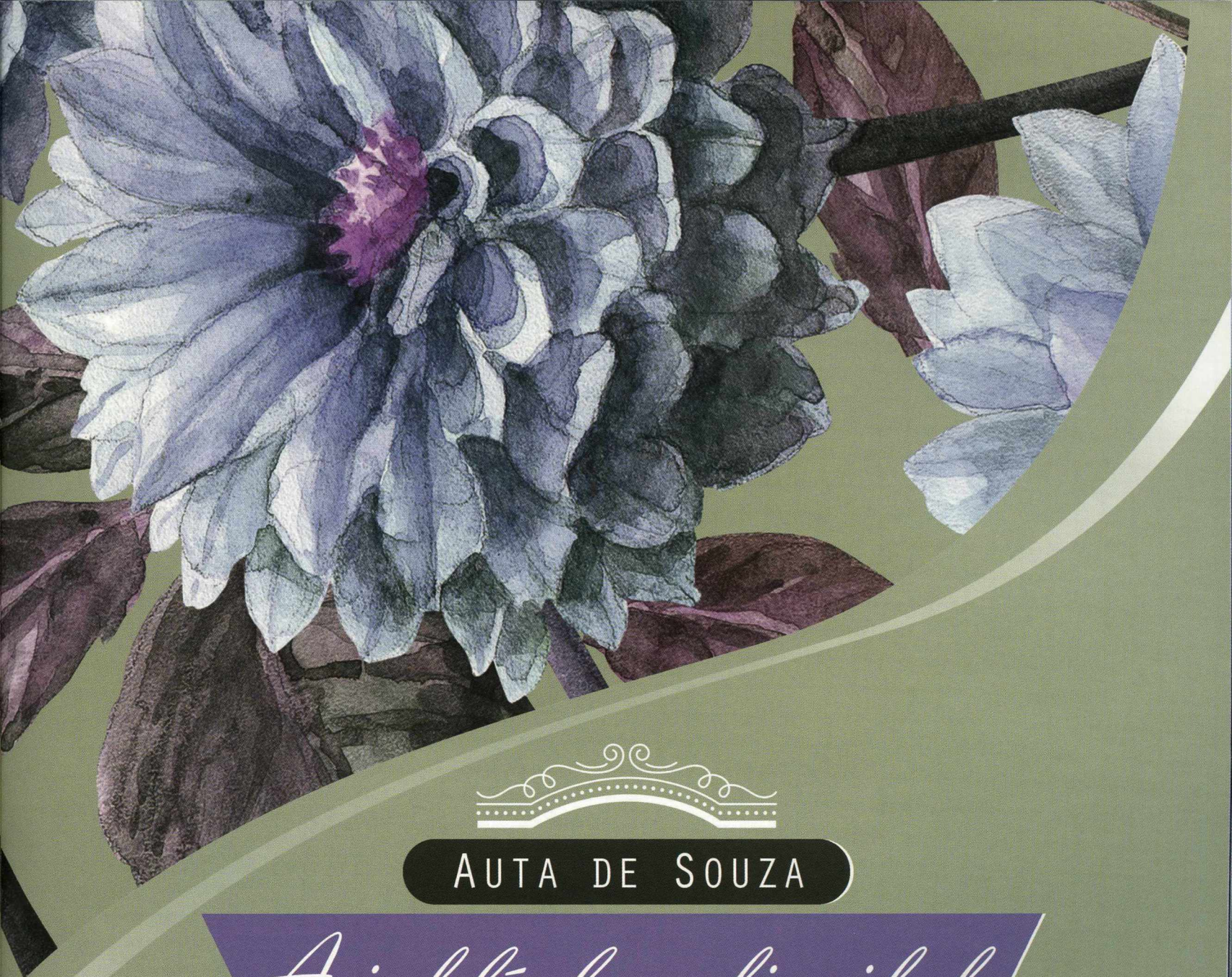
*- Mas isso dá um conto inédito!
Será? ■*

Cellina Muniz é contista e professora adjunta do Departamento de Letras, Área de Língua Portuguesa-Leitura e Produção de Textos da UFRN. É autora dos livros Os Escritos de Alice N., Uns Contos Ordinários, Na Tal Cidade do Humor.

Preã

Artigo





AUTA DE SOUZA

A indelével mediocridade

Márcio de Lima Dantas | *Professor de Literatura Portuguesa da UFRN*

*Et comme il savourait surtout les sombres choses,
Quand, dans la chambre nue aux persiennes closes*

Artur Rimbaud

Mas perdi-me ao seguir a criançada

Bruno Tolentino



TAMBÉM NÃO GOSTO.

LENDO-A, NO ENTANTO, COM TOTAL DESPREZO, A GENTE ACABA
[DESCOBRINDO

NELA, AFINAL DE CONTAS, UM LUGAR PARA O GENUÍNO.

Marianne Moore

1 | *Prelúdio: andante*

Até parece que a poeta americana escreveu este poema pensando na poeta norte-rio-grandense Auta de Souza (12.09.1876 – 07.02.1901). Poucos são os que a leram com atenção, porém vasto o número dos que apreciam a poesia do seu único livro publicado em vida: Horto. No âmbito da nossa crítica universitária, é unânime o desprezo pela obra da poeta, embora no entourage dos meios indigitados oficiais o nome dela seja citado como uma das potentes vozes da lírica do estado. Contudo, um olhar mais acurado sobre o conjunto da sua obra talvez revelasse coisas para além dos clichés, sem muita reflexão, que lhe são atribuídos. Tanto pelos que a desprezam, quanto pelos que a exaltam como uma grande poetisa.

Para começo de conversa, vou logo avisando que não adianta querer procurar originalidade ou rupturas na obra de Auta de Souza. Nada avançou ou contribuiu às poéticas a que estava fragilmente atrelada. Não vai encontrar. Também não é por isso que não devemos lê-la ou estudá-la. Numa literatura pobre como a nossa, originada numa região periférica com relação ao eixo cultural São Paulo-Rio de Janeiro, faz-se necessário um relativismo me-

todológico alargador do abraço que contempla autores e obras para compor o nosso cânon literário. Quer dizer, autores não detentores de grandes qualidades estéticas ou inovadoras no seu tempo de produção, autores que muitas vezes não passaram de uma simples presença da noção de literatura num meio provinciano e distante de outras informações. O melhor exemplo é o poeta Jorge Fernandes que, embora se inscreva como aquele que cingiu nas nossas letras a modernidade, se quisermos seriedade ante o ato crítico, não podemos deixar de considerá-lo como um poeta de pouco fôlego lírico, malgrado seu valor histórico. Ora, é justamente aí onde eu gostaria de configurar um vetor formado não como um monólito, mas como um feixe de diversos matizes no qual pudesse congregiar toda uma sorte de autores, historiadores, poetas de cidades do interior, etc, que, apesar das adversidades intentam produzir algo para si e para o seu meio, muitas vezes retirando do seu próprio bolso o orçamento para a impressão de um livro. Vejamos o que diz o crítico Antonio Cândido ao tratar da formação da literatura nacional, inclusive já citado nas nossas duas mais importantes antologias¹:

“

COMPARADA ÀS GRANDES, A NOSSA LITERATURA É POBRE E FRACA. MAS É ELA, NÃO OUTRA, QUE NOS EXPRESSA.

SE NÃO FOR AMADA, NÃO REVELARÁ A SUA MENSAGEM; E SE NÃO A AMARMOS, NINGUÉM O FARÁ POR NÓS. SE NÃO LERMOS AS OBRAS QUE A COMPÕEM, NINGUÉM AS TOMARÁ DO ESQUECIMENTO, DES-CASO OU INCOMPREENSÃO.

(CÂNDIDO, 1981: p. 10)

”

Concordo. Também vejo assim. O pedantismo tão caro aos críticos da Academia parece-me nefasto e encurtador de possibilidades, mas quando ocorre o contrário, - quando só temos palavras de louvação gratuitas, - também não ajuda em nada à compreensão dos nossos escritores. Para além de atitudes feministas ou relativa aos chamados Estudos Culturais - que encontram qualidades estéticas num escrito só porque foi escrito por uma pessoa do sexo feminino, não podemos esquecer que a poeta de Horto despontou num meio provinciano, distante do que se convencionou apelar de “centros culturais” do país, e tradicionalmente, esse meio, controlado pelos homens.

E olha que não precisa ser um grande entendedor de poesia para encontrar as imperfeições na obra da mulher de Macaíba. Ceder à rima de maneira extremamente descarada como no poema *Simples*. Pobreza filosófica. Metáforas excessivamente evidentes

e já batidas desde sempre. Ausência de resposta nova para temas recorrentes da lírica ocidental, uma certa concepção pueril do mundo, malgrado dizerem ter sido leitora de autores franceses no original, tais como: Bossuet, Fenelon, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo.

Os defeitos são inumeráveis. Seria chover no molhado se ficasse aqui escacaveando a imperícia da poeta quando do uso dos procedimentos poéticos empregados para o engendramento do signo literário, dos seus símbolos, enfim, da produção de uma semiótica multiforme que é todo e qualquer bom poema.

Para não estirar conversa, a verdade é que Auta de Souza não seria reconhecida como escritora em nenhuma literatura: nem no Brasil, nem muito menos alhures. Embora tenha recebido o aval do poeta parnasiano Olavo Bilac, que fez bondosamente - espécie de esmola - a introdução da primeira edição do *Horto*. Manuel Bandeira também fez referência à poeta, assim como Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde. Tudo resultado de condescendência (o primeiro) ou busca de preencher uma lacuna de uma poesia religiosa (Católica!) ou mística nas letras nacionais (os dois segundos).

A verdade é que a crítica norte-riograndense se comporta com a irmã de Henrique Castriciano e Eloy de Souza da mesma maneira que se comporta com todo e qualquer poeta: não-ata-nem-desata, porquanto permanece, ou repetindo os lugares-comuns tediosos, ou compondo um discurso carregado de evasivas que nada contribuem para a exegese da obra ou para situá-la no justo lugar do nosso sistema poético.



Proponho-me neste trabalho fazer uma modesta *mise au point*, assim como apontar alguns traços dessa que é considerada uma das referências poéticas do estado do Rio Grande do Norte. ►►

2 | *Fuga: allegro ma non troppo*

A preservação da sua individualidade biográfica nos textos, articulando liames estreitos entre vida e obra é um dos pontos bastante positivos da sua poesia. Não que eu pense que isso necessariamente deva estar implicado na consecução do objeto estético (se assim o fosse, não existiriam poetas dramáticos, como Shakespeare ou Goethe, ou escritores prolixos na criação de personagens, como Eça de Queiroz).

O que me vem a cabeça dizer é que esse estreito laço foi produzido a partir de uma grande sinceridade, de uma energia que demandava consubstan-

ciar-se, agora se essa potência não se materializou em formas de requintada beleza estética, são outros quinhentos. Não podemos negar é a autenticidade da lírica. O sopro da musa pode até ter sido mal recebido ou, quem sabe mal trabalhado – quem sabe por limitações subjetivas ou ausência de um repertório mais requintado do fazer poético - o que não podemos duvidar é que ela não tivesse predisposição à escritura. Sim, eu sei muito bem, não precisa me dizer, literatura não se faz com bons sentimentos, não me lembro quem foi que disse. Todo mundo já sabe e repete. Literatura se elabora a partir da literatura já estabelecida, a partir da articulação das palavras num determinado arranjo.

O que estou chamando de sinceridade foi capaz de engendrar ritmos estruturados na cadência da prosa de simplicidade absoluta, de despojamento sem que houvesse a intermediação do pensamento (reflexão). O fôlego lírico não sofreu nenhuma oclusão. Por isso, alguns versos são bastante toscos, não elaborados pelo trabalho artístico. Talvez essa rudeza, que, por sua vez, se confunde com espontaneidade (naturalidade) seja um dos bons atributos da poeta. O que quero dizer é que havia um substrato forte para o pouso da musa, contudo, não se firmou como

virtuosa. Quem sabe, a angústia observada em alguns poemas seja resultado de uma autocompreensão dos seus limites. Diz-se que foi aluna diligente no Colégio S. Vicente de Paulo, na Estância, Recife, recebendo distinções, e que falava francês fluentemente (falar uma outra língua pode nada significar, crianças aprendem rápido uma língua estrangeira, como todo mundo sabe).

O que podemos atestar na grande popularidade de Auta de Souza, entre as gentes do nosso Estado, é que sua fama se deve a mais uma espécie de consolidação de um nome para ocupar um lugar no parnaso lírico, à falta de outro, na literatura. Como em muitos fenômenos sociais, constata-se a existência de um lugar mental que busca ser preenchido por uma forma, não interessando ao coro uníssono dos que elogiam sem, no mínimo, terem convivência ou intimidade com os traços principais da obra de um autor. Repete-se ao infinito, desponta em todas as listas canônicas, contudo, não se conhece a obra, que, ao final das contas, é o que interessa.

Creio, sim, que podemos atestar uma poética plena de sofrimento sincero. Acontece que uma insuperável melancolia justaposta a um fracasso iminente não podem ser tomados como critério de avaliação de uma obra. A forma é o fator determinante e o critério para se avaliar a produção de um escritor. Podemos apontar outros exemplos na história da literatura, tais como Florbela Espanca ou Mário de Sá-Carneiro. Ambos conseguiram estreitar os laços entre a sinceridade de uma vida plena de vicissitudes, fracassos que con-

3 | *Allegretto: a autenticidade em arte*

duziram ao suicídio de ambos, acontece que formataram esses embates com a realidade por meio de formas que transcenderam tempo e lugar de elaboração, permanecendo válidas até hoje. Florbela é considerada uma das melhores sonetistas da língua portuguesa, estando à altura de um Camões, a poesia experimental de Sá-Carneiro, com o manuseio de tipografismos de diversos tamanhos e formas, resta ainda atual e nutridora de poéticas de vanguarda, tendo sido um dos precursores da poesia Concreta.

O que quero dizer é da necessária atemporalidade da arte, de uma escritura que seja expressão de uma imanência que pulsa do coletivo, que uma experiência particular apenas represente metonimicamente o todo pela parte. A vida datada e localizada vem a organizar pulsões emanadoras da coletividade. O indivíduo funciona como espécie de antena a captar esses estímulos provindos de uma razão social.

A poesia de Auta de Souza, à exceção de alguns poemas, é enfadonha e tediosa quando lida sob a ótica do espírito da nossa época, não suportando uma leitura que leve em conta o *modus vivendi* dos dias de hoje. Como se prendeu a determinadas faixas semânticas, ou seja, haja quadras ao gosto popular sobre a beleza das amigas, sobre o cabelo ou o perfume das mulheres que a acompanhavam à missa, sobre enterros de crianças mortas em tenra idade. Creio que suas obsessões vieram a se tornar seu maior equívoco: prendeu-se em demasia aos temas calcados na tristeza e numa concepção aziaga da vida.

Se me perguntassem, juro que eu não saberia explicar por que a leitura de Auta de Souza evoca-me a pintura da artista mexicana Frida Kahlo. Embora tenham lidado com códigos distintos – poesia e pintura –, penso que o elemento sinceridade artística permite-me esse cotejamento. Ambas têm em comum não só o fato de terem sido mulheres de temperamento mórbido, mas também pelo recorrente dobrar-se sobre si mesma numa atitude narcísica de quem busca angustiosamente transcender o mundo via a expressão de algo que lhes pungia. Sinceridade no sentido do que busca consolação, redenção diante de uma existência miserável, de quem se aproxima da arte para não sucumbir totalmente às vicissitudes.

Obsessão que projetou-as como dramatizadoras do seu próprio fim. Frida autorretratou-se a vida inteira. Seus quadros são uma narrativa da sua história pessoal, da sua via dolorosa, tanto física quanto subjetiva. Auta atolou-se no seu ego, fetichizando sua breve existência, fazendo-se personagem e gozando horrores nos seus fracassos. Parecia não se faltar de mamar no peito da velha parceira da Musa: a melancolia. Num dos seus mais bem construídos poemas, abomina até mesmo o amor e se consagra como noiva do verso. Vejamos o poema “Minh’alma e o verso”, dispostos em sextilhas, no qual alterna decassílabos de fatura elegante, em dísticos, alternados com heroicos quebrados. Ademais, insere no corpo do poema uma segunda voz, em septassílabos, demonstrando capacidade de manusear, em versos, o gênero dramático. ▶▶

“

EU SOU O ORVALHO SAGRADO,
QUE DÁ VIDA E ALENTO ÀS FLORES;
EU SOU O BÁLSAMO AMADO
QUE SARA TODAS AS DORES.

EU SOU O PEQUENO COFRE
QUE GUARDA OS RISOS DA AURORA;
PERTO DE MIM NINGUÉM SOFRE,
PERTO DE MIM NINGUÉM CHORA.

TODOS OS DIAS BEM CEDO
EU SAIO A PROCURAR LÍRIOS,
PARA ENFEITAR EM SEGREDO
A NEGRA CRUZ DOS MARTÍRIOS.

VEM PARA MIM, ALMA TRISTE
QUE SOLUÇA DE AGONIA;
NO MEU SEIO O AMOR EXISTE,
EU SOU FILHO DA POESIA.

”

Um dos mais belos poemas da mulher de Macaíba. Não apenas pelo apelo metalinguístico, apresentando a Poesia como possibilidade de obliterar a realidade e redimir o Ser do sofrimento, mas também no que concerne à fatura do texto, empregando habilmente alguns procedimentos formais (os quebrados de heroicos arrematam de maneira contundente o dístico-decassilábico). E tudo isso configura um universo autorreferencial em relação à realidade, provocado que foi pelo desacerto, por uma imanente incompatibilidade que a fez alimentar a doença, e por tabela, nutrir a Poesia demandada por seu pendor saturniano.

Bem claro que a poeta conferia a si mesma uma representação de uma alma não nascida para a vida, fechada para o mundo, presa a um mundo imaginário. A ficção tomara o lugar da realidade. Não havia mais saída. Assim como a Igreja é a noiva do Cristo, também a poeta autoungiu-se namorada da linguagem, olvidando o mundo e buscando guarida no fantasioso mundo da arte.

Quase toda vez que experimento essa estreita relação entre vida e obra, e que não é difícil encontrar *chez les femmes*; indo mais além, eu diria até parece ser uma coisa imanente da mulher-artista (vejam o exemplo de Clarice Lispector). O problema é que o homem, - talvez -, consiga separar um pouco sua produção dos seus estados anímicos. Enfim, o que quero dizer é que as mulheres sejam dadas a representar menos na vida social e até mesmo no interior de uma relação afetiva mais estreita do que os homens, por exemplo.

Esse andamento de prosa nos versos a que estou me referindo muito me agrada por se inscrever numa tradição da lírica

4 | *Allegro moderato: (affettuoso?)*

a) Arrisco, mesmo não sendo especialista na área, uma pequena leitura

“

Não é de admirar, pois, que certas imagens conservem na obra inteira uma marca que possibilita designar para sempre o psiquismo de um escritor

(BACHELARD: *A Terra e os Devaneios da Vontade*, p.175)]

”

Se considerarmos esta assertiva como verdadeira, então podemos, para início de conversa, arrolar as imagens recorrentes na obra de Auta de Souza. E que não são muitas, como sabem todos os que leram com atenção o livro Horto.

Quaisquer que tenham sido as predileções eróticas dessa casta diva da cidade de Macaíba, atesta-se em seus poemas um percentual significativo de uma erótica voltada para as amigas, numa busca de exaltar a beleza ou a delicadeza do comportamento feminino em sociedade. Como era comum em seu tempo, a poeta Auta de Souza vivia rodeada de mulheres, quer fossem vizinhas, comadres ou amigas. Entretanto, sua admiração e fixação parecem exceder o nível da amizade, numa busca de enfatizar o belo que as amigas possuíam.

No que concerne à obra da poeta Auta de Souza, penso que seria interessante perceber e depois saborear algo extremamente delicado e sutilmente velado ao longo de toda sua obra. A saber: o forte erotismo direcionado às mulheres dessa mocinha que morreria em *la flor de la vida*, aos 25 anos. Acontece que essa vigorosa sensualidade expressa-se de maneira bastante sutil e inteligente, para não dizer astuciosa. Pouco interessa se era intencional ou não, vale pela eficácia. Na comarca do simbólico as leis são regidas pela lógica da eficácia e não pela lógica do mundo. Tudo o que evoca o sensual vem intermediado por um *paravent* religioso modulado através de inúmeros arabescos de cunho sacro.

Ora, não é de se admirar que a autora foi buscar no universo religioso, - que por sinal lhe era bastante familiar, pois foi educada em colégio de freiras -, os símbolos que serviram para manusear a fim de tangenciar o erotismo aludido. Valeu-se com propriedade, e com uma espécie de cuidado, da metonímia para discorrer acerca dos seus olhares voltados para o feminino. Se a metáfora é o lugar do desejo, a metonímia é o lugar da repressão. Como sabemos, os processos metonímicos se regem pelo deslocamento, recuso usado pela linguagem do inconsciente. Nesse sentido, aparecem com vigorosa força fragmentação que não permite ver a totalidade, que é prerrogativa da metáfora.

De que maneira esses processos se manifestam nos poemas de Auta de Souza? Não é difícil constatar que a autora optou pelo artifício da metonímia, que como sabemos, é uma das estruturas, - junto com a metáfora, da

linguagem organizar-se, mecanismos de nomear o real, de apresentar o entorno como esse chega aos olhos de cada um.

Sucedem nos poemas um engenhoso artifício. A poeta sabia muito bem dos tabus da sua época, por isso optou por construir seus poemas dedicados às mulheres de maneira que não ficasse explicitada sua – ao que parece – intenção primeva que era uma forte atração pelo que dizia respeito à beleza, à graça e aos ataviamentos que envolviam o universo das mulheres. Vejamos um soneto no qual o que afirmamos aparece de maneira ostensiva:

Via de regra, os poemas são rigidamente divididos em duas instâncias. A primeira faz saber de maneira clara a admiração pelos cabelos da mulher, pelo charme, pela indumentária, por um objeto, como um leque, pelo porte de um feminino que parece bem exacerbado, por isso digno de exaltação em um poema.

Contudo, a poeta sabe que que não pode avançar tanto. É então que opera o processo da metonímia, ao fixar-se numa parte e indo buscar os elementos comparativos em um vocabulário litúrgico que remete a cerimônias católicas. A forte sensualidade da primei- ►►

“

NA GAZE LOURA DESTE LEQUE ADEJA
NÃO SEI QUE AROMA MÍSTICO E ENCANTADO...
DOCE MORENA! ABENÇOADO SEJA
O DOCE AROMA DE TEU LEQUE AMADO.

QUANDO O ENTREABRES, A SORRIR, NA IGREJA,
O TEMPLO INTEIRO FICA EMBALSAMADO...
ATÉ MINH'ALMA CARINHOSA O BEIJA,
COMO A TOALHA DE UM ALTAR SAGRADO.

E ENQUANTO O AROMA INEBRIANTE VOA,
UNIDO AOS HINOS QUE, NO CORO, ENTOA
A VOZ DE UM ÓRGÃO SOLUÇANDO DORES,

SÓ ME PARECE QUE O CHOROSO CANTO
SOBE DA GAZE DE TEU LEQUE SANTO,
CHEIO DE LUZ E DE PERFUME E FLORES.

”



ra parte é substituída, falo do profano, pelos elementos do sagrado. É então que a mulher, observada com extrema atenção na sua natureza feminina, vem a se tornar uma virgem, uma santa, um anjo, uma criança, dessa forma exclui o feminino em sua plenitude por meio de um artifício emanado dos rituais litúrgicos, para justo tangenciar o que de profano e erótico havia no começo, cujo enlevo não podemos deixar de constatar. As cerimônias católicas escamoteiam esse forte pendor a uma erótica voltada essencialmente às mulheres. É fato que, à exceção dos irmãos Auta de Souza, não dedicou poemas aos homens. Basta ler o livro com atenção.

Em resumo, o conflito entre a pulsão erótica e o recalque está evidenciado no fato do poema vir com um andamento que proclama os olhos com um deslumbramento ímpar face ao objeto do desejo. Ocorre, porém, de chofre, uma espécie de censura, voltando-se para os objetos que compõem o interior da igreja, dos santos, anjos e crianças que perfazem o universo do sagrado.

A invariante dessa estrutura de construção só confirma nossa hipótese de que seu erotismo estava mais vinculado ao mundo das mulheres, não dos homens, que, ou são ausentes em sua poesia, ou são parentes próximos.

b) Casta diva

Não restam dúvidas de que a fé religiosa da poeta serviu de amparo para suportar a precoce orfandade do pai e da mãe, já aos quatorze anos, ou mesmo o luto da perda do irmão que faleceu queimado. Ocorre que as imagens integradoras do universo religioso também servem como espécie de tapume/biombo para escamotear ou apresentar de maneira mais degustável um erotismo fortemente voltado às mulheres. Facilmente se mapeia no livro Horto. A exceção dos homens da sua família, todos os outros poemas do livro são dedicados a figuras femininas. Na verdade, seria maçante arrolar aqui todas as passagens em que a sensualidade feminina rabiscou na mancha dos versos um olhar mais demorado (e interessado) sobre o corpo das diversas amigas epigrafadas ou citadas nos poemas, melhor dizendo, sobre partes do corpo, pois a poeta habilmente denuncia conhecer o quanto seria se expor em demasia se declarasse explicitamente essa espécie de sensualidade. Por isso, faz uso de um artifício bastante conhecido desde sempre dos

processos poéticos, a saber: a metonímia. Se bem que até mesmo por encontrar-se ligada à escola parnasiana não faria muito uso da metáfora. Até nisso as coisas se juntaram visando escamotear. Aqui, porém, bloqueia-se num processo de deslocamento astucioso.

E como se encarasse de frente o objeto que deseja contemplar, porém desvia esse olhar imediatamente fazendo uso de comparativos com signos remetores ao universo do sagrado. É então que a mulher aparece transfigurada

Ao que parece, a atmosfera de permanente melancolia e luto criou uma forte cortina de fumaça capaz de obliterar o desejo consciente ou inconsciente por uma erótica tornada para o feminino.

Não parece ser coincidência a contribuição do paradigma simbolista à maneira como Auta fez uso do erotismo. Como sabemos, no simbolismo o erótico contenta-se em ser apenas sugerido, vejamos o caso das Neosimbolistas como Cecília Meireles ou Henriqueta Lisboa, contudo, estas tratam o amor de forma dramática, transfigurando numa multifacetada plêiade de personagens. A autora de Horto não tinha tal fôlego lírico para, por meio de personagens, fazer valer o múltiplo que é o humano em sociedade. Ateve-se ao recurso que estava a seu alcance: a sinceridade artística. Limitada no seu fôlego lírico, não poderia ser de outra maneira.

Com relação ao romantismo, não podemos esquecer sua eterna e tediosa nostalgia com relação a uma infância idílica que supostamente teria vivenciado, bem como reaver o paraíso perdido, que, como sabemos são sentimentos inerentes e fundamentais para a construção de uma poética Romântica.



c) O mitema do amor não correspondido

Engraçado é que tudo o que se relaciona a esse amor fracassado encontra-se envolto numa atmosfera evanescente, coisas de “disseram”, nunca algo palpável, até parece que funciona como espécie de mitema para compor a totalidade da legenda dessa poeta romântica, como querem muitos dos seus apreciadores e críticos. Vejamos, só para se ter uma ideia, como aparece o elemento masculino na história dessa moça. É óbvio que só pode aparecer como algo interdito, impossível de se realizar. Em suma: o antigo mitema do amor não correspondido, tão sobejamente tratado pelos românticos. Vejamos como alguns biógrafos e críticos o representaram: “uma paixão humana reprimida por imposição alheia” (Pe. M. Lacerda); “existência de um amor frustrado” (Sânzio de Azevedo); “amor infeliz” (Jandira); “E até um amor que não chegou a se consolidar...” (Tarcísio Gurgel).

Ora, o que faz essa série de leituras tão assemelhadas na sua estrutura senão reforçar o mito da mulher fracassada no amor, e por isso, afundada na cidade de ilusões da arte?

O que se percebe a partir desses sintagmas sem muita reflexão ou pesquisa histórico-biográfica é que não passam de frases ditas num contexto semelhante, ou seja, correspondem a partes de um ritual social: o amor não correspondido. Serviriam como elementos para qualquer outra história de amor acontecida alhures.

A história é a seguinte. Espalhou-se a conversa que Auta de Souza apaixonou-se por um bacharel, Promotor em Macaíba, sucede que não ocorreu maiores desdobramentos, pois há quem diga que o moço não merecia

o afeto investido pela poeta. Onde foi parar esse amor fadado ao fracasso? No que a crítica aponta como “devoção”, aqui entra mais uma vez o componente religioso. Se é que aconteceu isso mesmo – pois duvido muito –, a autora de Horto refutaria, encontrando sempre uma desculpa a pretexto de não deixar esse amor realizar-se. Amor não rima com devoção, nomenclatura advinda do vocabulário da religião

Insisto em dizer: o que se constata a partir desses sintagmas sem muita reflexão ou pesquisa histórico-biográfica é que não passam de frases ditas num contexto semelhante, ou seja, correspondem a partes de um velho arquétipo conhecido dos rituais sociais: o amor não correspondido, o fracasso.

Ora, como sabemos, a lógica mítica busca no entorno as estruturas que fortaleçam sua eficácia. O mito atrairá os elementos que preencham os hiatos de uma narrativa na qual a realidade não mais se distingue da ficção. Como disse o antropólogo do Imaginário, Gilbert Durand, “A história escorre para o mito”. Isso mesmo, fomos acostumados a pensar o contrário. Quer dizer que a lógica mítica é dotada de uma lógica centrípeta, atraindo o que lhe convém, para que a narrativa de determinado evento pareça aceitável e com contornos os mais verossímeis possíveis.

Não é de se admirar que essa moça houvesse permanecido compondo a partir de estruturas poéticas românti-

cas. Se ainda no século XXI perdura essa representação da poesia fazendo com que os poetas se expressem por meio de formas de amar que não mais condizem com nosso espírito da época. As pessoas agem, no cotidiano, de determinada maneira, contudo ainda prevalece a atitude de idolatrar a pessoa amada. Algo mais do que ultrapassado, mesmo porque a prática constatada não é essa.

Com efeito, a poeta não conseguiu fugir às representações que o senso comum infundiu à poesia, a saber, uma mescla de romantismo ultrapassado no conteúdo com estruturas fixas parnasianas na forma. Essas impregnações românticas persistem até os dias de hoje, não fazendo mais sentido, uma vez que os modos de amar e tratar a pessoa dita amada sucumbiu perante mudanças tão rápidas da tecnologia, da família e dos relacionamentos interpessoais já bastante esgarçados.

De outra parte, vale lembrar que o primeiro título do livro Horto chamava-se Dálías, título bastante sugestivo na medida em que evocaria inconscientemente o ramallete de flores que a poeta ia colhendo ao longo da sua vida. Desde sempre a flor esteve relacionada à mulher, sendo quase sempre uma metáfora do feminino, pela delicadeza ►►

c) Da arte de autoria feminina

Quando leio os “poeminhas fúnebres” (rubrica que uma ex-aluna me enviou em carta quando sugeri que lesse Horto com atenção) de Auta de Souza, me vem à lembrança, como disse anteriormente, a obra da pintora mexicana Frida Kahlo. Nesta, podemos perceber o liame forte entre o engendramento de uma obra e o percurso de uma vida. A ascese e dramatização de um sofrimento perpetrado durante toda uma existência elevou sua obra a um estatuto bastante alto, assumindo a feição que vigora hoje, no mundo da crítica e no surgimento de uma legião de novos admiradores.

Quem é que não consegue, digam-me, perceber que Frida Kahlo não tinha um domínio absoluto das técnicas de pintura? Quando comparada com seu companheiro Diego Rivera, percebe-se a sua inferioridade no conhecimento da arte de pintar, do domínio da perspectiva. Contudo, isso não inviabilizou a produção de uma das mais originais pintoras do século. A revitalização atual da sua obra denota isso. Se Rivera era engajado para fora (arte comprometida com o social e o político), Frida era engajada para dentro. Interessante como os dois fecharam o circuito da existência. Só mesmo um par pleno de inversões como aqueles dois poderia gerar essa complementaridade de obras.

Ainda há que lembrar a polêmica da sinceridade em arte. Este é um valor estabelecido e aceito por determinado tempo, por um estilo histórico. Trato da sinceridade como valor bem caro aos românticos e aos naturalistas. Porém, nem sempre foi assim, a poesia dramática se inscreve, como quer Fernando Pessoa, como o mais alto grau que uma lírica pode alcançar. Não é o caso de Auta de Souza, cujos poemas estão voltados exclusivamente para um narcisismo ególatra que não a permitia enxergar o mundo além do que seus olhos alcançavam. A arte pode adquirir uma alta voltagem estética sem necessariamente estar vinculada à razão de sinceridade. Como exemplo, podemos reter Sor Juana de Inês de La Cruz.

Assim como a freira mexicana, que adorava se passar por homem e escrever poemas dedicados às amigas, a poeta de Horto também gosta, embora com menos intensidade. Mas o que naquela não era testemunho, devido ao que o Barroco propugnava como poética, a ausência da sinceridade em arte, nesta ocorre o frescor de uma espontaneidade, parecendo que tudo que escreveu não sofreu o filtro da memória. Transfigurou no momento, denotando não haver tanto burilamento do discurso poético. A freira, uma das maiores expoentes do barroco hispânico, apropriou-se de procedimentos advindos da poesia dramática, enquanto Auta de Souza restringiu-me a um lirismo de forte apelo confessional. Ora, as limitações desta eram muitas, como querer que criasse personagens, re-
fratando o autobiográfico?, sua poesia aproxima-se muito mais do que costumamos nominar de “desabafo”, eivada de resíduos românticos que proclamavam a unidade entre autor e obra.

5 | *Finale: adagio lamentoso*

O certo é que, a essa altura, fica difícil recusar a presença da poeta Auta de Souza no cânon literário norte-rio-grandense, pois como já disse, historiadores, intelectuais e críticos firmaram involuntariamente um acordo tácito para elevá-la à condição de nossa primeira poeta de importância, espécie de mártir, sendo assim o mito primevo de uma literatura que não alçou maiores voos, se compararmos com literaturas de outros estados do Nordeste, como Pernambuco, Paraíba, Ceará ou Piauí.

Mas, insisto, desde quando sofrimento explícito foi critério para que uma obra ascesse ao cânon de autores maiores?

Também não podemos negar, sob pena de sermos injustos, uma opulenta sinceridade no sentido de quem busca consolação, redenção, diante

de uma existência miserável, uma morte anunciada, uma vida afetiva sublimada, ou seja, de quem se aproxima da arte para não sucumbir totalmente às vicissitudes imposta pelas Moiras e por Cronos.

Há um intrincado dualismo que desponta no conjunto da obra de Auta de Souza. Ao mesmo tempo em que não se sustenta face aos métodos ditos 'formalistas' da teoria da literatura, não há como negar uma popularidade advinda de uma esquisita simpatia por parte de um grande número de leitores. Mesmo um leitor familiarizado com poesia de qualidade, e detendo as ferramentas que a tradição da teoria da literatura imprimiu aos que adentram com uma atitude mais complexa diante da arte da versificação, mesmo tais leitores, conseguem descobrir qualidades em algumas de suas composições. Vejamos, só para ficarmos em um exemplo, o quanto a poeta tinha de talento que permaneceu como potência, não exteriorizando-se em poesia de alta voltagem estética, mas, de toda maneira, olhem aqui como é belo este soneto, o quão podia manusear uma metáfora de apelo imagético ímpar: ►►



“

CAMINHO DO SERTÃO

TÃO LONGE A CASA! NEM SEQUER ALCANÇO
VÊ-LA ATRAVÉS DA MATA. NOS CAMINHOS
À SOMBRA DESCE; E, SEM ACHAR DESCANSO,
VAMOS NÓS DOIS, MEU POBRE IRMÃO, SOZINHOS.

É NOITE JÁ. COMO EM FELIZ REMANSO,
DORMEM AS AVES NOS PEQUENOS NINHOS...
VAMOS MAIS DEVAGAR...DE MANSO E MANSO,
PARA NÃO ASSUSTAR OS PASSARINHOS.

BRILHAM ESTRELAS. TODO O CÉU PARECE
REZAR DE JOELHOS A CHOROSA PRECE
QUE A NOITE ENSINA AO DESESPERO E À DOR...

AO LONGE, A LUA VEM DOURANDO A TREVA...
TURÍBULO IMENSO PARA DEUS ELEVA
O INCENSO AGRESTE DA JUREMA EM FLOR.

”

Aludi à opulenta metáfora do fechamento da última estrofe, como convém aos que conhecem como funciona um soneto, ou seja, a necessária síntese propugnada pela teoria desta forma fixa. A bem da verdade, a poeta sugere um conhecimento da teoria da versificação em formas pré-estabelecidas, contudo, o conhecimento do engenho da palavra metrificada, dotada de um ritmo, não necessariamente torna alguém um bom poeta. Inútil repetir isso: há bons leitores, ótimos teóricos, excelentes poetas, que nunca ouviram falar de como se constitui o signo poético, de onde emana sua eficácia e seu número. Maria do Santíssimo não tinha consciência do que fazia, tampouco da qualidade da sua obra, nem por isso deixa de ser, talvez, tendo em vista um caráter, digamos, antropológico, a nossa mais importante artista plástica.

Quem sabe a empatia despertada por tais versos venha justo de um intimismo que mescla simplicidade no proclamar uma sincera amargura, sem descambar para o piegas. Parece muito mais querer a cumplicidade de um eventual leitor. Com efeito, sua poesia pode até ter um tom de “desabafo”, porém não beira o que quase sempre sucede a essa espécie de escritura eivada de um travo agudo de sincera melancolia: o panfletário que sucumbe diante de uma vala aberta.

Talvez seja por esse motivo que Câmara Cascudo, numa sacada aguda de bom leitor que sempre foi, questiona o rótulo de poeta mística. O místico busca o retorno ao sagrado, numa possível união, num religare ao que fora completude, integridade, perfeição. Bem diferente da nossa poeta, extremamente presa à realidade palpável, lamentando o fato de uma catástrofe anunciada: a maldição que circundava os típicos daquela época.

Preá

Ponto de Cultura
Espaço Resistência
Parelhas

Raça e resistência

Gaby Oliveira

Repórter / Fotos

Boa Vista dos Negros é uma comunidade quilombola localizada a aproximadamente 17 km do município de Parelhas, Rio Grande do Norte. Berço de uma cultura rica e bela, terra de gente guerreira e que zela pelos costumes, a cidade tem o orgulho de abrigar um dos pontos de cultura mais interessantes do estado.

Segundo pesquisas universitárias, este quilombo teria surgido na segunda metade do século XVIII, quando em um ano de uma grande seca, o pai da negra Tereza, como forma de agradecimento por uma noite passada na fazenda, deixou sua filha para servir na casa do Coronel Gurjão, e alguns anos depois ela teria engravidado dele. Sem poder continuar na Fazenda Retiro, por causa do acontecimento, Tereza saiu de lá e apossou-se de umas terras que seriam do coronel, o que veio a ser, hoje, a comunidade Boa Vista dos Negros.

No ano de 1993, diante do preconceito, dificuldades de acesso a informação, barreiras criadas pela sociedade, ausência de tecnologia, a comunidade decidiu que necessitava estar cada dia mais organizada para buscar seus direitos. Neste momento surgiu a ADECOB (Associação de Desenvolvimento Comunitário de Boa Vista dos Negros). Através da Associação, a comunidade progrediu bem mais rápido. Conseguiram acesso facilitado ao poder público, às instituições de apoio social, assim como foram ganhando seu espaço na sociedade. Daí veio a oportunidade de ser instalado ali, naquele "terreiro cultural", um Ponto de Cultura.

Maria das Graças Fernandes, no ano de 2009, como presidente da Associação, em parceria com representações da comunidade, a Casa de Cultura de Parelhas e o CRAS Ivan Bezerra (Centro de Referência e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Parelhas) ousou participar de um edital lançado pelos Governos Federal e Estadual, junto à Fundação José Augusto, para abertura de Pontos de Cultura. "Ganhamos quase por unanimidade, nossa cultura foi o carro-chefe" disse Maria das Graças, feliz com a contemplação da comunidade. Naquele momento, o Ponto de Cultura Espaço Resistência, assim nomeado em assembleia, passava a ser o maior núcleo de apoio à comunidade e aos visitantes. Ali seriam criados novos projetos de propagação da cultura, como também haveria fortalecimento dos projetos já existentes na comunidade, como por exemplo, o Grupo Pérola Negra - movimento de danças afro, formado por mulheres da comunidade, e o Grupo de Percussão Afro Regueiros - composto por rapazes quilombolas. Esses grupos tiveram oportunidade de ser divulgados e apreciados pela comunidade e seus visitantes.

O Ponto de Cultura a princípio teria que receber uma verba dividida em duas parcelas. A primeira foi liberada no ano de 2009, logo após a conquista do Espaço. Esta verba foi utilizada na renovação dos figurinos do grupo, o melhoramento dos instrumentos de percussão, material de trabalho para o Ponto de Cultura, a instalação de várias oficinas para a comunidade como: Corte e Costura, Música, Dança, entre outras tantas que foram possibilitadas através dessa verba.

"Desde o ano de 2011, as ações que foram planejadas para o Ponto de Cultura estão paradas, pois estamos tentando o recebimento da segunda parte do dinheiro para darmos continuidade às atividades, mas, infelizmente tem sido difícil. Porém, nada nos faz parar, estamos sempre na busca de parcerias que se interessem e nos ajudem a manter vivos nossos costumes e tradições", diz Maria das Graças.

A UFRN e a Prefeitura Municipal de Parelhas têm sido importantes nesses momentos. "No ano de 2012 fechamos uma perfeita parceria com um projeto de Extensão da UFRN intitulado Estratégias para uma Educação Patrimonial em Comunidades Quilombolas do Seridó, que atuou na comunidade até o final de 2013. Era coordenado pela Prof. Dra. Julie Cavignac, do Departamento de Antropologia da UFRN". O objetivo principal do projeto era a busca, a produção e a divulgação de informação sobre a história, a cultura e os costumes das comunidades quilombolas. Através do resgate das raízes dos antepassados, foi possível proporcionar a valorização de sua história original.

Esta parceria trouxe até a comunidade importantes oficinas, como de Fotografia, Produção de Texto, Audiovisual, assim como visitas técnicas a museus e outras comunidades. A intenção se-

ria formar jovens conhecedores e esclarecidos de sua cultura.

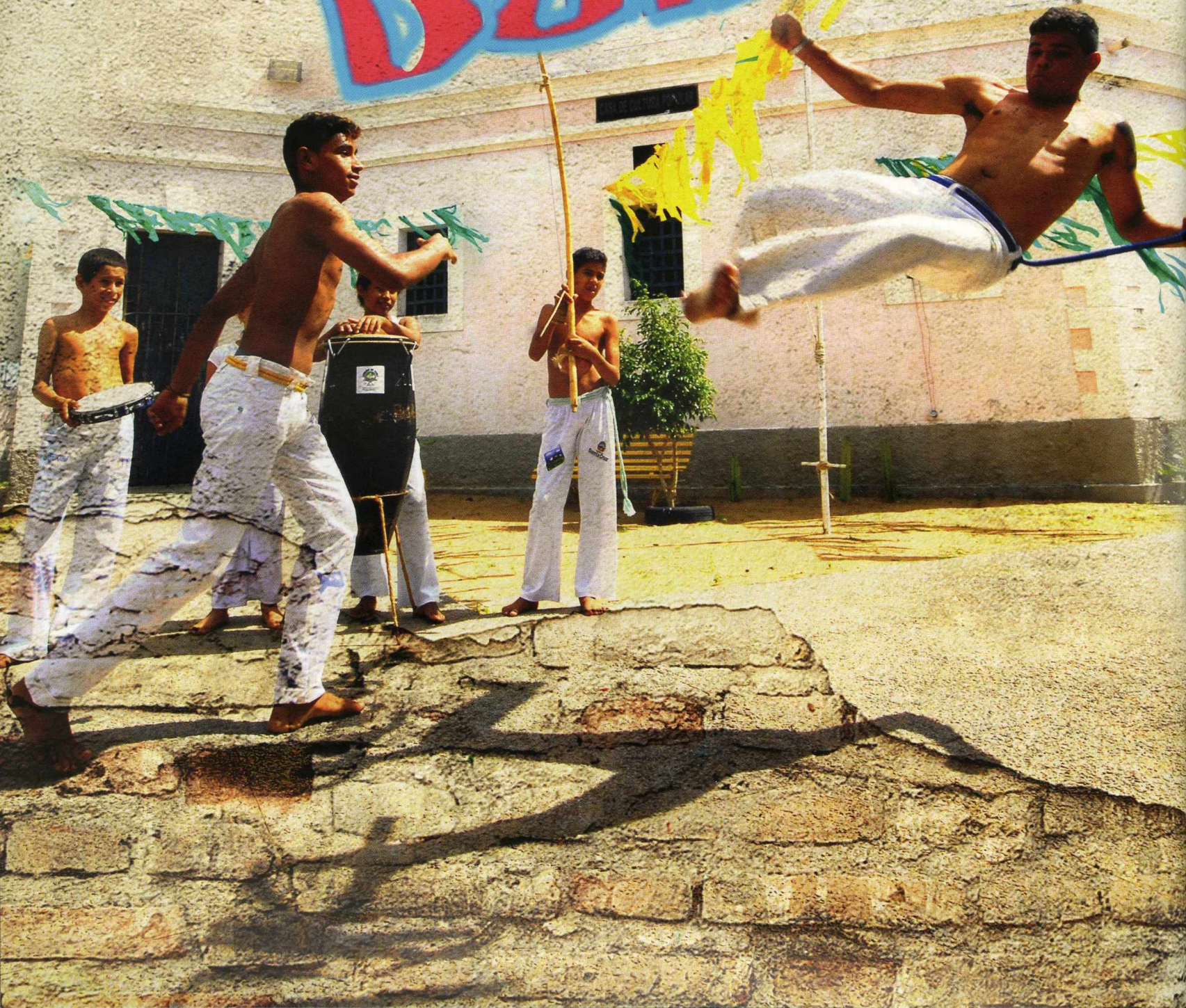
A parceria com a Prefeitura se mantém viva, através de palestras sobre saúde, drogas, gravidez na adolescência, racismo, educação, entre outras que continuam sendo realizadas. *"Ainda em 2012, tivemos a oportunidade de realizar a I Semana da Consciência Negra na Comunidade Boa Vista", diz Maria das Graças.* O evento contou com a participação de várias instituições, como escolas públicas e particulares. Durante uma semana, o espaço onde funciona o Ponto de Cultura ficou aberto à visitação da Exposição Fotográfica Túnel do Tempo de Boa Vista. A exposição relatava desde o surgimento da comunidade às mudanças de costumes, bem como os nomes que foram importantes para a comunidade e serão exemplos eternos para todas as gerações. Falava sobre as lutas, as conquistas, os projetos, as atividades. *"Durante um passeio naquela sala, você revivia uma história de luta de séculos de um povo negro e vencedor",* diz emocionada Lilian Suzana, jovem quilombola, membro da comissão organizadora do evento.

Boa Vista dos Negros é um dos maiores potenciais turísticos da cidade de Parelhas, porém permanece ainda um tanto esquecido. Deveria ser mais explorado, visto com outros olhos, com "olhos grandes", para que fossem desenvolvidas grandes ações de incentivo à cultura, de fortalecimento, de aproximação da sociedade. "Até que isso aconteça, vamos tentando daqui propagar a cultura e fazer valer nossa força, com o pouco que temos, e fortalecer a cada dia nossas parcerias que tanto tem nos ajudado ao longo desses anos, diz Maria das Graças. E completa: Se não tens forças para ir, não terás companhia. ■

Preá

Ponto de Cultura
Palácio do Inharé
Santa Cruz

ATELÍ BERTA



Luana Ferreira

Repórter

Fotos: Ney Douglas

O Ponto de Cultura Palácio do Inharé funciona na Casa de Cultura de Santa Cruz, na verdade uma antiga cadeia com quase um século de existência, localizada na principal rua da cidade, a mesma que abriga a Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia e a feira livre aos sábados. É ali que produtores culturais, poetas, dançarinos, capoeiristas, escultores, atores e até escoteiros se reúnem para confeccionar atividades que desenvolvem em toda a região do Trairi. Isso inclui oficinas, exposições, saraus lítero-musicais, exibição de filmes, debates, lançamento de livros, arraíás, quadrilhas juninas e o festejado Auto de Santa Rita, em homenagem à padroeira do município.

Esses eventos, no entanto, têm mais relação com a força conjunta dessas pessoas que propriamente com a razão pela qual o local se tornou Ponto, desde 2008. Isso porque houve uma troca de gestão de lá pra cá e as prioridades de outrora viraram rubricas em uma planilha difícil de seguir. O Ponto está para devolver R\$ 20 mil dos R\$ 50 mil enviados até agora pelo Governo Federal. “O que estava programado não correspondia aos nossos anseios”, justificou a atual presidente, Débora Raquel Lopes, ex-igente de cultura e agora secretária de Turismo Esporte e Lazer de Sítio Novo, um município vizinho.

Para Débora, que também está para sair, o que de melhor o Ponto de Cultura trouxe foi a união de artistas em torno de projetos de diversas naturezas. Talvez o exemplo mais concreto disso seja a encenação do Auto de Santa Rita de Cássia em frente à Igreja Matriz todo mês de maio desde 2010. O evento é pago pelo Governo do Estado

e este ano custou R\$ 60 mil. Nos dois meses que antecedem a apresentação do espetáculo, dezenas de santa-cruzeses, entre atores, músicos, dançarinos e equipe técnica, trabalham intensamente na elaboração de texto, roteiro, confecção de figurino, cenários e preparação de atores. Tudo é feito na cidade, que se enche de expectativa para adivinhar de onde a santa irá surgir (esse ano ela desceu do alto da igreja, pendurada por cabos de aço).

Santa Cruz é bastante católica: no último censo do IBGE, quase 85% da população declarou-se praticante dessa religião (em Natal esse percentual não passa de 70%). O município, que fica a 115 km da capital, levou o nome da santa das causas impossíveis até que uma cruz feita com galhos do inharé, árvore conhecida por atrair seca e outros males, trouxe bonança ao lugar e ficou mais falada que a padroeira. Daí foi chamada Santa Cruz da Ribeira do Trairi - os dois últimos nomes foram cortados há exatamente um século, quando foi finalmente registrada como cidade. Antes da santa, da cruz e do registro, quando era apenas um povoado, a região tinha o simpático nome de Malhada do Juazeiro, por conta de um vistoso exemplar da espécie que ficava no alto de um monte, derrubado em 1835 para dar lugar à Igreja Matriz.

ARTE PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Outra consequência importante da abertura da Casa de Cultura aos artistas, não por seu tamanho, mas por seu significado, é a *Atreva-se*, associação LGBT (sigla que abriga Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais), fundada ano passado. Além de eventos como exibição e discussão de filmes com a temática LGBT, a *Atreva-se* também orienta adolescentes e professores sobre sexualidade,

direitos civis e prevenção contra DSTs, o que pode acontecer em escolas, na rua ou em pontos de prostituição da cidade. “Antes esse público era completamente desassistido, Santa Cruz não tinha nada dessa natureza”, explicou a diretora Lara Bianc, transgênero de 23 anos. No mesmo dia da entrevista com Lara, a associação realizaria o primeiro Arraíá da Diversidade de Santa Cruz.

Entre 2012 e 2013 o Ponto realizou com parte dos recursos vindos do Ministério da Cultura oficinas de dança, teatro e capoeira envolvendo pessoas socialmente vulneráveis de diversas faixas etárias. Alguns dos alunos de dança atualmente são coreógrafos e professores, o que orgulha o instrutor, José Eriberto, o Beto, de 24 anos. Ele aprendeu a profissão indo e voltando diariamente da Companhia de Dança do Sesc em Natal e, como Débora, hoje também é funcionário público em Sítio Novo. Já Idalino Suprici, instrutor de capoeira de 22 anos, acha que as oficinas foram importantes para resgatar esse tipo de expressão cultural no município. “A capoeira estava praticamente extinta, e hoje a gente mostra para as pessoas de Santa Cruz o maculelê, o samba de roda, que ninguém mais via por aqui”. Ele faz apresentações todos os sábados na feira livre e continua com as oficinas na Casa de Cultura, mesmo sem ganhar um tostão. A maior parte dos alunos é pobre e sequer tem condições de comprar o uniforme, confeccionado às custas de patrocínio do comércio local. Idalino foi aluno de um projeto semelhante quando criança e acredita no poder de transformação social da capoeira. “Nós orientamos sobre drogas, prostituição, álcool. Se um aluno vier pelo menos uma vez na capoeira vai sair com uma boa ideia”.

Pobreza, prostituição e uso de drogas pesadas, como o crack, foram proble- ►►

mas constantemente mencionados durante as entrevistas com membros desse Ponto. Santa Cruz tem o melhor Índice de Desenvolvimento Humano da região do Trairi, 0,635, mas não porque ele seja realmente bom, e sim porque seus vizinhos são piores. O PIB per capita fica atrás de municípios potiguares nanicos como Vila Flor e Passagem e de quase todos da vizinha região do Seridó. A maior parte da renda dos 38 mil habitantes vem da oferta de serviços, porque nem a agropecuária nem a indústria é bem desenvolvida. Por isso, o trabalho com cultura em Santa Cruz, principalmente com crianças e adolescentes, quase sempre vem ligado à possibilidade de transformação social.

A Casa de Cultura também dá apoio e espaço a atividades tão diferentes como a escultura, o escotismo e atividades do Museu Rural Auta Pinheiro de Bezerra, iniciativa solitária de Claudia Bezerra Pacheco. Para o presidente do Grupo de Escoteiros, Roberto da Silva, de 49 anos, a Casa de Cultura deveria se preocupar menos com os artistas e organizar meios de envolver mais a comunidade, mas ele parece ser voz isolada ali. Roberto mantém

com outros instrutores um grupo de escotismo atuante no local sem receber nada para isso.

Uma característica comum a todos os projetos é a dificuldade em conseguir recursos. "A gente sofre porque parece que as coisas não chegam no interior, fica tudo na capital", disse o poeta e cordelista Gilberto Cardoso Santos, ao que Claudia, dona do museu, emendou: "A gente faz cultura aqui porque tem coragem".

Gilberto é autor do texto do Auto de Santa Rita de Cássia desde que ele começou a ser encenado. Junto com outros 19 poetas e apoiadores, mantém a Associação de Poetas e Escritores de Santa Cruz, a Apoesc, que promove recitais lítero-musicais, saraus, lançamento de livros no teatro com cenário, música e vinho, e apresentam o programa semanal Apoesc em Canto e Verso em uma rádio de Santa Cruz. Um dos membros é a própria Débora Lopes. A ideia é divulgar a poesia e a música de autores regionais.

É comum escolas de municípios vizinhos convidarem os poetas para parti-

ciparem de atividades literárias. Em um desses encontros, em Lajes Pintada, o poeta Hélio Crisanto, homenzarrão da voz grave e chapéu tipo Panamá, foi agarrado por um garoto aos prantos. "Eu conheci um poeta! Eu conheci um poeta!", repetia o aluno e quase fez Hélio chorar também. Dias atrás ele havia protestado ao anúncio da professora de que o escritor viria para um bate-papo. "Professora, não existe poeta vivo, todos estão mortos!"

A impressão que ficou é que o Ponto pode não se desenvolver a contento. Débora Lopes, a presidente, disse que o museu quer virar Ponto, a Apoesc quer virar Ponto, e que tinha planos para a cidade onde é secretária hoje, mas nada de projetos para o Ponto de Cultura Palácio do Inharé. Vale lembrar que o Ponto recebeu apenas uma parcela e ainda devolveu dinheiro. O fortalecimento da Apoesc, o surgimento da Atreva-se, a realização dos Autos de Santa Rita e a organização das oficinas são reflexo do poder de união que um Ponto de Cultura pode exercer sobre artistas de diferentes naturezas, catalisando a realização de projetos no município e irradiando arte, educação e cidadania para a sua região. ■



Preá

Poesia

Michelle Ferret



vivo pra morrer de saudade
e todas as noites parecem pardas
quase incendiárias
com seus ocre e mel
escorridos pelas paredes das calçadas
Adoçam o céu
invertem as incertezas
desnudam vulcões
e trazem as erupções para dentro
do outro lado
Quase sempre a mesma calçada
na beira dessa casa em que ninguém se muda.

Os dois vazios de mar
Procuravam areia
De bicicleta,
Pedalando o ar
Nos passos
Giravam desesperados
Pés de guardar silêncios
Pequenos
Amenos
Nada que um pouco de riso
Os desfizesse .

Sopa de dores derramando palavras quentes
Quase incendiárias
Pequenas doses de vida
Suportando esperanças não vindas
E continuam
Pelo mundo
Mesmo só
Sentindo tudo.

TERREMOTO

Talvez fosse cedo demais
Para não dizer nada
E o silêncio azul-claro
Daquela cidade
Não afastava nem um segundo
O terremoto
Era tarde
Muito noite
Distraída saudade
Liquidificada no vazio
Das eletricidades invisíveis
Acendendo as pequenas lâmpadas
De dentro
Quarenta velas
Pouco calor
Manta de brisa
Quase nuvem
Neblina emprestada
Das ruas
De dias atrás
De anos
Até de séculos
Desfeitos num só pedaço
De tempo
Explodindo
Tudo.

PÁSSARO FEITO DE EFÊMERO

Vivo para inventar planos de fuga
E todas as noites
Gaiolas inteiras se abrem por dentro
A matéria-prima
Escolhida ao acaso
Une silêncio, dorzinhas, arames cortados e um pouco de solidão
Disso tudo se faz portinhas infinitas
A passagem é o lugar
O voo consequência
Asas pequenas ou grandes
Miragens
Feito desertos inteiros dentro da gente
Não se apagam nunca
Vive-se para inventar planos de fuga
E todas as noites as janelas se fecham para a vida
São pequenas as mortes de dentro
Imagens deitadas de inventos
Vivemos para desenhar planos de fuga
E todos os dias
A passagem é o passageiro
Entre o ir e vir de grades
grandes ou pequenas
Ficar é apenas consequência...

CAJA

Como uma caixinha de melindres
Descubro outras aberturas
Por baixo
Pelos lados
Para não deixar escapar mais nenhum deles
A vida não os precisa
Nem tampouco os dias
Eles servem para outros tempos
Em que as coisas e os restos
Sobram

Michelle Ferret é poetisa e professora da Universidade Potiguar - UnP dos cursos de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Cinema e Design Gráfico. Está cursando Doutorado em Ciências Sociais pela UFRN. Prêmio Concurso Luís Carlos Guimarães de Poesia, da Fundação José Augusto.

Preá

Ponto de Cultura
Mãos nas Artes
Natal

TRAQUINAGENS NA RUA

Fabiana Bagdonas

Repórter

“A gente insiste, persiste e não desiste em fazer o teatro do Rio Grande do Norte, mas é dureza”. Apesar de o comentário ter um tom de desabafo, João Maria Pinheiro (líder do Grupo de Teatro Artes e Traquinagens) é defensor de iniciativas como os pontos de cultura. Responsável pelo Ponto de Cultura Mãos nas Artes, ele classifica a burocracia exagerada como o principal problema do programa mantido pelo Governo Federal, em parceria com Estados e prefeituras municipais.

As exigências são tantas, sobretudo na prestação de contas, que o grupo precisou contratar pessoas para cuidarem da papelada referente ao convênio. Em maio passado, representantes de pontos de cultura de todo o Brasil participaram, em Natal, da Teia Nacional da Diversidade. A burocracia também foi eleita vilã da história. *“É tudo tão complicado, que hoje existem empresas especializadas em cuidar desta documentação e até em elaborar projetos”*, afirma Pinheiro.

O Ponto de Cultura Mãos nas Artes foi iniciado em 2008, quando o Grupo de Teatro Artes e Traquinagens já planejava desenvolver um trabalho semelhante. *“Vimos neste projeto lançado pelo governo federal uma forma de viabilizar nosso pensamento de promover cursos de teatro, figurinos e adereços e de palhaço”*, lembra João Maria Pinheiro. Firmada a parceria por intermédio da

Fundação José Augusto, o grupo elaborou um projeto, que deveria ter sido finalizado em 2010.

As atividades desenvolvidas beneficiaram moradores das comunidades do Alecrim, Guarita, Quintas e Dix-Sept Rosado. As oficinas de teatro de rua reuniram mais de 30 jovens. O curso de figurinos, adereços e bonecos contemplou cerca de 20 pessoas. *“Algumas das senhoras chegaram pensando que o curso era de corte e costura: queriam aprender a costurar, mas se entusiasmaram com as oficinas ministradas pelos competentes profissionais que contratamos”*, destaca. Ao final das atividades, um espetáculo de teatro de rua foi apresentado na Guarita.

O dinheiro repassado por meio do convênio foi investido pelo grupo na aquisição de equipamentos. *“Tivemos condições de comprar as máquinas de costura utilizadas no curso de figurinos, adereços e bonecos, o sistema de som para realizar os espetáculos de teatro e, também, equipamentos multimídia”*, enumera João Maria Pinheiro. O montante envolvido no convênio foi dividido em três prestações. Como ainda falta o terceiro pagamento, o Ponto de Cultura Mãos nas Artes não realizou a oficina de formação de palhaços.

Muitas pessoas têm entrado em contato querendo saber a data de início do curso. A expectativa é que possa

ocorrer em 2015. *“O problema é que os custos para a realização da oficina foram estimados com base em valores previstos para 2010 e não podemos atualizar essas estimativas”*, critica o líder do Grupo de Teatro Artes e Traquinagens. *“Temos que seguir à risca todos os valores que colocamos, incluindo os gastos para a compra de material, apesar de estarem defasados”*.

TRAQUINAGENS

Artistas que faziam parte da Cia. Teatral Alegria, Alegria fundaram o Grupo de Teatro Artes e Traquinagens, no ano 2000. A Charanga do Riso e o espetáculo A Companhia Burlesca de Repertório são dois dos carros-chefes da trupe, que hoje é composta por oito integrantes, entre atores e atrizes. Segundo Pinheiro, o ano de 2014 foi atípico, em virtude da realização da Copa do Mundo no Brasil e das eleições gerais. *“Ficamos sem nenhum espetáculo em pauta, pois independente do que a gente se propusesse a apresentar durante esse ano, o povo não iria assistir”*, avalia. Ele revela que as conversas sobre a programação de 2015 já começaram, mas antecipa que o período não está propício para quem utiliza a rua como palco. *“Hoje, nem embolador de coco está vindo para Natal, pois os espaços na rua são mínimos e os fiscais não podem ver alguém abrir uma mala que já vêm abordar para expulsar dali”*. ■



Uma pequena fábula

O murmúrio da água disse
ao pequeno lagarto deitado ao sol:
Eu sou um barco de vento cruzando o rio.
De repente, uma presença diluída se aproxima.
É preciso ouvir deus no abismo de dentro,
disse o pequeno lagarto.

Um olhar sustentado nascia no ventre oculto.

Poema enigma I

No olho do sol não se vê mais o ser sozinho
Há deste lado restos de tudo nacos de nada
Canta na fonte rente à noite no rio sem fim

Poema enigma II

Escada de fogo da meta primordial
Faz dos giros obscuros eternos
Palavras que voam caladas
Visão revelada audição aguçada
Assim não há porque temer a treva

Religare

Teus olhos cerrados expandem-se com o fim da tarde
Tuas sobrancelhas ampliam e deleitam minha visão
Tua boca pede o álcool da minha poesia
E teus dedos tamborilam em meu peito

Há uma água negra e serena roçando nossa face.

Fábio Rodrigo Barbosa da Silva – 1º lugar

Explosões

Sem alarde
rebentam brotos
latejam flores
escorrem seivas
entre o umbigo
e meus pequenos girassóis

sou fundura
poço violado
taça fria
unguento
égide
alquimia.

Transe

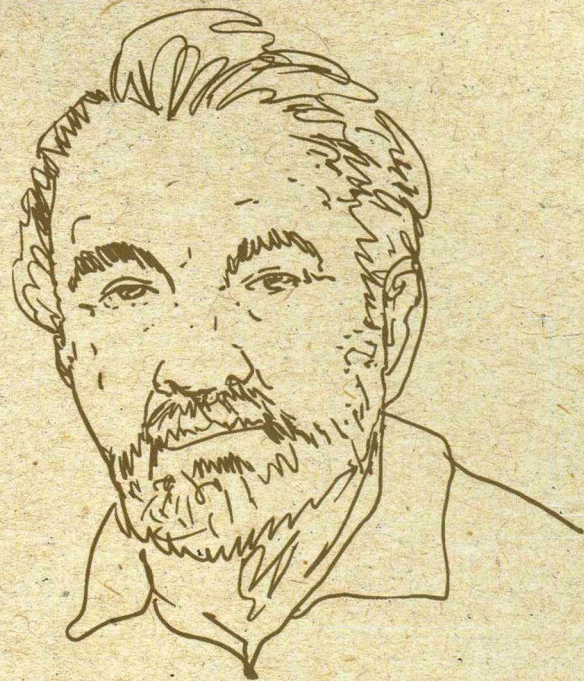
Desabitada de recatos
planto flor no baixo ventre
acendo incensos, velas
ponho sabres, lápis, mel
entro em transe
astro, pétala, pérola, emplasto

agonizo em teu verso denso
absurdamente úmida
e à deriva.

Lilith

Arde. Desde sempre.
E continua renascida
e líquida
pérola incrustada
no ventre feminino.
Abrigo de homens
língua infernal
farta de vontades
volúpia, púbis
ostra burilada
vertente, flama
cicuta.

Jeanne Araújo – 2º Lugar



Oceânico

dissimulo meus temporais
no sereno dos olhos
cravejados de diamantes

pérolas extraídas a ferro e fogo
das ostras insones, bêbadas
de mar |

(jogadas aos porcos
que regurgitam em minh' alma)

em meus olhos marejados
Uma nau sangra
em oceânica dor

(à deriva, naufraga o amor...)

Gestação

violentada
por um anjo
engravido
de um poema

entre riscos
e arabescos
doy a luz
a um dilema...

Cefas Carvalho – 3º Lugar

Preá

Ponto de Cultura
Em Cena Ação
Janduís



“

**VAMOS VIRAR
FILME NACIONAL
E VAMOS FAZER
SUCESSO IGUAL
AO AUTO DA
COMPADECIDA.**

”

Ana Cláudia Barbalho

Repórter

Fotos: Acervo do ponto de cultura

A luta pela qual atravessa o movimento cultural Escambo Popular Livre de Rua, da cidade de Janduís, é imensa, mas as muitas dificuldades enfrentadas para levar adiante o sonho de promover cultura torna a batalha ainda mais bonita.

Transformado em Ponto de Cultura Em Cena Ação, a Companhia Ciranduís funciona em um prédio cedido pela mãe de Lindemberg da Silva Bezerra, Berg, como é conhecido o coordenador da Associação Amigos da Casa de Cultura de Janduís - Ponto de Cultura Em Cena Ação e, também, da Cia. Ciranduís. “Esse prédio aqui é de Mainha.

ONDE JÁ SE VIU UM FUXIQUEIRO GANHAR O MUNDO?

Ela nos cede gentilmente porque também ama as artes. É uma de nossas maiores incentivadoras”.

As múltiplas atividades desenvolvidas pela Cia Ciranduí, entidade sem fins lucrativos, que iniciou suas atividades em 1989, já percorreu várias cidades do RN e Nordeste e os planos deles não param por aí. *“Estamos planejando as atividades de 2015. Sentaremos com todos os integrantes e formaremos comissões que possibilitem nossa participação em editais, concursos e premiações. Inclusive uma de nossas atividades em 2014 foi uma Oficina de Elaboração de Projetos, para que possamos nos qualificar melhor para concorrer com nossos trabalhos”,* explica Berg Bezerra.

Em 2010, o Ponto de Cultura Vapor das Artes foi contemplado com a verba de R\$ 40 mil pela Fundação José Augusto e a última parcela está programada para ser paga nos próximos dias. Com o repasse eles estão planejando comprar o figurino da peça *“O Casaco de Urdemades”* e planejam viajar todo o Brasil com o espetáculo, fazer a Mostra de Cultura Vapor das Artes e continuar investindo em formações multipedagógicas para os participantes da companhia.

Além disso, também foram contemplados, através da Fundação José Augusto, com prêmios e editais específicos como os do RN Junino. Ganharam o Prêmio Delfilo Gurgel, Prêmio Areté - Eventos Culturais em Rede, Prêmio

Chico Villa de Circulação, Prêmio Lula Medeiros de Teatro de Rua. *“Pegamos esse dinheiro e multiplicamos por cem, pois ele nos possibilitou rodar com o espetáculo O Fuxiqueiro”.*

A verba também contemplará a execução do 5º Encontro Anual Escambito Raízes, que acontecerá nos dias 24, 25, 26 de abril de 2015, onde constam atividades como oficinas, debates, fotografia, rodas de capoeira, música, oficina com palhaços, apresentações de teatro de rua. *“Um dos momentos culturais mais ricos de nossa cidade é quando acontece o Escambito – diminutivo de escambo, que significa troca. É justamente essa troca de sabores e experiências o maior legado do evento. Em todas as edições nós recebemos companhias e artistas vindos inclusive de fora do país, como é o caso de Argentina, Colômbia e outros países da América Latina”,* descreve Berg.

As atividades da Companhia não param. Já estão em fase de conclusão, resolvendo os últimos detalhes, da Matinê Natalina, uma grande celebração de Natal onde esperam receber mais de 600 crianças de Janduí e que tem em sua programação apresentações de palhaços, danças, brincadeiras e sorteios de brindes com distribuição de picolé, balas, pirulitos, algodão doce e pipoca. Também programada pros primeiros dias de janeiro de 2015 é a Mostra de Cultura Popular Vapor das Artes, que através de suas atividades

promovem desenvolvimento social e econômico, pois estimulam a economia criativa nas comunidades onde atuam.

Os planos para o futuro são tão belos quanto os espetáculos apresentados e os ensinamentos passados através da arte. *“Nós temos um terreno. Fica lá em cima, no alto da cidade e com muita fé e através do esforço do nosso trabalho construiremos a Escola de Arte, Cultura e Cidadania. Um sonho que nasceu em 2005. Estamos buscando parceira com o Programa Mova Brasil, um programa de alfabetização do governo federal, e já estamos batendo na porta de vários parlamentares atrás de emendas que se destinem à construção da escola.”*

ORGULHO

Seu maior orgulho, a peça teatral de rua O Fuxiqueiro, já foi vista por mais de 30 mil pessoas em mais de 100 apresentações somente em Janduí e mais de 350 espetáculos encenados por aí pelo Brasil. O espetáculo O Fuxiqueiro é um sucesso. Premiada, inclusive, pela Fundação Nacional das Artes – Funarte e pelo Ministério da Cultura e que chegou a render a Berg Bezerra, autor e diretor da peça, o prêmio de melhor diretor de teatro de rua no 3º Festival Nacional de Teatro de Rua. ■

Preá

Ponto de Cultura
ONG Olhares
Natal



Para alumiar novos olhares

Sérgio Vilar

Repórter

Um olhar diferente sobre o fazer artístico. Com uma mira voltada à imagem e à transformação social. A arte vista como ferramenta para a educação e o engajamento da comunidade no projeto de elevação de sua autoestima. É com este viés que a Organização Não-governamental Olhares trabalha há seis anos, transformando jovens em protagonistas culturais e disseminadores da consciência social no bairro ou comunidade onde residem.

O embrião dessa história começa na ONG ZooN, capitaneada pelo fotógrafo Henrique José Concentino, também voltada ao acolhimento de jovens para trabalhar a fotografia como meio de inserção social. Mas no âmbito nacional, uma nova política de cultura surge e desperta o olhar do diretor da ZooM, o também fotógrafo e cineasta Teotônio Roque, que viria a ser, anos depois, coordenador da Rede Potiguar de Pontos de Cultura do RN.

Ainda em 2004, o Ministério da Cultura institui o programa Cultura Viva para financiar práticas culturais pré-existent de grupos e associações culturais

por meio do repasse direto de recursos. Esse recurso é depositado nos recém-chamados Pontos de Cultura, que recebem por três anos 60 mil reais para a execução das ações propostas no projeto com base nos princípios da autonomia, protagonismo e empoderamento.

Com essa ideia de financiamento, Teotônio e a arte-educadora e fotógrafa Andréa Gurgel fundam a ONG Olhares, para capturar a proposta do projeto Cultura Viva. A Cultura Viva propunha, sobretudo, a ampliação do acesso da população aos seus direitos culturais, mediante o fortalecimento das ações de grupos culturais. Era exatamente a ideia do casal, tomando como particularidade o trabalho com as artes visuais.

A Olhares nasce em 2008 já com um corpo de artistas visuais locais, a exemplo de Pacífico Medeiros, Venâncio Pinheiro, Fillipo, Messias Domingos, Adrovando Claro, entre outros. Ideias, ações e objetivos se fortalecem. *"Desde o princípio entendemos que a ONG teria uma ação de ir ao encontro das demandas e públi-*

cos-alvos definidos pela Olhares, não necessitando, assim, de termos uma sede ou grande estrutura para funcionamento", ressalta Teotônio.

Mas para qualquer ação é preciso recursos. E as dificuldades iniciais recaíram aí. A estratégia aplicada foi a da economia solidária, escambo e colaborações para desenvolver as primeiras oficinas e projetos da Olhares. O incentivo maior surge mesmo com a inserção da ONG no programa Cultura Viva a partir do Ponto de Cultura Lumiar, fundado pela Olhares ainda em 2008 para captar os recursos do programa federal.

Aos poucos a Olhares firma protagonismo entre os agentes de cultura potiguares por trazer um pouco da efervescência cultural vivida no país, à época, com o surgimento das Teias regionais, das premiações, caravanas e ampliação da rede de Pontos de Cultura. A ONG, via Ponto de Cultura Lumiar, se fez presente na rede nacional de Pontos de Cultura e traçou uma intervenção na política cultural nos níveis estadual e federal a partir daquele ano. ►

PONTO DE CULTURA LUMIAR

O PC Lumiar objetiva, ainda hoje, valorizar o fazer artístico a partir de registros e incentivos das mais diversas manifestações culturais do Estado potiguar. A metodologia é uma espécie de metalinguagem. A Lumiar produz vídeos do trabalho realizado pelos outros Pontos de Cultura do Rio Grande do Norte. Assim, funciona como polo agregador ou até mesmo interlocutor desses Pontos, fazendo um trabalho de forma colaborativa e fazendo valer a economia solidária entre os Pontos.

Fundamentalmente, a proposta é capacitar uma equipe da Olhares a documentar atividades dos outros Pontos de Cultura do RN em três documentários e uma revista no último ano com esses registros. *“O Olhares e o Ponto de Cultura Lumiar nascem para ser mais um instrumento de agregação e expressão das artes visuais e da arte/educação. Neste sentido, buscamos contribuir para elevar os conceitos, a participação e a atuação dos atores culturais nas políticas públicas de cultura do nosso Estado”*, conceitua Teotônio Roque.

CIDADANIA RETRATADA

Em um mundo pintado pelo glamour das celebridades, registrar ações de cidadania a partir do viés cultural é nadar contra a maré. E se a correnteza é forte, a chegada ao destino gratifica. Paralelo ao trabalho de documentação audiovisual realizado pelo Ponto de Cultura Lumiar, a Olhares também coordena o projeto carro-chefe da ONG, chamado Retrutada Cidadania. São oficinas realizadas de forma colaborativa também junto a outros Pontos de Cultura e, de certa forma, ampliando o alcance das ações do PC Lumiar.

O Retrutada Cidadania procura reunir entre 10 e 20 jovens da rede pública de ensino de um determinado município potiguar. O primeiro passo da oficina é fotografar o cotidiano do lar de cada aluno: amigos, família, particularidades de seu cotidiano doméstico, produzindo um diagnóstico pessoal. Em seguida, os alunos são levados a registrar aspectos positivos e negativos do seu bairro. E por último, já com um olhar mais aguçado, eles fotografam o belo (na ótica deles) da cidade.

Desse material produzido na oficina é escolhida uma foto de cada aluno (independente da qualidade, para que todos sejam contemplados). Cada foto vira um cartão-postal. Normalmente são 20 postais selecionados, que compõem uma coleção reproduzida em 3 a 5 mil postais (150 a 250 coleções), distribuídos na cidade.

Para concretizar esse projeto, a Olhares promove parcerias com entidades locais. A ONG entra com os equipamentos, a metodologia e os educadores, e o Ponto, com a parte gráfica. *“Entendemos e defendemos que, nacionalmente, a rede dos Pontos de Cultura pode e deve ser uma rede de economia solidária [troca de experiência e de serviços]”*.

DIFICULDADES

Esse trabalho da Olhares é feito com regularidade trimestral, na maioria das vezes em parceria com Pontos de Cultura locais. E infelizmente essas oficinas são condicionadas ao repasse dos recursos aos Pontos. *“Mesmo quando a Olhares tem as condições de executar, a falta do repasse faz com que os Pontos não tenham uma dinâmica de trabalho perene. A exceção vale para as ONGs, que estão melhores estruturadas e têm outros projetos”*, lamenta Teotônio.

O próprio Ponto de Cultura Lumiar já foi prejudicado com o atraso desse repasse. *“A maior dificuldade enfrentada pelos Pontos do RN é, sem dúvida, o não cumprimento do contrato/convênio, seja com o governo Estadual ou Federal. Por exemplo, nosso Ponto foi aprovado no edital de 2008 para ser executado em três anos. Portanto, receberíamos uma parcela a cada ano (2009/2010/2011). Mas a primeira veio em 2010 e, acho eu, só receberemos a terceira em 2015”*.

Teotônio acredita na mudança de cenário a partir do próximo ano. Essa expectativa decorre da sanção da agora Lei Cultura Viva este ano, pelo Ministério da Cultura, tornando um programa de Estado e, conseqüentemente, com maior compromisso nas esferas de Governo junto às redes de Pontos de Cultura. *“Essa sanção presidencial vai ajudar não só a manter a atividade dos Pontos, mas também a dinamizar as ações. É de extrema importância essa aprovação”*, ratifica.

AVENTURA CRIADORA

O educador Paulo Freire gostava de afirmar que os homens e mulheres são os únicos seres capazes de aprender. E isso tornava o aprendizado uma *“aventura criadora”* muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. *“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”*, dizia o educador.

E se Paulo Freire influenciou o pioneiro programa educacional De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, implantado no governo de Djalma Maranhão, na Natal da década de 60, ele também é norte para o projeto Retrutada Cidadania. *“Nossa proposta não é somente ensinar*

a técnica fotográfica ou formar fotógrafos, mas alfabetizar com a luz, contribuindo na formação de indivíduos capazes de ler e escrever através de imagens”.

Para Teotônio, “escrever com a luz” ou fotografar é mais do que um processo técnico e mecânico. “O ato de fotografar é reconhecido cada vez mais como uma expressão artística, cheia de especificações técnicas, culturais e subjetivas”. E pontua essas oficinas como espaço de reflexão e busca para uma proposta de intervenção social a partir da utilização das imagens como ferramenta para uma leitura da realidade, construção da identidade, da autoestima e afirmação da cidadania.

E onde Paulo Freire entra na metodologia? Resgatando o conceito de grafia como prática compartilhada. “Nossa oficina busca desenvolver uma prática compartilhada pela luz, construindo relações de grupo, estratégias de mobilização social, protagonismo e levantamento da realidade objetiva e subjetiva dos alunos e de sua região”. É o chamado “diagnóstico interativo”.

NA PRÁTICA

“... toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina...”. Para Teotônio, o mais importante nas oficinas não é simplesmente aprender a tirar boas fotos, mas construir cidadãos despertos para a linguagem visual e alfabetizados em seus princípios éticos e estéticos. “A partir daí, que eles possam ler criticamente a realidade imagética, reproduzida na mídia, no seu cotidiano ou na sua comunidade”.

E a Retratada Cidadania se desenvolve assim: através de aulas explicativas, dinâmicas de grupo, confecção de cai-

xas mágicas (câmara escura), visores de papelão, projeções, visualização de trabalhos de renomados fotógrafos e aulas práticas com máquinas amadoras.

Os jovens são estimulados a fotografar determinada temática. “Ao fotografar o colega e se deixar fotografar de forma lúdica, ao fotografarem sua família, casa e rua, identificamos e realizamos um levantamento (antropologia visual) da situação socioeconômica e psicológica deste jovem. E com as fotografias do bairro levantamos problemas como o lixo, saneamento básico, etc, estabelecendo uma identidade e interação destes com o seu ambiente”, se orgulha o cineasta.

Todo o material fotografado é debatido e editado entre o grupo, possibilitando o conhecimento mútuo e devolução do material produzido para a comunidade, através de exposições fotográficas itinerantes construídas em três momentos: painéis com fotos de cada aluno participante contendo dez fotos [10x15 cm] que conte a sua história; exposição e/ou projeção fotográfica que mostre aspectos positivos e negativos; e publicação da coleção de cartões-postais.

“Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?”. E Teotônio conclui com uma frase de Paulo Freire: “Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela”. ■

Oficinas da Retratada Cidadania

- Ponto de cultura | **Janduís**
- Ponto de cultura | **Mossoró**
- Ponto de cultura | **Grossos**
- Ponto de Cultura | **Viçosa**
- Ponto de Cultura | **Goianinha**
- Ponto de cultura | **São Miguel do Gostoso**
- Ponto de cultura | **Florânia**
- Ponto de Cultura | **Caraúbas**
- Ponto de Cultura | **Martins**
- Ponto de cultura | **IERC - Natal**

*Em todos esses Pontos de Cultura as oficinas foram realizadas de forma colaborativa

Produção de Vídeo-documentário

- O caminho da Serra | **Martins**
- Ciranduís | **Janduís**
- Ação em parceria com MEC – Ensino Médio Inovador
- Escola Estadual Berilo Wanderley

Momentos Importantes

- Os encontros estaduais | **Teia Potiguar**
- A Teia Nacional em Natal
- A participação da Olhares/Ponto de Cultura em Portugal (com as exposições – Por ser de Lá, Retratada Cidadania e Territórios EnCantados).
- Ministrando a oficina Retratada cidadania em Serpa | **Portugal**
- Oficina junto ao IERC (Institutos de Cegos)



Preá

Ponto de Cultura
Tear Cultural
Major Sales

INTENSIDADE CULTURAL EM MAJOR SALES

Ana Cláudia Barbalho

Repórter

Foto: Acervo do ponto de cultura

“Olá, bem-vindos a Major Sales, a Terra da Cultura. Aqui respiramos e produzimos cultura 24h, nos 365 dias do ano”. Foi assim que fomos recebidos pela professora aposentada e produtora cultural Maria Carlos, em Major Sales, essa jovem cidade com apenas 22 anos de emancipação política, que fica na região conhecida como Tromba do Elefante, no Alto Oeste Potiguar e que possui 3800 habitantes, segundo o Senso (2010).

E, de fato, a cidade, bem arborizada e limpa, tem uma vida cultural efervescente. A produção cultural local é incansável e incontestável. Há atividades voltadas para todos os públicos, de todas as idades e muito disso se deve ao trabalho realizado pelo Ponto de Cultura Tear Cultural e Pontinho de Cultura Deixe a Criança Brincar. As atividades contam com o incentivo da Fundação José Augusto, e têm a colaboração direta da Petrobras, do Ministério da Cultura, do BNB e da Lei de Incentivo à Cultura.

Não por acaso, o Pontinho de Cultura Deixe a Criança Brincar está situado no bairro Bom Jardim, um bairro novo, com casas populares e famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, num território periurbano, localizadas no subúrbio da cidade. Espaço onde as atividades rurais e urbanas se confundem. Enfim, um local onde residem várias crianças.



Fonte de orgulho e um dos grandes carros-chefes que projetam o nome de Major Sales pelo Brasil afora, os Caboclos de Major Sales – Malhação de Judas, retratam a mistura de cristianismo com o profano que há 90 anos é comemorada na cidade durante a Semana Santa. A tradição da dança dos caboclos vem se perpetuando no tempo e nasceu da indignação dos índios pela traição de Judas a Jesus.

Os Caboclos de Major Sales além de ser um dos projetos mais reconhecidos e premiados em editais e concursos em todo RN e Brasil, nasceu com a participação de 40 crianças, que trabalhavam a dança, a história, a transferência de saberes ancestrais sob as orientações do Mestre Bebê, figura reconhecida e respeitada por seu conhecimento cultural; Chico Severiano, o sanfoneiro mais idoso da cidade e Nelson Baió, cantor do grupo de Caboclos da cidade.

Tudo por aqui gira em torno do esforço para que as raízes da cultura nordestina continuem vivas na sociedade. Um bom exemplo é o projeto Gera Abraço. O nome não poderia ser mais sugestivo, Gera Abraço, ideia que visa unir, simbolicamente, em forma de abraço, as gerações mais novas com as mais antigas, promovendo a troca de saberes entre as diferentes faixas etárias, como forma de transmissão de conhecimento, preservação e continuidade da cultura Popular. “O passado precisa do presente para se perpetuar e o presente precisa da experiência do passado,” fala Ana Raquel Costa, presidente do Ponto e uma das idealizadoras do projeto.

PRÊMIO INEZITA BARROSO

Em 2010, o Ponto Tear Cultural foi agraciado com o Prêmio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa 2010 – Edição Inezita Barroso, pelo projeto Saber Oral Preservado: uma ação de reconhecimento da

cultura da pessoa idosa, em que apenas seis associações de todo o Nordeste foram premiadas. “Tivemos a oportunidade de mostrar o trabalho feito com os idosos em nossa cidade. Um deles foi a Ação Criô, feito para valorizar o saber ancestral.”

CRIANÇA ESPERANÇA

“Estamos fechando 2014 com o projeto Caboclos de Major Sales – Malhação de Judas, aprovado pelo Criança Esperança, da Rede Globo. Somos os únicos escolhidos do RN. É uma grande responsabilidade, mas também é um grande prazer saber que nosso trabalho, desenvolvido com tanto zelo e amor, é reconhecido nacionalmente”, conta com entusiasmo Ana Raquel.

A partir de 2015, as atividades do Ponto serão ampliadas, hoje são atendidas cerca 150 crianças de 01 a 12 anos, que participam das atividades, sempre em horário inverso ao escolar, visando o combate ao trabalho infantil e a inserção de atividades em tempo integral. E os planos são de duplicar o número de crianças participantes. Com o apoio do Criança Esperança, o Pontinho contará, dentre tantas novidades, com o trabalho de um psicólogo, visando aperfeiçoar a relação sócio-educativa-cultural no conjunto familiar.

TRUPÉ DO SERTÃO

“Quando dava às 5h da tarde, se meu pai já tivesse chegado, ele ligava a vitrola para tocar as músicas de Luiz Gonzaga, senão, quando a gente escutava o trupé do cavalo, a gente mesmo ligava a vitrola para recebê-lo. E ele só chegava em casa cantando ‘de tardezinha quando eu venho pela estrada, a fiarada tá todinha a me esperar...’”, narra emocionada Maria Carlos. “Eu associava o Trupé do Sertão, que era o trupé do cavalo, à alegria de ter meu pai em casa. Essa é uma das

minhas lembranças mais remotas e meu sonho sempre foi batizar algum projeto com esse nome. Por isso o nome da Orquestra, narrou.

TODO MUNDO É UM ARTISTA

“Aqui todo mundo, de uma forma ou de outra, produz arte. Há, no município, atividades para todas as idades e gostos. Até mesmo quem não participa ativamente, colabora com a difusão da memória e costumes do povo”, comenta a produtora cultural.

As múltiplas atividades culturais desenvolvidas na pequena Major Sales impressionam. Para se ter ideia, no último edital do BNB de Cultura, a cidade teve 8 editais aprovados. “Só a nossa associação aprovou 3 projetos, o que prova nossa credibilidade”, relata Maria Carlos, coordenadora do Tear Cultural.

Um deles é a Orquestra Sanfônica Trupé do Sertão, com quase 20 componentes, que foi contemplada no último Edital do BNB de Projetos Culturais 2015 – Lei Rouanet e irá realizar apresentações na cidade e também fora dela, inclusive em outros estados como Paraíba e Ceará. “Não há música nordestina sem sanfona e não há a sanfona sem a música nordestina”, destacou Alcivan Vieira Alves, componente da Orquestra Sanfônica, que sonha em ganhar a vida através da música e da arte e que acabou de passar em 1º lugar no Concurso Público para músico trompetista realizado pela prefeitura de Sousa/PB.

São muitos os passos percorridos, são muitos os caminhos a se ensinar. Há muito a se fazer para que a cultura nordestina continue a ser um dos principais patrimônios imateriais do Brasil. A semente já foi plantada e cresce frondosa no Bom Jardim, em Major Sales. ■

ESTÁ SOBRANDO ARTE NO SOBRA DO

Helder Macedo
Repórter

A cidade de Caicó, situada no coração do Seridó norte-rio-grandense, celebra, há mais de 250 anos, um festejo dedicado a Sant'Ana, sua padroeira. As celebrações religiosas são realizadas num templo igualmente bicentenário, a Catedral de Sant'Ana, localizada no centro histórico da cidade, em frente à Praça Monsenhor Walfredo Gurgel. Atrás da catedral, na rua Padre João Maria, o prédio de nº 134 destaca-se facilmente dos demais, não somente pela sua imponência e por suas cinco portas no pavimento térreo e cinco janelas com grades de ferro no andar superior. Estamos falando do Sobrado do Padre Guerra (1777-1845), que carrega o nome de um dos sacerdotes que mais tempo esteve dirigindo a Paróquia de Sant'Ana, de 1802 a 1845. No Sobrado do Padre Guerra funciona a Casa de Cultura Popular de Caicó, ligada ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que foi inaugurada na Festa de Sant'Ana de 2003. Desde 2004 o artista plástico e agente cultural Custódio Jacinto de Medeiros, de 45 anos, está à frente da Casa de Cultura, promovendo, junto com outros artistas locais, ações nas áreas de Artes Visuais, Música, Literatura e Teatro. Alexandre Freire Muniz, arte-educador, 36 anos, é um desses artistas que, conseguindo driblar as dificuldades

como a falta de apoio do Poder Público, conseguiu, por meio de parcerias com instituições locais, outros artistas e amigos, transformar a realidade do Casarão – como é conhecido popularmente, entre os artistas, o Sobrado do Padre Guerra.

Magão, Dodora Medeiros, Lydia Brasileira de Brito, Djalma Mota, Jussara Santos, Adonay Dantas. Esses são apenas alguns dos artistas que se envolveram com atividades artísticas no Sobrado, desde a implantação da Casa de Cultura. Atividades que frutificaram com o tempo, o que levou os artistas que se reuniam no Casarão, entre 2006 e 2007, a pensarem numa forma de se congregarem enquanto sociedade civil organizada. O amadurecimento da ideia culminou na criação, em 2008, da Associação Comunitária Cultural Amigos da Casa de Cultura Sobrado do Padre Guerra (União do Sobrado), que, hoje, é presidida por Alexandre Muniz.

O grupo da União do Sobrado, ainda em 2008, submeteu proposta de um projeto a um edital do Ministério da Cultura e Governo do Estado do Rio Grande do Norte, ligado ao Programa Cultura Viva, cuja meta era a criação de Pontos de Cultura no território potiguar. O projeto foi vitorioso e, desde então,

o Ponto de Cultura Sobrando Arte no Sobrado vem atuando junto à população de Caicó e cidades circunvizinhas nos segmentos de Teatro, Literatura de Cordel, Artes Visuais, Canto Coral, Pintura e Contação de Histórias e Brincadeiras Populares.



O Ponto de Cultura, segundo Alexandre Muniz, tem um planejamento anual com diversas oficinas de artes, executadas periodicamente, que finaliza com uma mostra de tudo o que é produzido durante o ano, o Mostrarte. Além disso, a Caravana Cultural União do Sobrado tem se destacado entre as ações externas à Casa de Cultura, por levar várias das atividades realizadas pelo Ponto

atividades e como será o início de uma nova administração estadual, o nosso objetivo é que os espaços culturais da nossa cidade sejam administrados por artistas, para facilitar o acesso a novos projetos culturais”.

Em termos de ações formativas, mensalmente, o Ponto de Cultura atende a 130 pessoas, distribuídas nas seguintes atividades, que acontecem na Casa de Cultura Popular: Oficina Básica de Teatro; Oficina de Pintura em Tela – Ateliê Coletivo; Contação de Histórias e Brincadeiras Populares; Oficina de Literatura de Cordel; Oficina de Canto Coral para mulheres acima de 50 anos (Coral Meninas do Encanto); Oficina de Canto Coral para homens e mulheres a partir de 15 anos (Coral Canto Caá de Música Regional); e Oficina de Desenho e Pintura.

No decorrer do ano, as atividades da associação ultrapassam as paredes da Casa de Cultura Popular de Caicó, participando de eventos na cidade e região, como o Baile Carnavalesco; o São João Cultural; a Programação Cultural da Festa de Sant’Ana; o Mostrarte (mostra das atividades promovidas com os alunos das oficinas do Ponto de Cultura); o 27 em Cena; a Caravana Cultural União do Sobrado (apresentações das atividades do Ponto de Cultura de Caicó em outras cidades da região); o Escambo de Teatro Livre de Rua.

As condições para que as atividades artísticas do Ponto de Cultura aconteçam, todavia, nem sempre são das melhores. Segundo Custódio Jacinto, apenas uma das três parcelas do prêmio do Ponto de Cultura foi liberada, no ano de 2011. Desde então, os artistas ligados ao Sobrado Arte no Sobrado têm feito parcerias, estabelecido pactos e, muitas vezes, tirado do próprio bolso para que as ações planejadas acontecessem.

para as comunidades dos municípios da região do Seridó, o que tem proporcionado troca de experiências entre artistas, alunos das oficinas e o grande público. Perguntado sobre os planos para 2015, Alexandre Muniz afirmou que “o desejo é continuar e melhorar nossas

Outro aspecto a se considerar é que, em termos de contrapartida para o projeto do Ponto de Cultura, “o Governo Estadual entra apenas com o espaço, que, há muito tempo, está precisando de uma reforma, mas nossas solicitações não são atendidas”, disse Alexandre Muniz. Em relação à manutenção do Sobrado, não há recursos humanos específicos para isso, além do trabalho de voluntários e de Custódio Jacinto, que é o coordenador da Casa de Cultura. Em tom de reclamação, ele afirma: “*Eu trabalho só, eu tenho que limpar chão. Se chegasse uma pessoa agora que eu estou dando uma entrevista, eu teria que parar a entrevista para receber as pessoas.*”

Malgrado essas dificuldades, os artistas ligados ao Ponto de Cultura Sobrado Arte no Sobrado não esmoreceram e montaram uma rica programação para o V Mostrarte, a ser realizado na segunda semana de dezembro de 2014. Roda de conversa sobre a arte na Ditadura Militar, apresentações dos Corais Canto Caá e Meninas do Encanto, Noite da Poesia (com a participação de Antônio Francisco, da Academia Brasileira de Cordel) e apresentação do Espetáculo Teatral “*O Nascimento de Jesus nas Quebradas do Sertão*”, da Companhia de Teatro Filhos de Acauã. Esses são apenas alguns dos eventos que compõem a programação de encerramento das atividades do Ponto de Cultura em 2014. Um exemplo de abnegação e devotamento às artes no sertão de Caicó. ■



ATÉ SEU FILHO ADOLESCENTE VÁI QUERER SER CRIANÇA NOVAMENTE



Aberta das 8h às 18h,
com pista de corrida
aberta a partir das 5h.
Entrada gratuita.

- * Biblioteca Infantil Myriam Coeli
- * Casa da Vovozinha
- * Escolinha de Artes Newton Navarro
- * Pedalinhos
- * Anfiteatro Lenilson Queiroga
- * Capelinha
- * Quiosques
- * Pista de corrida
- * Trenzinho

Com mais de 25 mil metros quadrados de pura diversão, a Cidade da Criança conta com ótima estrutura e padrão de segurança, para que toda família possa viver momentos inesquecíveis.

RN
GOVERNO
DO ESTADO
TRABALHANDO POR UM RN MAIOR

